

# Novos Poemas e Documentos Inéditos: o espólio Serpa

Fernanda Vizcaíno\* & Jerónimo Pizarro\*\*

## Palavras-chave

Fernando Pessoa, Alberto de Serpa, «Realejo», «Hiemal», «Ficções do Interludio», «Passos da Cruz», sonetos, «Livro de Legendas», «Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero», «A dor que me enche a alma e faz que em vão», «Madrugadas», «Dizem?», Carlos Queiroz, «Às vezes, em sonhos distraídos», «Affonso de Albuquerque», *Mensagem*, cartas inéditas, António Botto, Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões, José Régio, Luís de Montalvor, *Orpheu 3*, Augusto Ferreira Gomes, Alberto Caeiro, João Silva Tavares, Ángel Crespo, Alfredo Guisado, Fernando Távora.

## Resumo

Alberto de Serpa foi um extraordinário colecionador. Ao longo da vida juntou um considerável espólio, um «arquivo pessoal», como lhe chamou, entre cartas recebidas e cartas de terceiros, manuscritos raros, fotografias, provas tipográficas e muitos outros documentos. À guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto ficou grande parte do seu espólio, contabilizando cerca de 5884 documentos, adquiridos em leilão no ano de 1988. Entre os milhares de documentos contam-se onze autógrafos de Fernando Pessoa, além de um breve recorte assinado por Álvaro de Campos, enviado por António Botto a Serpa como um gesto de amizade. Pretendemos descrever este pequeno núcleo de documentos pessoais que Alberto de Serpa «deixou ficar» no seu imenso espólio. A partir do testemunho de cartas de vários contemporâneos como Luís de Montalvor, Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões, Silva Tavares, entre outros, percebe-se o interesse de Alberto de Serpa em adquirir autógrafos de Fernando Pessoa antes mesmo de a obra do poeta lisboeta começar a ser publicada. Muitas outras cartas de tantos outros correspondentes fazem referência a Pessoa, revelando pormenores interessantes sobre o Poeta.

## Keywords

Fernando Pessoa, Alberto de Serpa, “Realejo,” “Hiemal,” “Ficções do Interludio,” “Passos da Cruz,” sonnets, “Livro de Legendas,” “Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero,” “A dor que me enche a alma e faz que em vão,” “Madrugadas,” “Dizem?”, Carlos Queiroz, “Às vezes, em sonhos distraídos,” “Affonso de Albuquerque,” *Message*, unpublished letters António Botto, Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões, José Régio, Luís de Montalvor, *Orpheu 3*, Augusto Ferreira Gomes, Alberto Caeiro, João Silva Tavares, Ángel Crespo, Alfredo Guisado, Fernando Távora.

---

\* Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas.

\*\* Universidad de los Andes, Departamento de Humanidades y Literatura; Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Teatro.

**Abstract**

Alberto de Serpa was an extraordinary collector. During his lifetime he put together a considerable estate, a “personal archive” as he called it, made of letters, rare manuscripts, photographs, typographical proofs and many other documents. The Municipal Public Library of Oporto (Biblioteca Pública Municipal do Porto) keeps some 5884 documents of his archive, which were acquired in a 1988 auction. Among the thousands of documents one may find eleven autographs of Fernando Pessoa, besides an extra paper cutting signed by Álvaro de Campos, sent by António Botto to Serpa as a token of friendship. We intend to describe these few documents that Serpa “simply left there” in his great archive. Considering several letters written by several contemporaries, such as Luís de Montalvor, Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões, Silva Tavares, among others, it becomes evident that Serpa was interested in acquiring autographs of Fernando Pessoa even before the work of the famous Lisbon poet started to be published. Many other letters still, from other correspondents, mention Pessoa and reveal curious details about the Poet.



Em 1906, dezoito anos após o nascimento de Fernando Pessoa, nascia no Porto a doze de dezembro o poeta Alberto de Serpa Esteves de Oliveira. Profissionalmente multifacetado, exerceu as mais diversas funções ao longo da sua vida. Durante três anos, chegou a frequentar o Curso Superior de Direito, em Coimbra. Fez parte do movimento da *Presença* e foi secretário da segunda série da revista. Ao consultarmos o espólio Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto, chamou-nos à atenção a dimensão e a diversidade do mesmo, bem como o bom estado de conservação da maioria dos documentos. Este impressionante espólio começa a ser reunido muito antes do século XIX e atravessa todo o século XX. O espólio serpiano não se resume nem se esgota em Fernando Pessoa, porém, em boa parte do imenso epistolário aí reunido, podemos encontrar inúmeras referências e relatos de contemporâneos do autor de *Mensagem* que nos permitem estabelecer diversos pontos de contacto. Estão todos lá. Os ilustres, os mais conhecidos, os menos conhecidos e os desconhecidos ou ignorados pela crítica literária. Percorrer o espólio serpiano significa traçar um mapa das letras portuguesas. No pequeno texto introdutório do catálogo desse espólio, o poeta Albano Martins<sup>1</sup> escreveu a 26 de março de 1988:

Por ali passam as gerações, os vultos, de elevada ou reduzida estatura, que ergueram ou ajudaram a dar corpo e feição aos movimentos literários a partir do século XIX. Herculano, Garrett, Eça, Camilo, Antero, Castilho, João de Deus, Junqueiro, Cesário, Oliveira Martins, têm aqui o seu lugar. E Bocage e a Marquesa de Alorna, um pouco mais atrás. E Eugénio de Castro, Gomes Leal, Raul Brandão, Pascoaes, Afonso Duarte. E o primeiro modernismo, com os seus chefes de fila – Pessoa, Sá-Carneiro, Almada. E todos os presencistas. E os neo-realistas. E os surrealistas. E os “Cadernos de Poesia”. E a “Árvore”. E a “Távola Redonda”. Escritores, poetas, músicos, pintores, actores, dramaturgos, filósofos, políticos, nacionais e estrangeiros [...] desfilam aqui, no diálogo interpessoal e em larga manifestação da curiosidade intelectual e dos rasgados interesses culturais do detentor deste prodigioso acervo.

(FERREIRA, 1988: 7-8)

O espólio Alberto de Serpa, passados trinta anos da sua aquisição pela Biblioteca Pública Municipal do Porto, permanece ainda por explorar e é poucas vezes citado na literatura.

Além de inúmeros testemunhos autógrafos (manuscritos, primeiras provas, livros, revistas, postais, cartas de terceiros, etc.), adquiridos ao longo de décadas, Alberto de Serpa cartou-se com inúmeros contemporâneos, entre os quais se destacam personalidades tão distintas como José Régio, João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro, Raul Leal, Luís de Montalvor, Armando Côrtes-Rodrigues, António Botto, José de Almada-Negreiros, Charles

---

<sup>1</sup> Albano Dias Martins (1930-), professor, poeta e escritor português que, no princípio dos anos oitenta, fez parte da Comissão Instaladora do Museu Nacional de Literatura, juntamente com Alberto de Serpa, Fernando Guimarães, José Augusto Seabra e Saul Dias.

David Ley, Marques Matias, Ángel Crespo, Antero de Figueiredo, José Blanc de Portugal, Victorino Nemésio, Hernani Cidade, Aquilino Ribeiro, Marcelo Caetano; e entre os brasileiros contam-se, entre outros, Cecília Meireles, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Faz parte do espólio serpiano um pequeno acervo de autógrafos (dactilografados e manuscritos) de Fernando Pessoa, incluindo duas cartas de Fernando Pessoa para o poeta portuense e uma carta escrita pelo poeta António Botto dirigida a Alberto de Serpa. São onze documentos registados no catálogo desse espólio da seguinte forma:

927 – PESSOA (Fernando)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE. 10-7-1934. Dim. 27 × 21,5 cm.

Poesia dactilografada, com emendas manuscritas, cremos que inédita, porquanto não consta da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, dada a lume em 1983, pela Aguilar, do Rio de Janeiro.

Tem dois versos dactilografados, riscados e substituídos por outros, do punho do Poeta; com uma estrofe completa recusada, porquanto, embora integralmente legível, foi riscada a tinta, com traço diagonal serpenteante; por baixo da data, inteiramente manuscrita, tem uma outra estrofe cujo primeiro verso, riscado, é o seguinte: “Aguia cuja asa aberta”; o primeiro não riscado, mas ainda assim com palavras substituídas, está como segue: “Seu vulto augusto é cheio de signaes”. Não está assinado, como grande parte dos autógrafos do autor, mas sem qualquer dúvida de sua autoria.

928 – PESSOA (Fernando)

[AH, A ANGUSTIA, A RAIVA VIL, O DESEPERO]. 15-1-1920. Dim. 20 × 15 cm.

Poesia dactilografada sobre meia folha de papel almaço azul, com uma emenda que, a nosso ver, lhe garante a autenticidade de ter sido executada pelo próprio Fernando Pessoa. Foi pela primeira vez publicada por João Gaspar Simões na sua *História da Poesia Portuguesa do Século XX* e das suas mãos deve ter passado para as do poeta Alberto de Serpa, seu íntimo amigo.

929 – PESSOA (Fernando)

[ÁS VEZES; EM SONHOS DISTRAIDOS; QUE ME SURGEM DAS ESQUINAS DO PENSAMENTO E DA EMOÇÃO; VISIONO AMORES]. Dim. 32 × 21 cm.

Transcrevemos acima o primeiro parágrafo de um original dactilografado, sem título, original que ocupa toda a frente da folha apresentada. Tem ao alto e ao centro a palavra “Inédito”, a lápis e, como remate, a assinatura “F. Pessoa (a que alguém completou o nome “Fernando”)), assinatura que, a nosso ver, é o único elemento de duvidosa autenticidade, porquanto examinando os caracteres gravados concluímos serem os mesmos que dactilografaram o poema “Affonso de Albuquerque”, acima catalogado e cuja autenticidade é indubitável.

930 – PESSOA (Fernando)

[DIZEM? / ESQUECEM. / NÃO DIZEM? / DISSESSEM]. Datado DEZ. 27 / JAN. 28. Dim. 21,5 × 13,5 cm.

Poesia dactilografada muito provavelmente pelo próprio Fernando Pessoa, não assinada, cuja primeira quadra acima se transcreve como título, que não tem. Foi pela primeira vez publicada por Carlos Queiroz na *Homenagem a Fernando Pessoa*. Depois da data, que acima também fica transcrita, tem mais: “e valeu a pena!”

931 – PESSOA (Fernando)

[A DOR QUE ME ENCHE A ALMA E FAZ QUE EM VÃO]. 15-1-1920. Dim. 20 × 15 cm.

Poesia sem título e cujo primeiro verso fica transcrito, dactilografada sobre meia folha de papel almaço azul em tudo semelhante ao que se descreve em seguida, com a mesma data, executada na mesma máquina e que por essas razões, não duvidamos em atribuir a Fernando Pessoa. Acresce ainda o facto de parte do quarto verso da segunda quadra estar riscado e ter sido acrescentado um, manuscrito, à penúltima.

Poesia inédita, não integrada no *Obra Poética* de Fernando Pessoa, dada a lume no Rio de Janeiro em 1983, pela Editora Nova Aguilar.

932 – PESSOA (Fernando)

LIVRO DE LEGENDAS. Dim. 27 × 21 cm.

Folha manuscrita em papel quadriculado, apresentando na primeira linha o título acima transcrito. Seguem-se os nomes dos capítulos ou partes que deveriam constar de uma obra de que não encontramos rasto nos trabalhos em prosa e verso já publicados de Fernando Pessoa: I. Homeridae (?); II. Os Cinco Reis; III. Trez Deuses; IV. Tavola Redonda. Dentro de cada capítulo ou parte referem-se os nomes dos personagens ou figuras tratadas, mitológicas e históricas, de que, entre outras, se destacam: Agamenon, Aquiles, Ulisses, Helena, Briseis (tendo à frente a seguinte frase: “Por ella a guerra demora-se”), Eneas; Alexandre, Júlio César, Carlos Magno, Napoleão; Buda, Cristo, Apolonio de Tiana; Rei Artur, Galaaz, Lancelot, etc. É provável que este trabalho viesse a intitular-se “Amun-Râ”, palavra sublinhada que, isolada da lista, aparece no canto superior direito. Autógrafo de segura atribuição a Fernando Pessoa.

933 – PESSOA (Fernando)

PASSOS DA CRUZ (?) 23-XI-14. Dim. 21,5 × 13,5 cm.

Título e data vêm ao alto de uma folha manuscrita por Fernando Pessoa em ambas as faces. Não assinada.

São os dois sonetos cujo primeiro verso de cada um transcrevemos, pela primeira vez publicados na revista “Centauro” e que na *Obra Poética* de Fernando Pessoa, Aguilar, Rio de Janeiro, 1983<sup>2</sup>, vêm estampados a págs. 61: “Aconteceu-me do alto do infinito” e “Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela.” Estes sonetos, no autógrafo de que nos ocupamos, revelam ligeiras diferenças e algumas emendas do punho do Poeta, relativamente à última obra citada.

Tem ainda esta folha uma outra poesia, que julgamos inédita, sem título e também com emendas. É dela o primeiro verso que a seguir se transcreve: “É sempre bello o rio igual que corre”.

934 – PESSOA (Fernando)

REALEJO e A. (ou Hiernal). Sem data. Dim. 22 × 15 cm.

<sup>2</sup> «1982», por lapso, em FERREIRA (1988: 152).

Duas poesias manuscritas uma em cada face da folha. Não assinadas, mas sem dúvida do punho do Poeta.

A primeira poesia, sem título – “Realejo” – e com a segunda das suas três quadras completamente diferente da que consta deste autógrafo, vem publicada a págs. 74 e 75 da *Obra Poética* de Fernando Pessoa, Aguilar, Rio de Janeiro, 1983 e dela aqui deixamos o primeiro verso: “Pobre velha musica...”; A segunda poesia, no original que apresentamos denominada “A. (ou Hiemal)”, faz parte de “Ficções do Interlúdio”, apareceu pela primeira vez em *Portugal Futurista* e dela transcrevemos o verso inicial: “Balladas de uma outra terra, aliadas”.

Tem no pé, a lápis e do punho de Alberto de Serpa: “Autógrafo de Fernando Pessoa”.

935 – PESSOA (Fernando)

CARTA, datada de “Lisboa 1 de Junho de 1929”. Dim. 27,5 × 21 cm.

Inteiramente manuscrita e assinada pelo Poeta. Não indica o nome do destinatário, substituído pelo clássico “Meu presado Camarada”. Pede desculpa do atraso no envio da colecção da “Athena” que prometera.

936 – PESSOA (Fernando)

CARTA, datada de “Lisboa, 20 de Janeiro de 1935”. Dim. 27,5 × 21,5 cm.

Carta destinada a Alberto de Serpa, dactilografada mas assinada pela sua mão. “O muito que tenho tido que fazer tem me até agora impedido de lhe escrever, quer agradecendo o envio do seu livro *Varanda*, quer dizendo qualquer coisa, que de facto qualquer coisa seja, sobre elle”, o que promete fazer nos próximos dias.

937 – PESSOA [ÁLVARO DE CAMPOS] & BOTTO (Fernando António)

[CARTA DE ANTÓNIO BOTTO E TEXTO DE ÁLVARO DE CAMPOS]. Datada de 10 de Junho de 1947. Dim. 20 × 16 cm.

Interessante carta de António Botto para Alberto de Serpa, que assim começa: “Querido Alberto de Serpa: – cheguei cansado e contente de o ouvir ser meu amigo. [...] Por agora vai o pedacinho estupendo do nosso Alvaro de Campos”. Este “pedacinho” é um fragmento de papel manuscrito a lápis e assinado “Alvaro de Campos”, medindo 5 × 9,8 cm., com sete linhas, inédito, colado na 3.<sup>a</sup> página da carta e cujas três primeiras linhas transcrevemos, reservando para o seu autor para as restantes uma invulgar liberdade de linguagem: “Ora porra! | Então a imprensa portugueza | é que é a imprensa portugueza?”

Estes documentos constituem o núcleo do presente estudo e serão analisados por ordem cronológica. Após a discussão do núcleo, transcrevem-se cartas de vários contemporâneos de Alberto de Serpa que manifestam o interesse do colecionador em adquirir autógrafos de Fernando Pessoa muito antes de a obra do poeta lisboeta começar a ser publicada, revelando pormenores importantes sobre a vida e obra de Pessoa.

## I. «Realejo» e «Hiemal» (BPMP, M-SER-934)

Estes dois poemas, incluídos na *Obra Poética* da Aguilar (veja-se o Índice de primeiros versos de qualquer edição), encontram-se numa folha com os números «3» e «4» no canto superior direito e no canto superior esquerdo, respectivamente, indicando que deve existir – ou deve ter existido – uma outra folha afim contendo outros autógrafos.

«Realejo» é um título que não figura sempre nos testemunhos do poema que começa «Pobre velha música» (com reticências ou ponto de exclamação final). Deste poema conhecem-se um testemunho manuscrito (40-30) conservado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) no espólio pessoano (E3), de que consta o título «Realejo», e um dactilografado (117-27) com o mesmo título. Entretanto, também existem um testemunho dactilografado (117-26) e outro impresso (na revista *Athena*), ambos sem título. É muito provável que o dactiloscrito 117-27 tenha servido para compor a versão impressa de 1924 na *Athena* e que o poema tenha perdido o título ao ser inserido na série intitulada «Alguns poemas». O testemunho manuscrito de «Realejo» (40-30) está datado de 12 de Maio de 1913. Com efeito, muitos dos poemas que Pessoa revelou em 1924 tinham sido escritos dez ou onze anos antes.

O segundo poema, cujo *incipit* é «Balladas de uma outra terra, aliadas» foi dado a conhecer em *Portugal Futurista* (1917), mas será de 1913, e talvez por isso tenha sido transcrito por Pessoa na sequência de «Realejo».

Apresenta-se a seguir um confronto entre dois dos testemunhos conhecidos (Figs. 2 [Serpa] e 1 [*Athena*]) de «Realejo», bem como a descrição de cada um deles e as notas genéticas respetivas:

*Realejo.*

	Pobre velha musica...		Pobre velha <b>musical</b>
	Não sei porque agrado		Não sei <b>por que agrado,</b>
	Enche-se de lagrimas		Enche-se de lagrimas
	Meu olhar parado...		Meu olhar <b>parado.</b>
5	Recordo outro ouvir-te...		Recordo outro <b>ouvir-te.</b>
	Casita singela...	? Nem	<b>Não sei se te ouvi</b>
	Tocava-te um cego		<b>Nessa minha infancia</b>
	Fóra da janella...		<b>Que me lembra em ti.</b>
10	Com que ancia tão raiva		Com que ancia <b>tam</b> raiva
	Quero aquelle outr'ora!		Quero aquelle <b>outrora!</b>
	E eu era feliz?... Não sei...		E eu era <b>feliz?</b> Não <b>sei:</b>
	Fui-o outr'ora agora.		Fui-o <b>outrora</b> agora.
	[BPMP, M-SER-934]		[ <i>Athena</i> ]

[BPMP, M-SER-934]

Pertencente ao espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Uma folha de papel de linhas azuis, acinzentada e com algumas manchas. Manuscrita, frente e verso, a tinta preta. Visível a marca de ferrugem de um clip no canto superior direito (frente da folha), bem como o número «3» manuscrito e sublinhado. Apresenta ainda um vinco de dobra na diagonal (quando dobrado, ocultaria o número manuscrito). No canto superior esquerdo é perceptível a marca de um pequeno agrafio. O facto de apresentar um rasgão com um corte ligeiramente irregular (em todo o comprimento do lado esquerdo do papel), bem como marcas de tinta vermelha, espaçadas e impressas no limite superior do papel, indicia que a folha faria parte de um caderno. Um pronunciado vinco de dobra horizontal, a meio e outro, na parte inferior da folha que, quando dobrado, ocultaria parcialmente as frases manuscritas a lápis: «Autógrafo de Fernando Pessoa» e «11/2 col.». Não é a letra de Pessoa. Verso da folha com carimbo da Biblioteca e marcação da cota [M-SER-934].

NOTAS

<sup>12</sup> <S>/F\ui-o

[Athena]

O poema foi publicado, sem título, na página 83, no número 3 da revista *Athena*, em Dezembro de 1924.

NOTAS

<sup>6</sup> Não [← ? Nem]

Note-se que no exemplar da *Athena* conservado por Pessoa existe uma variante possível: «? Nem» (PESSOA & VAZ, 1924-1925). Veja-se o fac-símile:

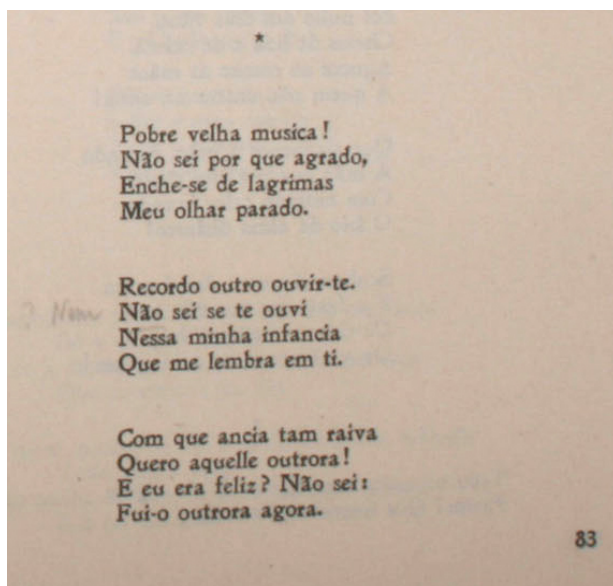


Fig. 1. «Pobre velha musica!» (*Athena*, 1924).

Para o estudo deste poema, talvez seja interessante reproduzir todos os textos existentes no bifólio onde se encontra o testemunho manuscrito (Fig. 5; cf. Pessoa, 2009: 411-412 e 635):

[1]

*Symbolismo**Re[garding] Beaunier*

Para bem compreender o symbolismo é preciso perceber o que elle é como phenomeno literario, no encadeamento da historia literaria. D'onde nasce? Quasi que não nos dizem. Quasi que o teem definido apenas como *oposição*, em relação áquillo<sup>1</sup> contra o qual elle se levanta, reagindo.

– Meros fios: o individualismo dos romanticos – o individualismo dos symbolistas; □

Opposições: o classicismo formal de (alguns) romanticos; o amorphismo dos symbolistas...

– O Symbolismo chegou muito cedo para aquillo a que veiu, para o que se dispoz fazer. A ideação literaria não estava ainda adaptada á desintegração que o S[ymbolismo] lhe impoz. (Impondo-lh'a, o S[ymbolismo] começa<sup>2</sup> a creal-a) – Só agora chegamos á ideação precisa para poder supportar sem desequilibrio essa desintegração...

Entre duas idéas ha sempre um caminho. O que pode ser é muito tortuoso e extranho. Entre dois pontos o classicismo tira a *recta*. O romantismo a *curva*.

As poesias de Gustave Kahn não estão de accordo, absolutamente, com as suas theorias.

[2]

12/5/1913.

*Realejo*

Pobre velha musica  
 Não sei com que agrado  
 Enche-se de lagrimas  
 Meu olhar parado

5      Recordo outro ouvir-te...  
 Casita singela...  
 Tocava-te um cego  
 Fóra da janella...

10     Com que ancia tão raiva.  
 Quero aquelle outr'ora...  
 Eu era feliz? Não sei...  
 Fui-o outr'ora agora.

[3]

*Complexidade*    12/5/12<sup>3</sup>

São horas, meu amôr, de ter tedio de tudo...  
 A minha sensação d'esta Hora é um velludo...

<sup>3</sup> Em princípio, devia ter sido «13» (de 1913) e não «12» (de 1912).

Faça eu d'elle uma capa para o meu saber  
 Que não vale a pena viver...  
 5 Vae alto, meu amôr, o sol de termos tédio  
 Até ao nojo corporal de o saber tido...  
 Sei que vivo... Que horror! Tu és um mero remedio  
 Que tomo para ter vivido...  
 Que horror seres a mesma sempre, não te esmaga  
 10 O sabes-te A Igual? És como as outras. Vaga  
 D'um mar de vagas sempre eguaes é esta hora  
 De ti, ó parco Outr'ora...  
 Separemo-nos, cada um de nós mesmos da ideia  
 Do outro. Nem eco fique do outro ou reverbero...  
 15 Oh como o meu amar-te, ó meu amôr, te odeia!  
 Com que aversão te quero!

[4]

Quando a guitarra chora  
 E amontoa de lagrimas a voz  
 Com quanta dor nossa alma se enamora  
 De sentir quanto a hora é de veloz.  
 5 O eterno fado. É tanto!  
 Como ouvil-o sem ter que soluçar?  
 Reza por nós o nosso pranto  
 Sem a gente saber que está a chorar!

Ó que dôr □  
 10 A gente sente-a e quere-a e não se importa  
 E embala em nossos braços a tristeza  
 Como mãe \*sinto uma creança morta.

[BNP/E3, 40-30 e 30a]

Uma folha de papel de carta pautado, com timbre «A Brasileira | Lisboa». Suporte manuscrito a tinta preta.

NOTAS [1]

1 aquilo ] *no original*.

2 &lt;\*com&gt; [→ começa]

NOTAS [2]

1 Pobre aria [↑ musica.] velha

2 &lt;Eu &gt; &lt;n&gt;/N\ ão sei porque [↓ com que] agrado

4 post &lt;Que ancia \*pura em tempo antigo!&gt; | Que&gt;

5-6 Casa banal... Quanto | Tão banal como ella... [← Recordo outro ouvir-te... | Casita singela...]

7 Tocava-a[↑te] um cego

12 Era-o [↓ Fui-o] outr'ora agora. ] *o autor retoma aqui uns versos que já tinha redigido:*  
 <Mas> <e>/E\ u era feliz? Não sei. | Sou-o então [↓ outr'ora] agora... | Era-o então agora

NOTAS [3]

2 A &lt;sensa&gt; [↑ minha] sensação



3 Cortemos [↑ Faça eu] uma capa para o n/ [↑ meu]  
 5 o sol de termos <\*tedio> [↑ tédio]  
 6 Até ao nojo <physico> [↑ corporal] de o saber <perceber.> [↑ saber tido...]  
 7 <Teu re> [↑ <T> Tu és um mero remedio]  
 9 a mesma [↑ sempre], <que \*tor> [↑ não te esmaga]  
 10 O saber [↓ es]-te A Igual?  
 11 é esta hora [↓ <de ti]  
 13 <\*Estend> Separemo-nos, [↑ cada um de nós] mesmos da ideia <de>  
 14 <O meu \*amar> [↑ Nem eco fique] do outro ou <rever> [↑ reverbero...]  
 17 <Mas> Ó que dôr

## NOTAS [4]

3 m/ [↑ nossa] alma se enamora  
 7 <Sempre> <r>/R\eza por nós

O poema «Complexidade» foi publicado em *Poesia (1902-1917)* entre poemas de 1913 (PESSOA, 2005b: 172-173), sem que as editoras tenham discutido essa datação. A leitura dos versos 13-14 deve ser corrigida. Onde as editoras leram: «Separemo-nos, mesmo se um de nós da ideia | Do outro, mero eco fique do outro ou reverbero...», lemos: «Separemo-nos, cada um de nós mesmos da ideia | Do outro. Nem eco fique do outro ou reverbero...». O poema identificado pelo *incipit* «Quando a guitarra chora» é inédito.

De «Realejo» referimos antes dois testemunhos dactilografados (Figs. 6 e 7), um com título e outro sem título. O segundo é o mais próximo do que foi publicado na revista *Athena*, em 1924.

*Realejo.*

	Pobre velha musica...	Pobre velha <b>musica!</b>
	Não sei por que agrado,	Não sei por que agrado,
	Enche-se de lagrimas	Enche-se de lagrimas
	Meu olhar parado.	Meu olhar parado.
5	Recordo outro ouvir-te.	Recordo outro <b>ouvir-te...</b>
	Creança á janella...	<b>Não sei se te ouvi</b>
	Tocava-te um cego	<b>Nessa minha infancia</b>
	Perto da capella.	<b>Que me lembra em ti.</b>
10	Com que ancia tam raiva	Com que <b>ansia tão</b> raiva
	Quero aquelle outrora!	Quero aquelle <b>outr'ora!</b>
	E eu era feliz? Não sei:	E eu era feliz? Não sei:
	Fui-o outr'ora agora.	Fui-o outr'ora agora.
	[BNP/E3, 117-26 <sup>r</sup> ]	[BNP/E3, 117-27 <sup>r</sup> ]

«Realejo» terá existido em duas versões muito semelhantes, mas terá prevalecido a que foi publicada em vida do poeta.



- 10 E são fumos os rumos das barcas sonhadas, E são fumos os rumos das barcas sonhadas,  
 Nos canaes fataes eguaes de erradas... Nos canaes fataes eguaes de **erradas**,  
 As barcas parcas das fadas, As barcas parcas das fadas,  
 Das fadas aladas e hiemaes Das fadas aladas e hiemaes  
 E caladas... E caladas...
- 15 Toadas affastadas, irreaes, de balladas... Toadas **afastadas**, irreaes, de balladas...  
 Ais... Ais...

[BPMP, M-SER-934]

[Portugal Futurista]

[BPMP, M-SER-934]

Ver a descrição anterior desta folha.

[Portugal Futurista]

Poema publicado em 1917, no número único da revista *Portugal Futurista*, no final da página 23. O título do poema passa a ser apenas *Hiemal*, ao contrário do título que consta da versão manuscrita (espólio Serpa), em que aparece como título: *A.* (ou *Hiemal*).

Note-se, além da questão do título, que no primeiro verso de «Balladas de uma outra Terra, aliadas», a palavra «Terra» é grafada com maiúscula apenas na versão do espólio serpiano; nas restantes surge com minúscula; e que, no décimo quinto verso, a palavra «affastadas» aparece grafada só com um «f» na versão impressa de *Portugal Futurista*, talvez por lapso, porque as restantes palavras com dupla consoante mantêm essa duplicidade. Mas este é um lapso relativo, uma vez que os versos manuscritos conservados também carecem de, pelo menos, uma dupla consoante («aliadas» vs. «alliadadas»):

Balladas de uma outra terra, **aliadas**  
 Ás saudades das fadas, amadas por gnomos **idos**  
 Retinem lividas ainda aos ouvidos  
 Dos luares das [↑ altas] noites aladas...  
 Nos canaes embarcações erradas  
 Segredam-se rumos **descridos**.

Estes versos encontram-se numa folha dobrada em bifólio e manuscrita a tinta preta (Figs. 8 e 9), possivelmente guardada com outra folha contendo os restantes versos (embora já não esteja).

Refira-se para terminar que no mesmo bifólio surgem o final de um poema, «No Jardim do(s) Crespusculo(s)», que começa em BNP/E3, 40-14, e uma parte (ou a totalidade?) de outro, que não terá sido passado a limpo, e cujo *incipit* é: «Tilintando e atraindo». Nenhum se encontra datado, ainda que estejam em suportes arquivados entre poemas de Março-Abril de 1913.

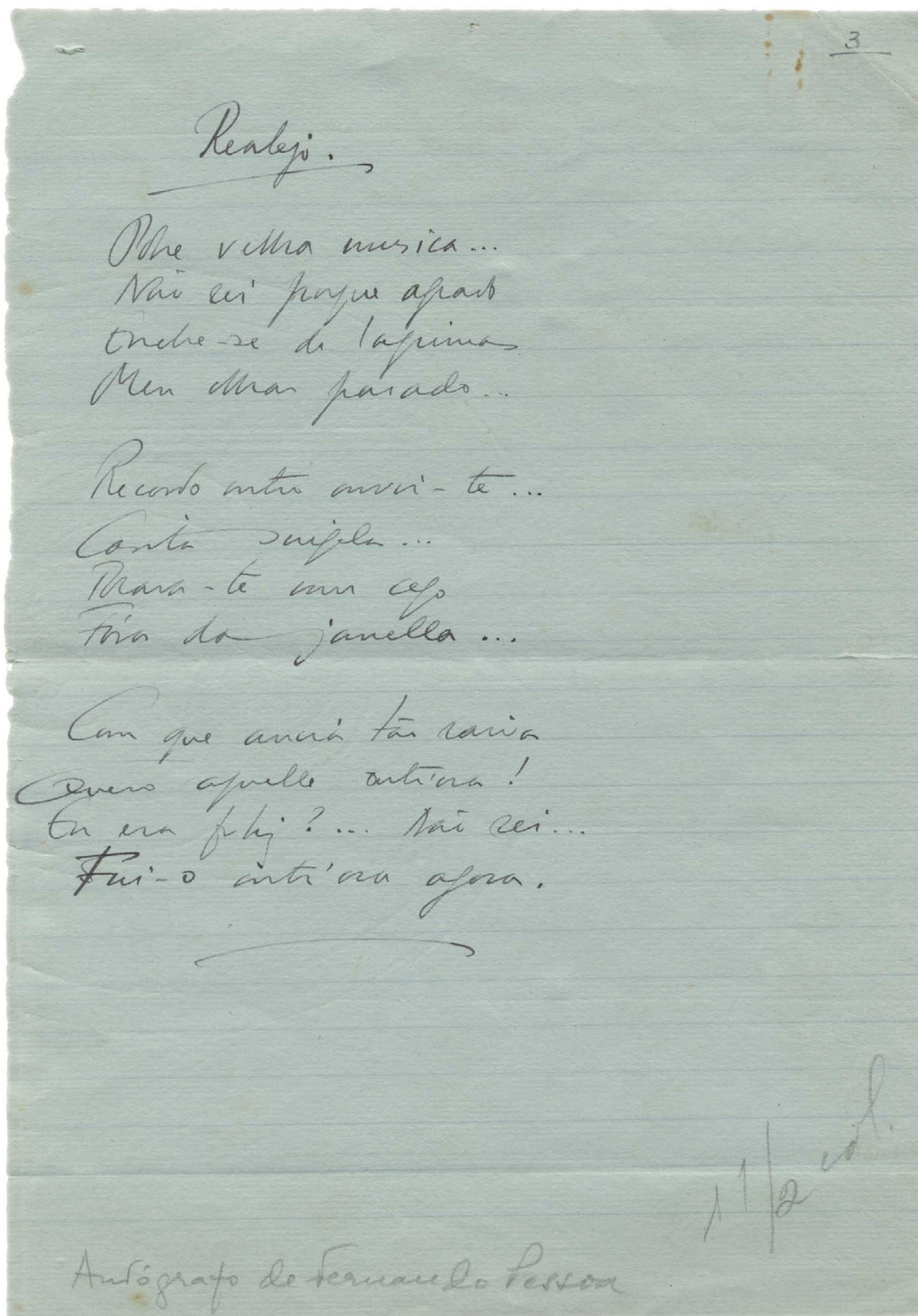


Fig. 2. «Realejo» (BPMP, M-SER-934).

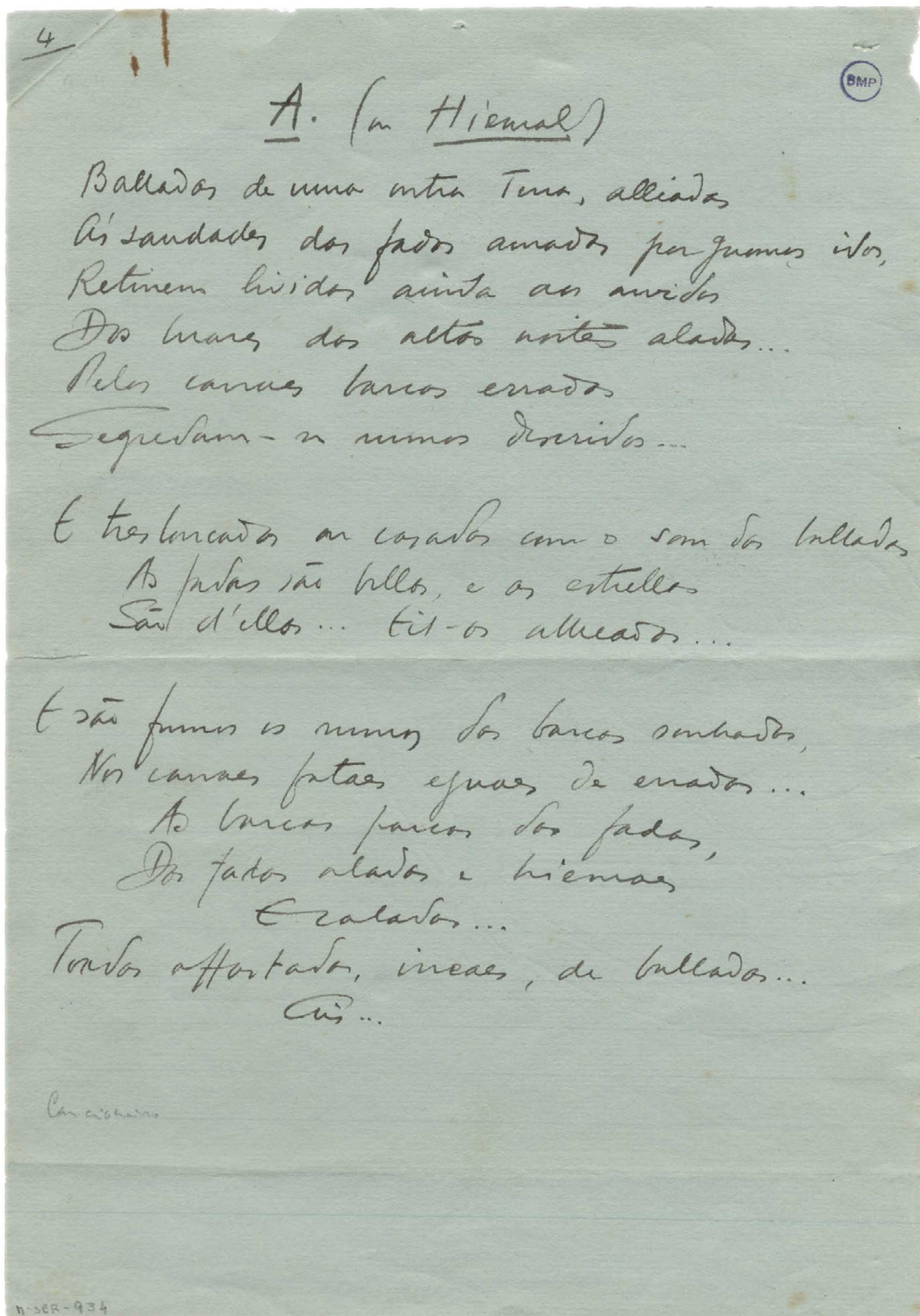


Fig. 3. «A. (ou Hiemal)» (BPMP, M-SER-934).  
 No canto inferior esquerdo figura a cota.





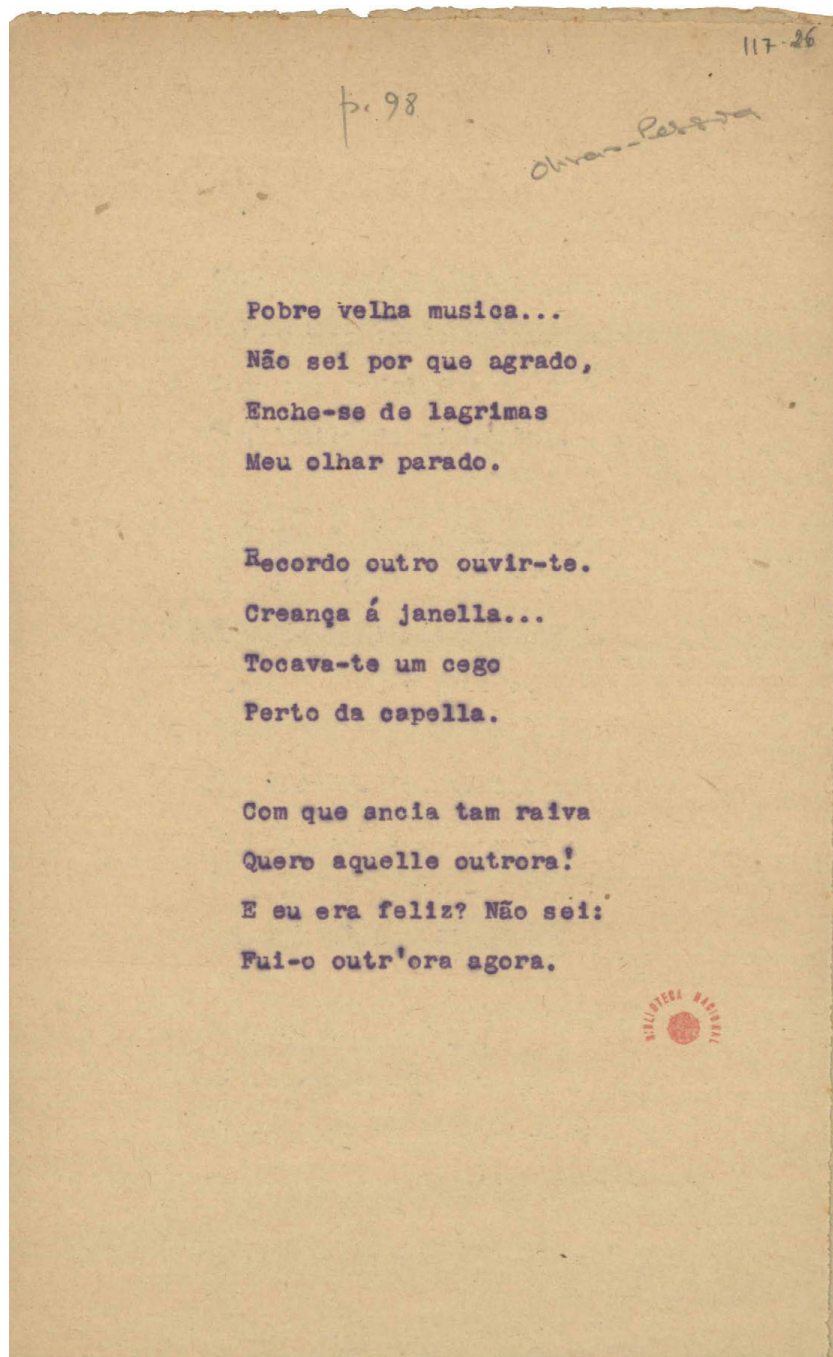


Fig. 6. «Pobre velha musica...» (BNP/E3, 117-26').



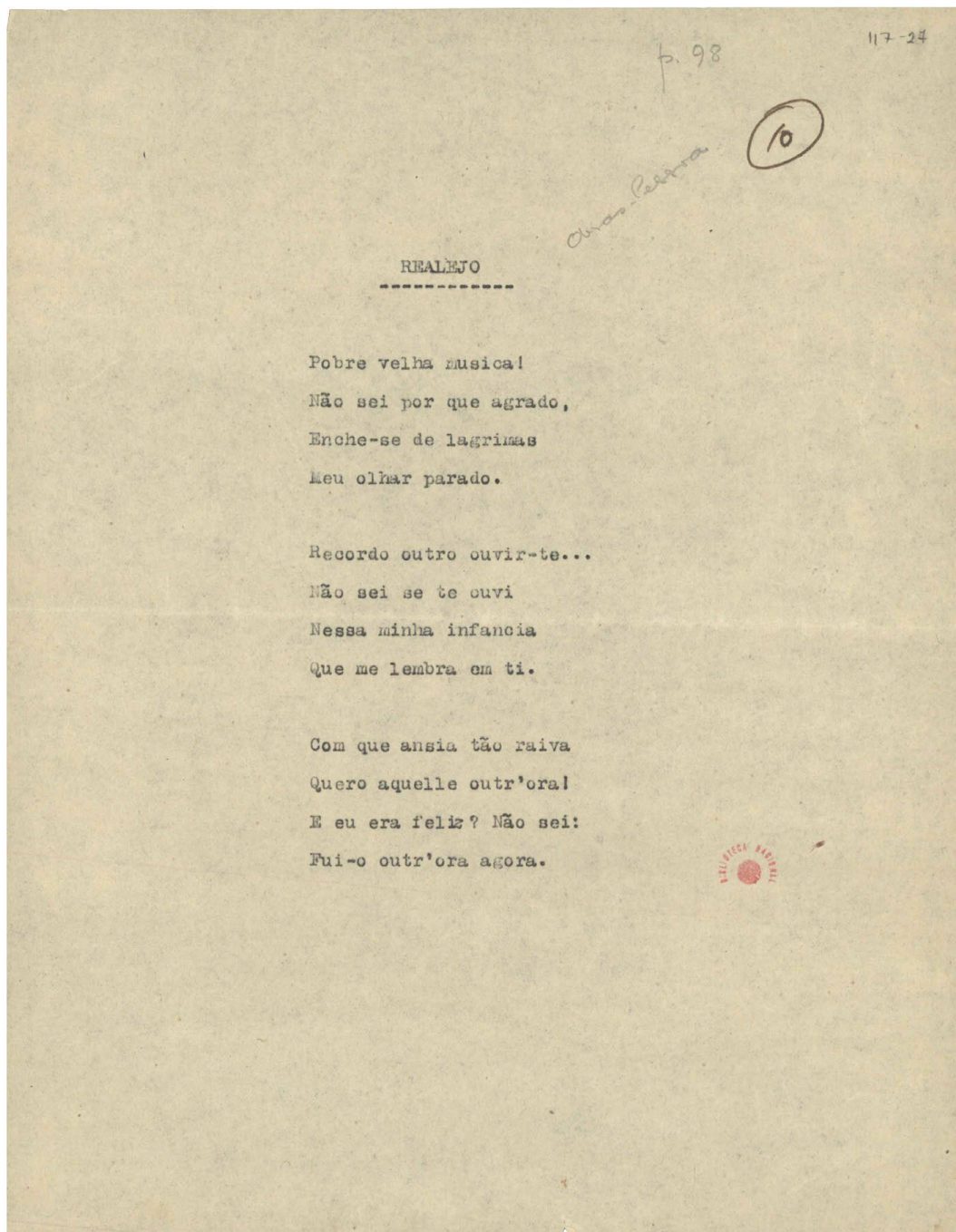


Fig. 7. «Pobre velha musica...» (BNP/E3, 117-27').



40-15


3

nemini

fite e tinea a glori  
 + não ter fi nem frige  
amir

○

Crépusculo fumeo  
 e hbrido o tinn  
 E o ~~amir~~ hbrido em o amir  
 Das ~~amir~~ resendado  
 A mure mas amir...



Um pra e a molécula.

<p>Tilintando e atraído  <sup>numerito</sup> O mteah <sup>chido</sup> a oavio        Entre linpa e lino        Citharas e lyros viri        Explorá de vir... <u>Labyrinth</u>        A anis aureos per        alliam        O pa m ujo au pu        in hita        E om nris a <u>vir</u> xpriam.</p>	<p><del>Balladas de uma outra terra,        aliados        E marcos de fado, ame        Retuém <u>vir</u>        Do leare de fuita        alad...        Os cartas, autu <u>vir</u>        deperha - n <u>vir</u>  <u>vir</u></del></p>
--	---

Figs. 8 e 9. «Balladas de uma outra terra, aliadas» (BNP/E3, 40-15»; riscado).

## FICÇÕES DO INTERLUDIO

I

## Plenilunio

As horas pela alameda  
Arrastam vestes de seda,

Vestes de seda sonhada  
Pela alameda alongada

Sob o azul do luar...  
E ouve-se no ar a expirar —

A expirar mas nunca expira —  
Uma flauta que delira,

Que é mais a idéa de ouvil-a  
Que ouvil-a quasi tranquilla

Pelo ar a ondear e a ir...

Silencio a tremeluzir...

II

## Saudade dada

Em horas inda louras, lindas  
Clorindas e Belindas, brandas,  
Brincam no tempo das berlindas,  
As vindas vendo das varandas.  
De onde ouvem vir a rir as vindas  
Fitam a fio as frias bandas.

Mas em torno á tarde se entorna  
A atordoar o ar que arde  
Que a eterna tarde já não torna!  
E em tom de atoarda todo o alarde  
Do adornado ardor transtorna  
No ar de torpór da tarda tarde.

E ha nevoentos desencantos  
Dos encantos dos pensamentos  
Nos santos lentos dos recantos  
Dos bentos cantos dos conventos...  
Prantos de intentos, lentos, tantos  
Que encantam os attentos ventos.

III

## Pierrot bebado

Nas ruas da feira,  
Da feira deserta,  
Só a lua cheia  
Branqueia e clareia  
As ruas da feira  
Na noite entreaberta.

Só a lua alva  
Branqueia e clareia  
A paisagem calva  
De abandono e alva

Bebada branqueia  
Como pela areia  
Nas ruas da feira,  
Da feira deserta,  
Na noite já cheia  
Da sombra entreaberta.

A lua baqueia  
Nas ruas da feira  
Deserta e incerta...

IV

## Minuete invisível

Ellas são vaporosas,  
Pallidas sombras, as rosas  
Nadas da hora lunar...

Veem, aereas, dançar  
Como perfumes soltos  
Entre os canteiros e os buxos...  
Chora no som dos repuxos  
O rhythmico que ha nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...  
Pallida, á pompa indecisa  
Da sua flebil demora  
Paira em aureola á hora...

Passam nos rhythmicos da sombra...  
Ora é uma folhia que tomba,  
Ora uma brisa que treme  
Sua leveza solemne...

E assim vão indo, delindo  
Seu perfil unico e lindo,  
Seu vulto feito de todas,  
Nas alamedas, em rodas  
No jardim livido e frio...

Passam sósinhas, a fio,  
Como um fumo indo, a rarear,  
Pelo ar longinquo e vazio,  
Sob o, disperso pelo ar,  
Pallido pallio lunar...

V

## Hiemal

Balladas de uma outra terra, alliadas  
As saudades das fadas, amadas por gnomos idos,  
Retinem lividas ainda aos ouvidos  
Dos luares das altas noites aladas...  
Pelos canaes barcas erradas  
Segredam-se rumos descridos...

E tresloucadas ou casadas com o som das balladas,  
As fadas são bellas, e as estrellas  
São d'ellas... Eil-as alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,  
Nos canaes fataes eguaes de erradas,  
As barcas parcas das fadas,  
Das fadas aladas e hiemaes  
E caladas...

Toadas afastadas, irreaes, de balladas...  
Ais...

Fig. 10. «Ficções do Interludio» (*Portugal Futurista*, 1917).

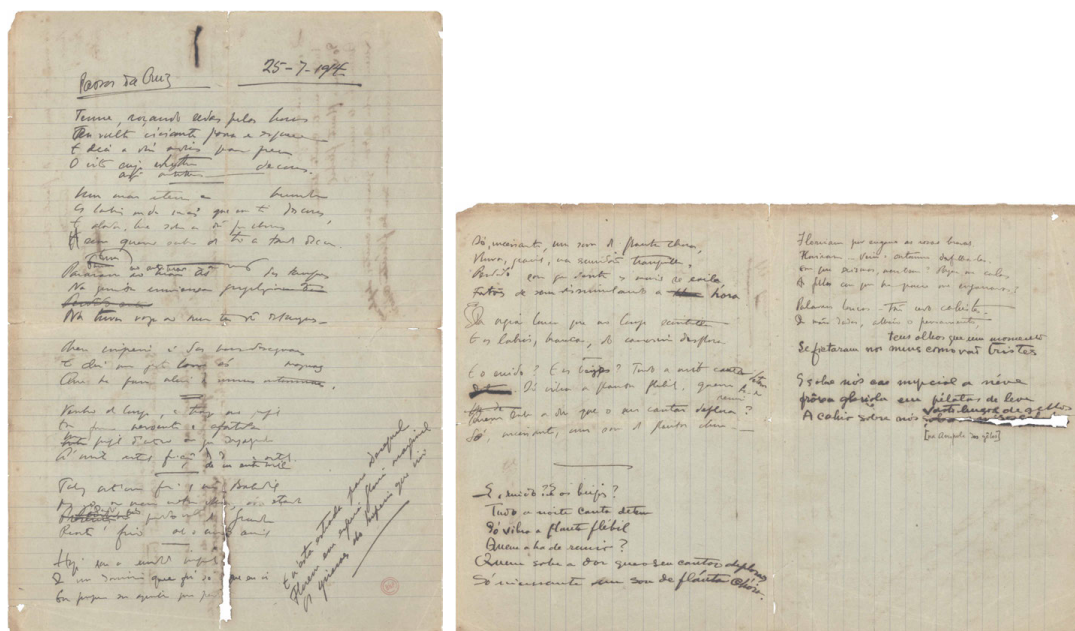
## II. «Passos da Cruz» – três sonetos (BPMP, M-SER-933)

Nesta secção, apresentam-se dois sonetos completos publicados na revista *Centauro* em 1916 (os sonetos X e XI) e um terceiro, inédito, que não saiu no conjunto de catorze sonetos da revista dirigida por Luís de Montalvor. A folha do espólio serpiano que contém os três sonetos referidos complementa o aparecimento de uma outra, doada à Biblioteca Nacional de Portugal, em 2015. Diz a notícia:

*Passos da Cruz* encima a página, datada de 25-7-1914. Trata-se de 2 dos 14 sonetos, o V e VI, que o poeta publicou sob esse título, em 1916, no n.º 1 e único de *Centauro*, revista trimestral de literatura, dirigida por Luís de Montalvor, um dos companheiros de *Orpheu* que, editado no ano intermédio [1915], deixou marca indelével no modernismo português. No verso, nas duas metades da folha dobrada, pelo punho de Pessoa e de terceiro não identificado, um poema e um soneto com os primeiros versos “Só, incessante, um som de flauta chora,” e “Floriram por engano as rosas bravas”, de Camilo Pessanha. Publicados em *Novidades*, o primeiro com o título “Ao longe os barcos de flores”, a 28-4-1900 e o segundo a 12-10-1899, foram também publicados, ainda que em versão diferente, nesse n.º de *Centauro*.

Incorporado no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, a 19 de novembro do ano corrente [2015], na Coleção Leonor Pombal, por doação de Albertine Frognier Santos, é parte integrante de *Poesie et graphologie: étude sur le graphisme de poètes portugais modernes et contemporaines*, reunindo para além deste manuscrito de Fernando Pessoa, mais três dezenas de originais de vários autores de que podem ser exemplo Mário de Sá-Carneiro, Teixeira de Pascoais, António Boto, José Régio, Miguel Torga, Sofia de Melo Breyner Andresen, Natália Correia, David Mourão-Ferreira, Eugénio de Andrade, Ana Hatherly, Herberto Helder, Rui Belo, Rui Cinatti ou António Ramos Rosa.

(BNP, 2015)



Figs. 11 e 12. Sonetos V e VI de «Passos da Cruz» e poemas de Camilo Pessanha.

Na Biblioteca Pública Municipal do Porto, no espólio de Alberto de Serpa, conserva-se outro autógrafo pessoano que passamos a transcrever e a confrontar com a versão publicada em 1916:

[1]

*Passos da Cruz (?) 23-XI-14*

	Aconteceu-me do alto do Infinito Esta vida. Atravez de nevoeiros, Do meu proprio ermo ser fumos primeiros, Vim ganhando, e atravez estranhos ritos	Aconteceu-me do alto do <b>infinito</b> Esta vida. Atravez de nevoeiros, Do meu proprio ermo ser fumos primeiros, Vim ganhando, e atravez estranhos ritos
	—	
5	De sombra e luz ocasional, e gritos Vagos ao longe, e assomos passageiros De saudade incognita, luzeiros De divino, este ser fosco e proscripto.	De sombra e luz ocasional, e gritos Vagos ao longe, e assomos passageiros De saudade incognita, luzeiros De divino, este ser fosco e <b>proscripto...</b>
	—	
10	Cahiu chuva em passados que fui eu. Houve planicies de ceu baixo e neve Nalguma cousa de alma do que é meu.	Cahiu chuva em passados que fui eu. Houve planicies de ceu baixo e neve Nalguma cousa de alma do que é meu.
	—	
	Narrei-me á sombra e não me achei sentido. Hoje sei-me o deserto onde Deus teve Outr'ora a sua capital de sido	Narrei-me á sombra e não me achei sentido. Hoje sei-me o deserto onde Deus teve Outr'ora a sua capital de <b>olvido...</b>

[2]

	Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela E occulta mão colara alguém em mim. Puz a alma no nexo de perdel-a E o meu principio floresceu em Fim.	Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela E occulta mão colara alguém em mim. Puz a alma no nexo de <b>perdê-la</b> E o meu principio floresceu em Fim.
	—	
5	Que importa o tédio que dentro em mim gela E o leve outomno, e as galas, e o marfim, E a congruencia da alma que se vela Com os sonhados pallios de setim?	Que importa o <b>tédio</b> que dentro em mim <b>gela</b> , E o leve outomno, e as galas, e o marfim, E a congruencia da alma que se vela Com os sonhados pallios de setim?
	—	
10	Disperso... E a hora como um leque fecha-se... Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar... O tédio? A magua? A vida? O sonho? Deixa-se...	Disperso... E a hora como um leque fecha-se... Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar... O <b>tédio</b> ? A <b>magua</b> ? A vida? O sonho? Deixa-se...
	E abrindo as azas sobre Renovar A sombra □ do vôo começado Pestaneja no campo abandonado	E, abrindo as azas sobre Renovar, A <b>erma sombra</b> do vôo começado Pestaneja no campo <b>abandonado...</b>

[BPMP, M-SER-933]

[Centauro]

[BPMP, M-SER-933]

Pertencente ao espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Uma folha de papel liso, amarelecido e com algumas manchas. Manuscrita, frente e verso, a tinta preta. Um pronunciado vinco de dobra horizontal, a meio da folha. Ligeiros vincos de dobras nos cantos superior e inferior. Falta um pouco de papel no fundo, lado direito, que compromete a leitura de certas palavras. Rosto da folha com carimbo da Biblioteca; verso da folha com marcação da cota [M-SER-933].

NOTAS [1]

- 2        nevoeiros<...>/,\  
 3        <ermo> [↑ imo] [↓ ermo]  
 8        fixo [↓ fosco]  
 9        <neve> [↑ chuva]  
 13       sou o logar [↑ sei-me (o deserto)] *variante alternativas*.  
 14       Outr'ora o throno [↓ a sua capital de olvido {↓ sido}]

NOTAS [2]

- 2        <q> colara  
 4        E o [↑ meu] principio  
 13       A sombra <do> <□>/do vôo começado\  
 14       Não é claro se há um ponto final ou reticências.

[Centauro]

Poemas publicado em 1916, no número único da revista *Centauro*, nas páginas 72 e 73.

No mesmo autógrafo encontra-se ainda um outro soneto, inédito, que não chegou a fazer parte do conjunto integrado na revista de Montalvor:

- É sempre bello o rio igual que corre  
 Por onde não estamos, e a cidade  
 Que nós nunca veremos, e a verdade  
 Que nunca attingiremos, negra torre
- 5        N'um ignoto paiz que o luar percorre  
 Até ás margens de nossa anciedade  
 Até que, barcos sem destino, invade  
 Nosso silencio \*aquem de ser \*desforre
- 10       O cansaço mortiço das viellas  
 [E]m que inaudível porto de agora  
 Atravessado por espuria noite
- A mão posta atraz □ séllas  
 E não havendo <vã> <sombra> <s>/S\ombra precursora  
 Do cavalleiro de outras eras □

[BPMP, M-SER-933]

Ver a descrição anterior. Em anexo incluimos uns versos escritos depois do verso 5, isto é, onde inicialmente terminava o poema. O soneto foi retomado no verso 6, com uma tinta preta acastanhada.



## NOTAS

- 1 <É àgua> | É sempre bello o rio equal que corre  
 4 Que <antes que atinja> [↑ nunca attingiremos], <□>/negra \ torre  
 13 E não havendo <vã> <sombra> <s>/S\ ombra precursora

## ANEXO

- É sempre bello <o lo> [↑ esse rio], e essa floresta  
 E essa cidade,  
 É sempre bella aquella aldeia em festa  
 E aquela

Este não foi o único poema excluído do conjunto e contemplado como sendo parte de «Passos da Cruz». Na sua tese de doutoramento «Pequenos infinitos em Pessoa: uma aventura filológico-literária pelos sonetos de Fernando Pessoa», Carlos Pittella (2012: 145 e 224) deu a conhecer os dois poemas seguintes:

P. da Cruz 3/6/1914  
 V

- Cegaram os meus olhos para eterno  
 O olhar... E pelas urzes e giestas  
 Roçam a sua franja o haver festas  
 Longinquas. E o céu vago é triste e terno...
- 5 Quantos de nós não fazem céu e inferno  
 Dos vivos doces da sua vida arestas...  
 E as claraboias luzem o haver festas  
 (Que vago o aspecto do teu rosto terno!)
- 10 Se pela escadaria em pedra e louco  
 Não houvesse outros precipícios que a Hora  
 Visível, pobre do que sente pouco...
- (E verdadeiramente com ocio ôco  
 Dorme como um triste que nunca chora  
 De encontro ao trono casual do Agora...)

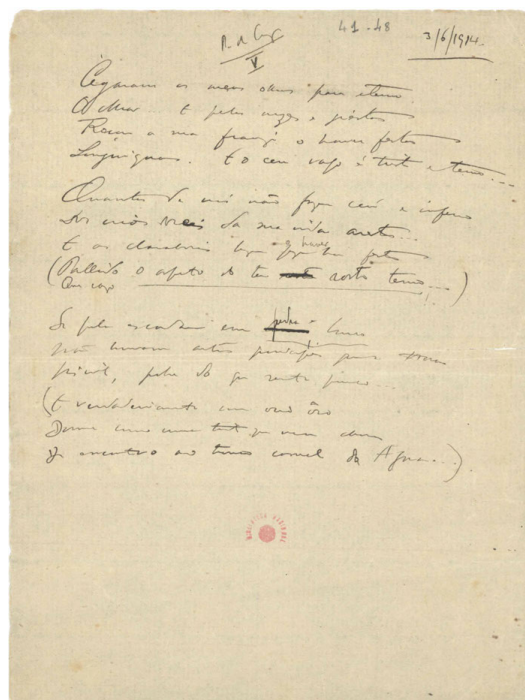


Fig. 13. Outro soneto v.

[BNP/E3, 41-48<sup>r</sup>]

Uma folha de papel manuscrita a tinta preta. Poema datado e numerado como sendo parte do ciclo «Passos da Cruz».

## NOTAS

- 7 porque ha [↑ o haver] *variantes alternativas*.  
 8 (Pallido [↓ Que vago] o aspecto do teu <rosto> rosto terno!)  
 9 <louro> [↑ pedra e] louco ] *sobre um traço cortado, indicando hesitação*.

Este poema é anterior a 1916. O facto surpreendente relativamente ao segundo é ter sido escrito em 1930, revelando que «Passos da Cruz» não tinha deixado de ser um projecto para Fernando Pessoa.

Passos da Cruz 23/3/1930.  
I.

- Vieram com o ruído e com a espada  
Senhores do destino após vencer  
E uma após outra foi cada mulher  
Os sucessores esconder da estrada.
- 5 Eram soldados, com a ordem dada  
E vinham sobriamente recolher  
O sangue das creanças a morrer  
Nos scombros da propria casa achada.
- 10 Mas longe, sobre o asno do destino,  
Levava a Mãe piedosa aquella dor  
Futura que era agora o seu Menino.
- Apertava-o ao peito sob a vaga luz  
Que toldava mais as arvores ao sol pôr.  
De uma, talvez, seria feita A Cruz.

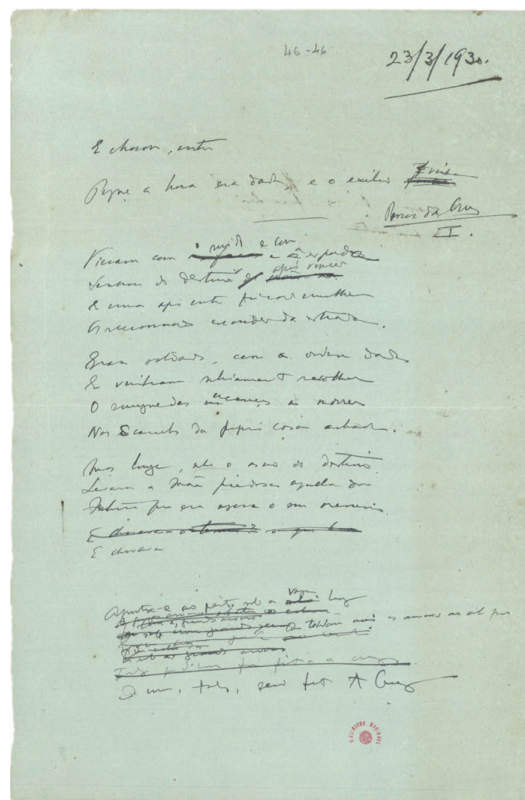


Fig. 14. Outro soneto I.

[BNP/E3, 41-48<sup>r</sup>]

Uma folha de papel manuscrita a tinta preta. Poema datado e numerado como sendo parte do ciclo «Passos da Cruz».

NOTAS

- 1 Vieram com <as facas> e as [↑ o ruído e com a] espad<as>/a \
- 2 Senhores do destino <de não ser> [↑ após vencer]
- 7 O sangue das <m> [↑ creanças]
- 8 Nos <es>/s \combros
- 11 post <E chorava-o temor? o que levava> | E corava
- 12 sob a <sombria> [↑ vaga] luz
- 13 <A que as arvores esbatem os calores...> [↓ <Que as grandes arvores>] [↓ <Foi sob arvores grandes sem>] [↓ <E vem arvore grande no caminho>] [↓ <Que cahe das>] [↓ <E sob as grandes arvores>] [→ Que toldava mais as arvores ao sol por]
- 14 < Talvez que d'uma foi feita a cruz.> [↓ De uma, talvez, seria feita A Cruz.]

Contribuem estas achegas para uma futura reedição crítica do conjunto «Passos da Cruz», sendo que já se conhece a localização de todos os testemunhos manuscritos dos catorze poemas, salvo do soneto IX, «Meu coração é um portico partido». Pode afirmar-se que o ciclo foi composto entre 28 de Novembro de 1913 e o ano de 1916, excepto o soneto tardio de 1930, pois parece assinalar o início de um novo ciclo com o mesmo nome. Inserem-se abaixo, em fac-símile, os sonetos X e XI, reproduzindo o autógrafo do espólio Alberto de Serpa e duas páginas da revista *Centauro*. Estes poemas, tal como «Realejo» e «Hiemal», são fundamentais para estudar a poesia ortónima anterior e contemporânea à criação dos heterónimos.

Passos da Cruz (?) 23-XI-14

Alentejo, no do alto do Império  
 Esta vida, Athos & nevices,  
 Do mar profundo <sup>uma</sup> ~~uma~~ ser fumes peniens,  
 Vini gantado, e atroz estambos nts  
 De sonho, by creonis, e pit  
 Vozes ao long, e oramus porzenis  
 De sonho incognita, luzeris  
 De divinis, ate ser <sup>foco</sup> ~~foco~~ e prescripto.

Cobri <sup>chama</sup> ~~mele~~ em pontos, que fui em.  
 Haver planicies de cin lares e ven  
 Nalguma casa de aluna do que e ven.

Naves - me a' vamba - ad me aches  
 Hys <sup>ai - um (o d'gub)</sup> ~~em~~ o lugar <sup>sentido</sup> ~~em~~ Deus <sup>em</sup>  
 Ant'na o thoms  
 Ia ma capital de <sup>divido</sup> ~~Sido~~

Não sou eu quem dormo. Tu sou a tela  
 E multa mão q' lidao alquem em acris.  
 Paz a alma no hexo de perdel-a  
 E <sup>men</sup> ~~or~~ principis <sup>floucar</sup> ~~floucar~~ em Fenis.

Case imposta o tedo que dentu em <sup>em</sup> ~~em~~  
 t' o lere antumo, e as galas, e at ~~at~~

Fig. 15. «Passos da Cruz» (BPMP, M-SER-933).



É a conjunção da alma por a vela  
 Com as sanhaes pallias de seta?  
 Espero... É a hora como um copo  
 Minha alma é um arco tencido ao  
 O Teo? A moque? A ve? O seta?  
 É aliás os ayes de Renovar  
 A sanha ~~de~~ so não começa?  
 Postarejo no campo ataviana

Passos  
 É sempre bello o rio equal que come  
 No onde não estamus, e a cidad  
 Que não nunca vences, e a vado  
 Que ~~antes~~ <sup>nunca</sup> ~~para~~ <sup>em</sup> ~~interpassos~~ <sup>interpassos</sup> ~~que~~ <sup>que</sup> ~~tona~~  
 Nem i posto para que o leu per come  
 É sempre bello ~~o~~ <sup>o</sup> rio, e ena floresta  
 É ena cidad,  
 É sempre bello aquella alda em festa  
 É aquid

até por breves em seta, mal  
 fimo inlancu quem a ser regu  
 O cansaco ~~no~~ <sup>no</sup> ~~dos~~ <sup>dos</sup> ~~villan~~  
 a por ~~casual~~ <sup>casual</sup> ~~parte~~ <sup>parte</sup> ~~a~~ <sup>a</sup> ~~ajou~~

H-SER-933

Fig. 16. «Passos da Cruz» (BPMP, M-SER-933). No canto inferior direito figura a cota.

X

Aconteceu-me do alto do infinito  
Esta vida. Atravez de nevoeiros,  
Do meu proprio ermo ser fumos primeiros,  
Vim ganhando, e atravez estranhos ritos

De sombra e luz ocasional, e gritos  
Vagos ao longe, e assomos passageiros  
De saudade incognita, luzeiros  
De divino, este ser fosco e proscripto . . .

Cahiu chuva em passados que fui eu.  
Houve planicies de céu baixo e neve  
Nalguma cousa de alma do que é meu.

Narrei-me á sombra e não me achei sentido.  
Hoje sei-me o deserto onde Deus teve  
Outr'ora a sua capital de olvido . . .

Fig. 17. «Aconteceu-me do alto do infinito» (Centauro).

XI

Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela  
E occulta mão colora alguém em mim.  
Puz a alma no nexo de perdê-la  
E o meu principio floresceu em Fim.

Que importa o tédio que dentro em mim gela,  
E o leve outomno, e as galas, e o marfim,  
E a congruência da alma que se vela  
Com os sonhados pallios de setim?

Disperso... E a hora como um leque fecha-se...  
Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...  
O tédio? A mágua? A vida? O sonho? Deixa-se...

E, abrindo as azas sobre Renovar,  
A erma sombra do vôo começado  
Pestaneja no campo abandonado...

Fig. 18. «Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela» (*Centauro*).



### III. «Livro de Legendas» (BPMP, M-SER-932)

Além dos poemas já estudados, existe, no espólio Serpa, seguindo a cronologia, o esquema de um «Livro de Legendas», datável de c. 1918. Na «Nota Filológica Preliminar» de José Augusto Seabra e Maria Aliete Galhoz à edição crítica de *Mensagem*, lê-se:

De “Gladio” a *Mensagem*, passando por *Legendas*<sup>18</sup> e *Portugal*, o percurso de composição e agregação dos poemas atravessa fases de estruturação diversas, mantendo-se alguns desses sub-conjuntos consistentes e estáveis, à parte uma ou outra alteração interna. Assim, a segunda parte do livro – “Mar Português” – foi publicada, já com esse título, em 1922, no n.º 4 da revista *Contemporânea*, sendo reproduzida depois, em 1933, pelos cuidados de Augusto Ferreira Gomes, no n.º 2 do jornal *Revolução*, contendo um poema (“Ironia”) em vez de “Os Colombos”, além de algumas variantes; e três poemas da primeira parte – do sub-conjunto “Timbre” – foram reunidos na revista *O Mundo Português* (n.º 7/8 de Julho/Agosto de 1934), sob o título de “Triptico”, incluindo “O Infante D. Henrique”, “D. Joao o Segundo” e “Afonso de Albuquerque”, este último numa versão que foi depois preterida na versão final da *Mensagem*, onde cada um passa a ser, respectivamente, a cabeça e as asas do “Gripho”, dentro da figuração heráldica adoptada pelo poeta.

<sup>18</sup> Jorge Nemésio, baseando-se na anterioridade dos dois primeiros planos deste livro em relação aos de *Portugal*, considera que “foi a partir de *Legendas* que Fernando Pessoa elaborou pouco a pouco *Portugal* ate publicar *Mensagem*”. A *Obra Poética de Fernando Pessoa*, Bahia, Portuguesa Editora, 1958, p. 30. Cf. também a existência de uma folha manuscrita com o plano de um *Livro de Legendas*, *Catálogo da Coleção de Manuscritos reunida pelo Poeta Alberto de Serpa*, Porto, 1988, p. 152.

(PESSOA, 1993: XLVII)

A folha em questão é, pois, referida em 1993, mas também em 1998, no livro *A Grande Alma Portuguesa*:

Porém, Pessoa, dotado dum alto poder de sensibilidade, imaginação e intuição não podia deixar de realçar a contribuição de todos esses e outros poetas e inspirados (místicos, bardos e trovadores) para o desvendar das origens do Universo e para a génese anímica de Portugal. E, de valorizar assim, no fundo, a alma popular, o povo, com os seus romances, as suas orações e canções, as histórias contadas aos deuses possíveis, e que os invocaram e os creavam, ou seja, que faziam com que o Um e as suas múltiplas hierarquias fossem recebidos pela terra física. A legenda significava também isto: o que foi narrado, falado, suscita efeitos transformantes nos intervenientes de tal acto mágico. Para Fernando Pessoa, as legendas, ainda que baseadas em factos, heroicos ou espirituais, eram mais míticas e elaboradas que as lendas, e provinham de duas fontes: a popular e a da “determinação inteligente de quem as forma”. E, por isso, para além da *Mensagem* escreveu um livro de *Legendas* de que nos restam apenas fragmentos. Personagens como Aquiles e Ulisses, Alexandre e Carlos Magno; Buda, Jesus Cristo e Apolónio de Tiana; Rei Artur, Galaaz, Lancelot, Tristão e Isolda e Merlim, faziam parte. Num dos textos introdutórios diz: “o produzir contemplação é o fim supremo de toda a arte” (1).

(1) É na biblioteca de Alberto Serpa que se encontra o manuscrito com o plano geral da obra.

(PESSOA, 1998: 92-93)

Pedro Teixeira da Mota, editor do livro de 1998, não terá localizado na altura uma lista de 17 lendas que Carlos Pittella incluiu na sua edição crítica do *Fausto*, volume em que o projecto de um livro de «Lendas» é referido nos anexos 100, 103 e 104 (PESSOA, 2018: 359, 362 e 363): «1. Lucifer. 2. O Calvario. 3. Juliano em Antiochi<sup>4</sup>. 4. Decadencia. 5. Orpheu. 6. A Tentação de Santo Antão. 7. Agamemnon. 8. Lamento de Orpheu. 9. Briseis. 10. D. João no Inferno. 11. Canto a Leopardi. 12. Sagres. 13. Romantismo. 14. A Guilhotina. 15. O Manipanso. 16. Mar Portuguez. 17. Antinoo» (PESSOA, 2018: 361). Neste momento, falta retomar o trabalho de Jorge Nemésio e fazer um levantamento de todas as listas que incluem *Legendas*, compondo duas categorias: as que apenas incluem o título geral e as que mostram os conteúdos do projecto. Mas é provável que «Lendas» tenha incluído, de facto, elementos reaproveitados em *Mensagem*. Para já, e antecipando essa análise mais aprofundada das listas, interessa dar a conhecer o autógrafo citado há vinte anos (Figs. 19 e 20).

*Livro de Legendas.*

I. *Homeridae* (?)

*Amun-Râ.*

1. Agamemnon.
2. Achilles.
3. Ulysses.
4. Patroclo.
5. Helena.
6. Paris.
7. Briseis. (por ella a guerra demorou-se)
8. Eneas.

II *Os Reis*<sup>1</sup>

1. Alexandre.
2. Julio Cesar.
3. Carlos Magno.
4. □
5. Napoleão.

III *Trez Deuses*

1. O Buddha.
2. O Christo.
3. Apollonio de Tyana.

IV *Tavola Redonda*

1. O Rei Arthur.
2. Galaas.
3. Lanceloto.
4. Tristão e Isea.
5. Merlim.

<sup>4</sup> Veja-se PITTELLA (2017), «Juliano Apóstata: um poema em três arquivos».

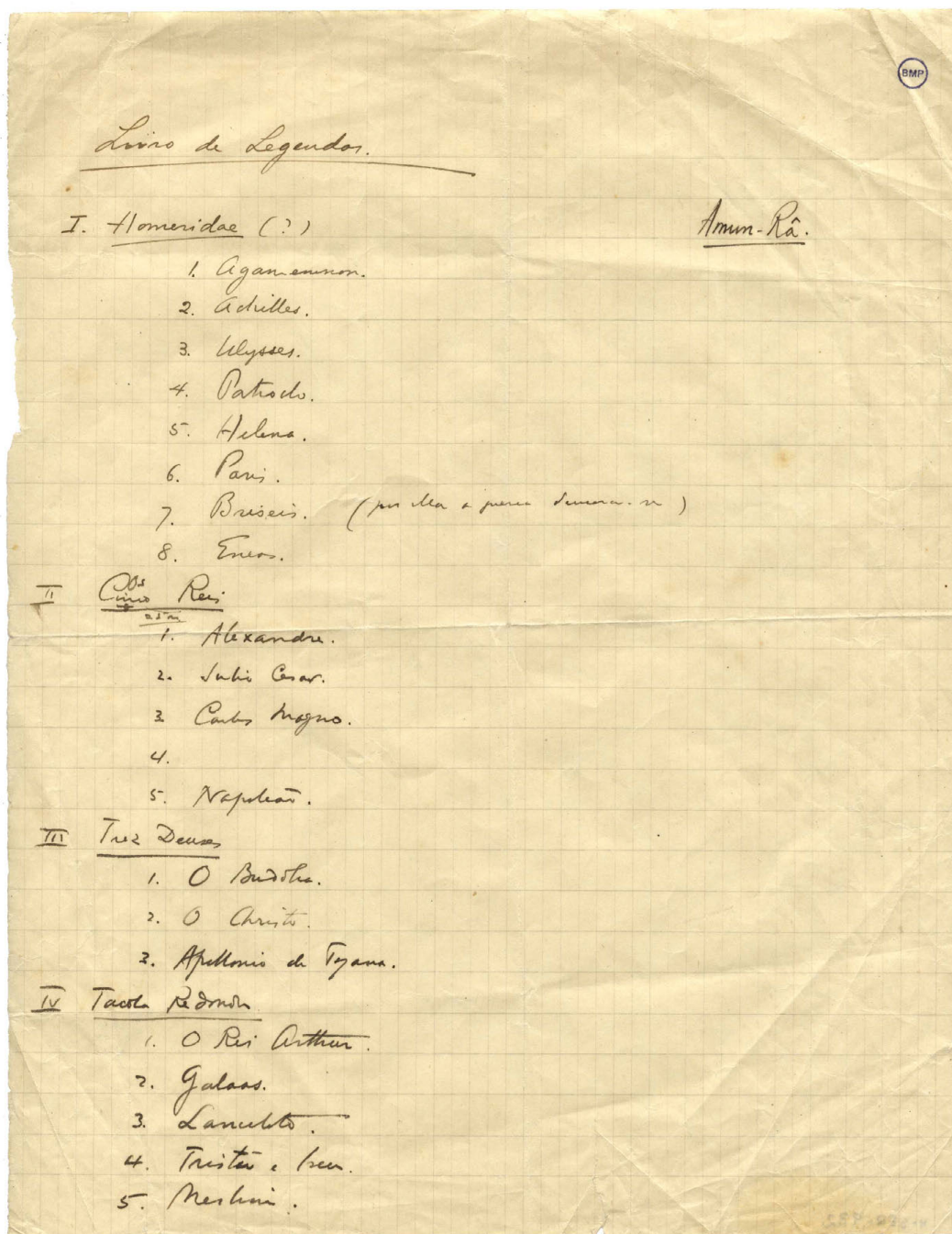


Fig. 19. «Livro de Legendas» (BPMP, M-SER-932).

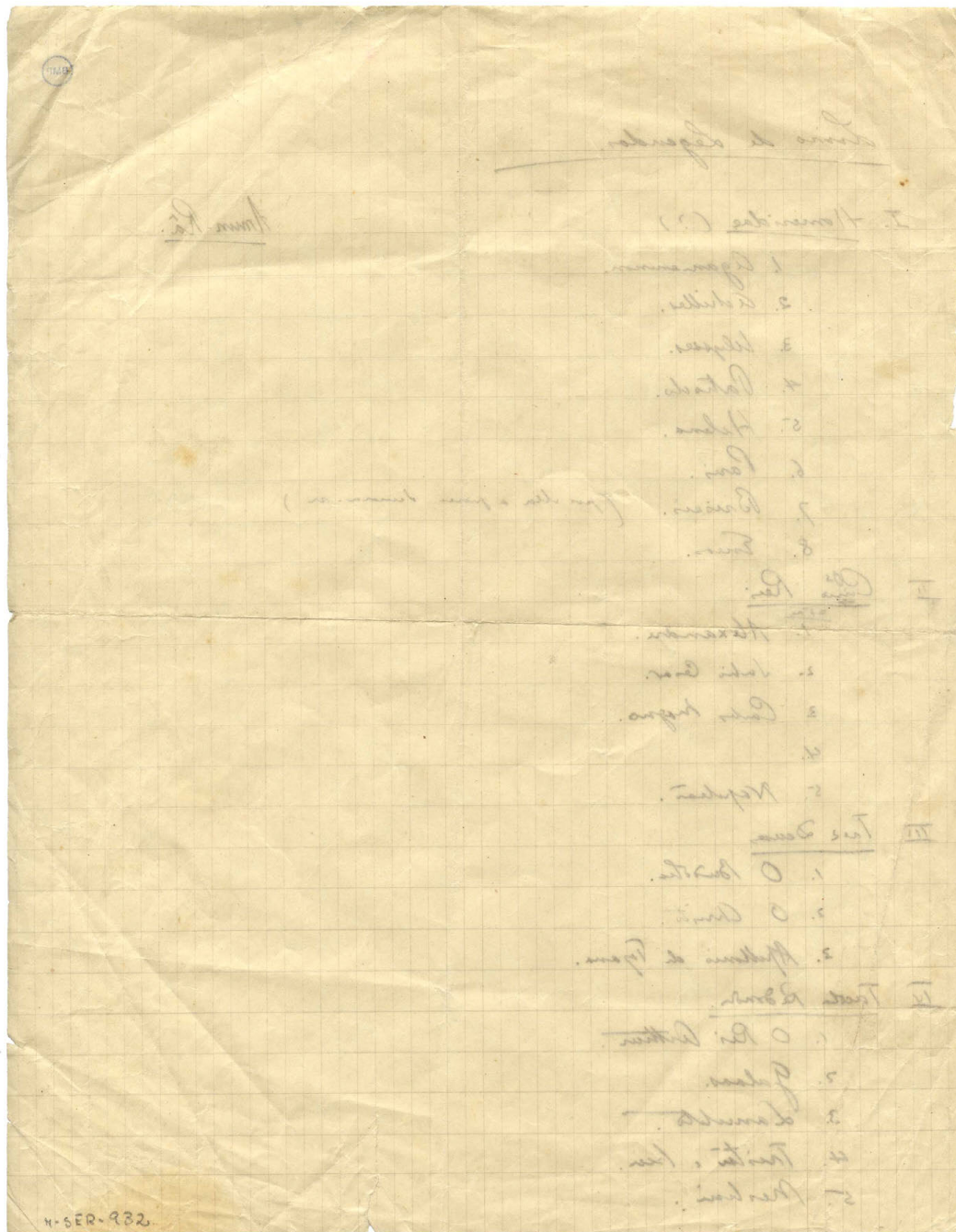


Fig. 20. «Livro de Legendas» (BPMP, M-SER-932).  
No canto inferior esquerdo figura a cota.

[M-SER-932]

Pertencente ao espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Uma folha de papel quadriculado, amarelecido e com algumas manchas. Manuscrita. Um pronunciado vinco de dobra horizontal, a meio da folha. Ligeiros vincos de dobras nos cantos superior e inferior direitos. No direito encontra-se o carimbo da Biblioteca. Verso da folha em branco, com marcação da cota [M-SER-932].

NOTAS

1 /Cinco/ [↑ Os] por baixo, uma nota: «= 5 rs».

#### IV. «Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero» (BPMP, M-SER-928)

No estudo publicado postumamente, *A Mais Incerta das Certezas – Itinerário Poético de Fernando Pessoa*, Pierre Hourcade (1908-1983) refere-se ao «efeito deletério, corrosivo, que exerce sobre a sua inspiração [a inspiração de Pessoa] a consciência cada dia mais aguda, cada vez mais pessimista, que tem do seu destino, do acentuado sofrimento em que vive e cuja transposição em poesia se limita a ludibriar mas não a atenuar»; e em nota acrescenta, «Veja-se a violenta confissão expressa num poema de 15 de janeiro de 1920: ‘Ah! A angústia, a raiva vil, o desespero’, revelado vinte e quatro anos depois da morte do poeta por Gaspar Simões na sua *História da Poesia Portuguesa do Século Vinte*» (HOURCADE, 2016: 323 e 472). O testemunho à guarda de Simões e depois de Alberto de Serpa não foi consultado pelos editores de *Poemas 1915-1920* (INCM) e de *Poesia 1918-1930* (Assírio & Alvim), e fac-simila-se aqui pela primeira vez (Figs. 21 e 22):

Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero  
De não poder confessar  
Num tom de grito, num ultimo grito austero  
Meu coração a sangrar!

5 Fallo, e as palavras que digo são um som.  
Soffro, e sou eu.  
Ah, arrancar á musica o segredo do tom  
Do grito seu!

10 Ah, furia de a dor nem ter sorte em gritar,  
De o grito não ter  
Alcance maior que o silencio, que volta, do ar,  
Na noite sem ser!

15-1-1920.

[BPMP, M-SER-928]

Pertencente ao espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Metade de uma folha com linhas azuis, acinzentada, com um vinco de dobra vertical, a meio da folha em relação ao textodatilografado. Verso da folha em branco, com marcação da cota [M-SER-928]. Carimbo da Biblioteca no rosto da folha, no canto superior direito.

NOTAS



- <sup>3</sup> num ultimo <ai uiivo> [↑ grito] austero  
<sup>6</sup> Soff<o>/r\<r>/o\  
<sup>11</sup> que vo<o>/l\ta

Este poema já tinha sido incluído, em 1981, numa «Homenagem a Pessoa» da Fundación Juan March, pelo músico e compositor Jorge Peixinho, possivelmente inspirado pelo comentário de Eduardo Lourenço ao mesmo:

Nem no grito [...] Pessoa concebe a libertação senão como “música” que sem falar nos arrastra para a sua sonora e equívoca revelação. Não é crível que esse grito continuamente diferido e jamais realmente pronunciado, seja apenas o grito de amor recusado à criança ultra-sensível, “monstro de ternura humana”, condenada a passar a vida entre uma piedade demente por si mesma e um ódio surdo a tudo e a todos, com indefinida viagem de ida e volta entre uma e outro.

(LOURENÇO, [1973] 2000: 129)

Em *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*, Maria Irene Ramalho, leitora de Lourenço, nota que o ensaísta cita o poema «Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero», em *Pessoa Revisitado*, e comenta que esse texto, no que diz respeito à relação entre vida e arte, é o que melhor tematiza a teoria não aristotélica de Pessoa (2003: 163). Em comunicação pessoal, Ramalho esclareceu: «Eduardo Lourenço cita o poema em *Pessoa revisitado* (1973), pp. 141-142, mas não preocupado com os ‘Apontamentos para um estética não-aristotélica’. É o não-mimetismo da ‘teoria não-aristotélica’, que o poema implica, que me ocupa nas páginas seguintes — e em todo o capítulo V de *Atlantic Poets*». Para Ramalho, «o poema não é mimético, o poema não imita ou reproduz, o poema não ‘diz’, o poema diz-se»; por isso, «o capítulo V constrói-se com base no respeito tanto pela sexualidade dos poetas como pelo seu desejo de a não ver ‘repetida’ nas leituras dos seus poemas (como Yvor Winters insistia em fazer com Crane e João Gaspar Simões com Pessoa)».

Resgatar o autógrafo de «Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero», tal como algumas das leituras críticas que tem gerado, é porventura um excelente convite à releitura deste poema, assim como de outros da mesma data ou próximos dela.

## V. «A dor que me enche a alma e faz que em vão» (BPMP, M-SER-931)

De 15 de Janeiro de 1920, são um poema inédito, cujo *incipit* é «A dor que me enche a alma e faz que em vão» (Fig. 23 e 24), e um poema édito, em três partes, chamado «Madrugadas» (Figs. 25 a 30). Como se verifica nos fac-símiles, estes poemas e outros afins (Figs. 31 a 34) foram dactilografados no mesmo tipo de suportes materiais.

BMP

Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero  
De não poder confessar  
Num tom de grito, num ultimo ~~grito~~<sup>grito</sup> austero  
Meu coração a sangrar!

Fallo, e as palavras que digo são um som.  
Soffoo, e sou eu.  
Ah, arrancar á musica o segredo do tom  
Do grito seu!

Ah, furia de a dor nem ter sorte em gritar,  
De o grito não ter  
Alcance maior que o silencio, que voêta, do ar,  
Na noite sem ser!

15-1-1920.

Fig. 21. «Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero» (BPMP, M-SER-928).

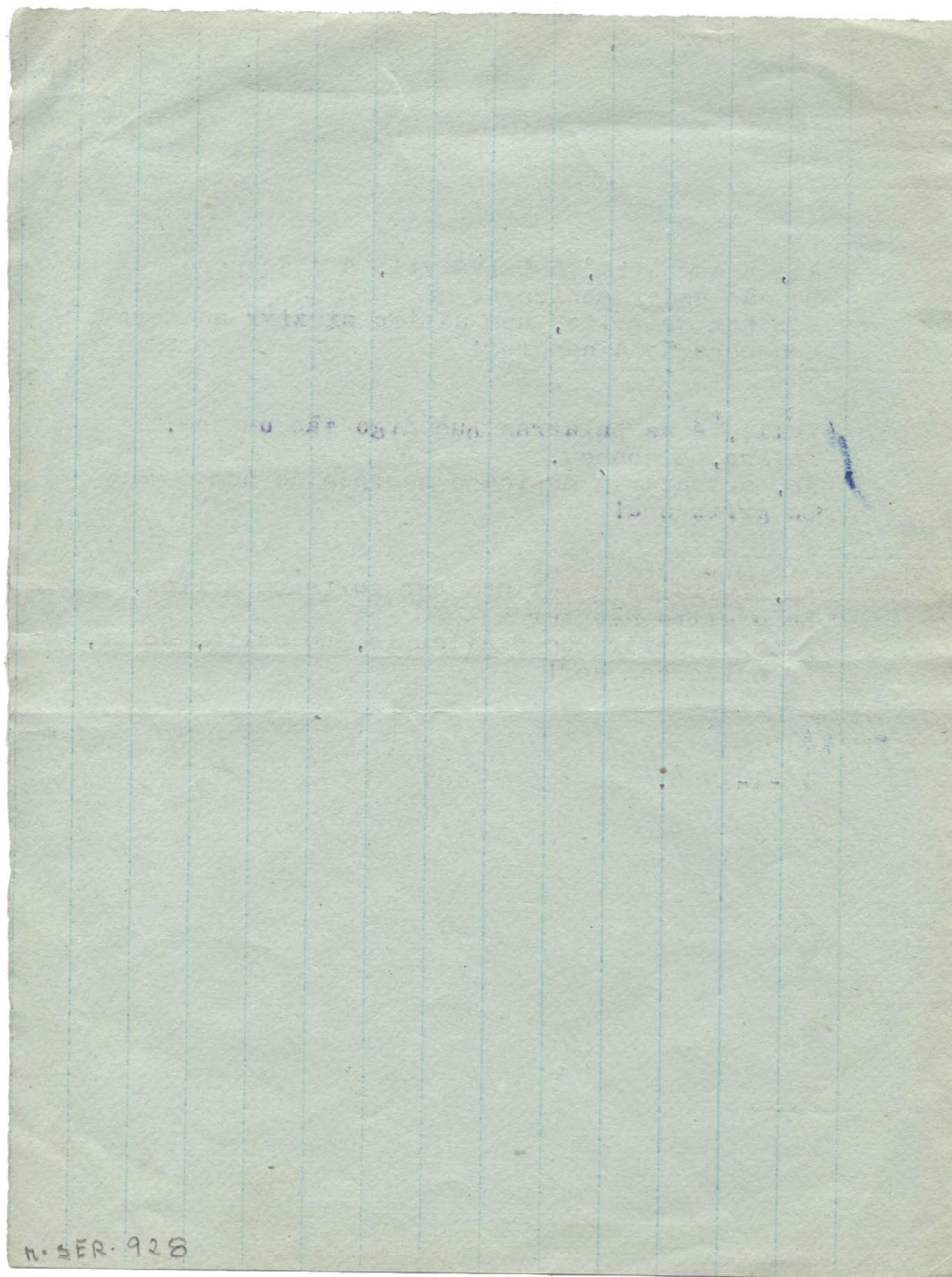


Fig. 22. «Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero» (BPMP, M-SER-928).  
No canto inferior esquerdo figura a cota.

A dor que me enche a alma e faz que em vão  
 Eu tente o choro,  
 Ocupa um grande e nobre coração –  
 Fel em taça de ouro.

5 Ah, mas o orgulho só é meu amparo  
 Enquanto a taça  
 Não me toca na bocca e (eu) sinto o amaro  
 Fel da desgraça.

10 Belleza inutil, para os olhos, quando  
 Beber é a lei!  
 Antes a taça fosse como o infando  
 Travo que beberei!

15 Então o amargo fel não o fora mais  
 Pela ironia  
 Da taça imperial dada a fins taes  
 De serventia.

20 Deslustre igual da taça e do sabor!  
 Nojo de ter  
 O insulto, e já não só a dor, da dor  
 Para beber!

15-1-1920.

[M-SER-931]

Pertencente ao espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Metade de uma folha com linhas azuis, acinzentada, com um vinco de dobra vertical, a meio da folha em relação ao texto datilografado. Carimbo da Biblioteca no canto superior direito. Verso da folha em branco, com marcação da cota [M-SER-931]. Inédito.

NOTAS

<sup>1</sup> en<x>/c\he

<sup>8</sup> amar<g>o

<sup>9</sup> Fel da desgraça. <(Vil da desgraça).> ] a variante foi riscada.

<sup>12</sup> Horror (Travo) que bebere<o>/i\!

<sup>16</sup> De serventia. ] verso acrescentado à mão num espaço em branco.

De «15-1-1920» são também «Ah, a angustia, a raiva vil, o desespero» e «Madrugadas», cujas estrofes apresentam a mesma estrutura métrica de «A dor que me enche a alma e faz que em vão». São sempre versos longos alternados com outros mais curtos. Quatro dias depois, surge um poema que começa de modo similar e com o título (ou anti-título?) «Poema incompleto»: «A dor, que me tortura sem que eu tenha». O poema do espólio Serpa, «A dor que me enche...», completa, assim, um conjunto de poemas conhecidos e já transcritos e confrontados (no caso de múltiplos testemunhos textuais), por João Dionísio, em *Poemas 1915-1920*.



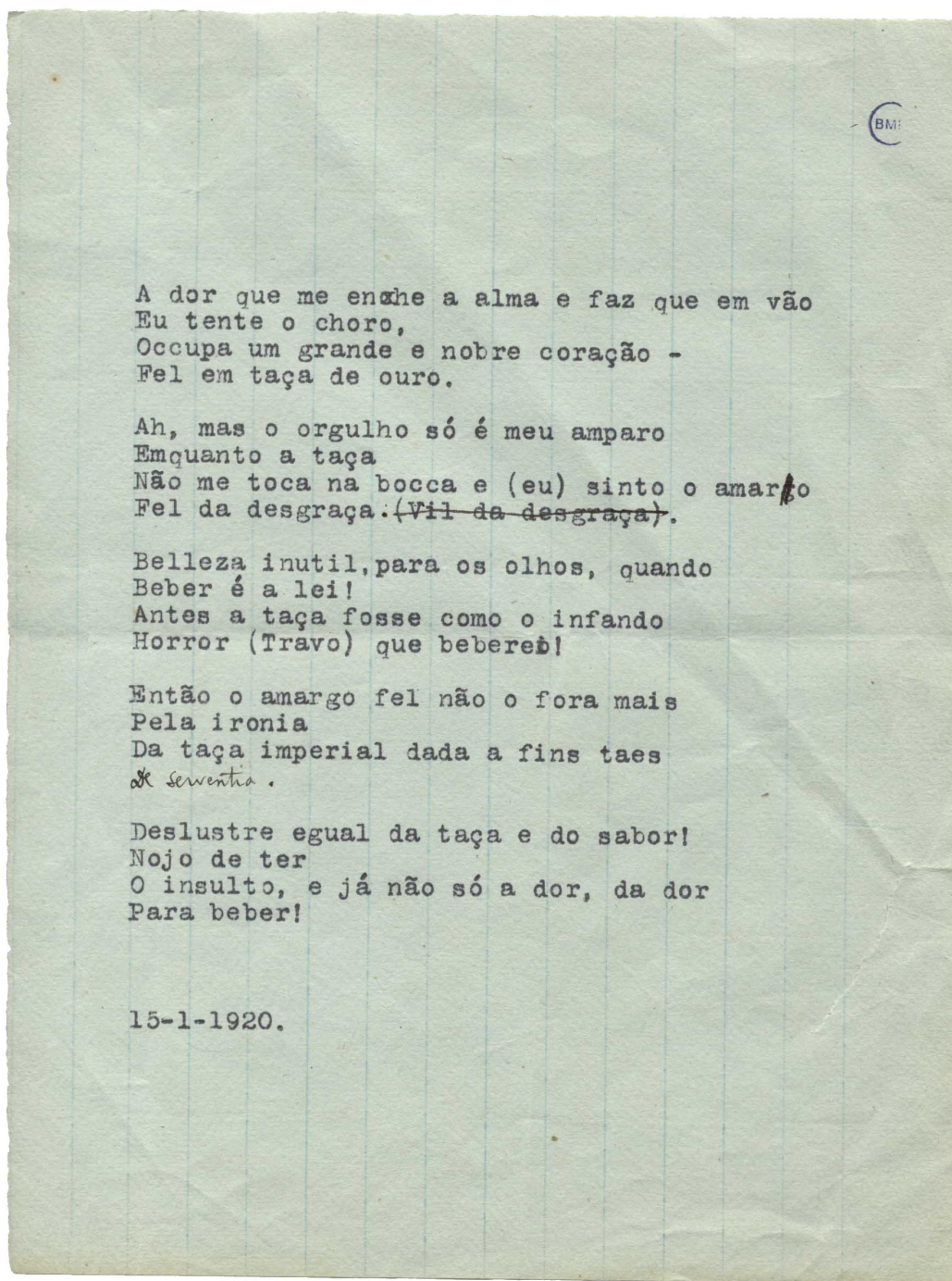


Fig. 23. «A dor que me enche a alma e faz que em vão» (BPMP, M-SER-931).

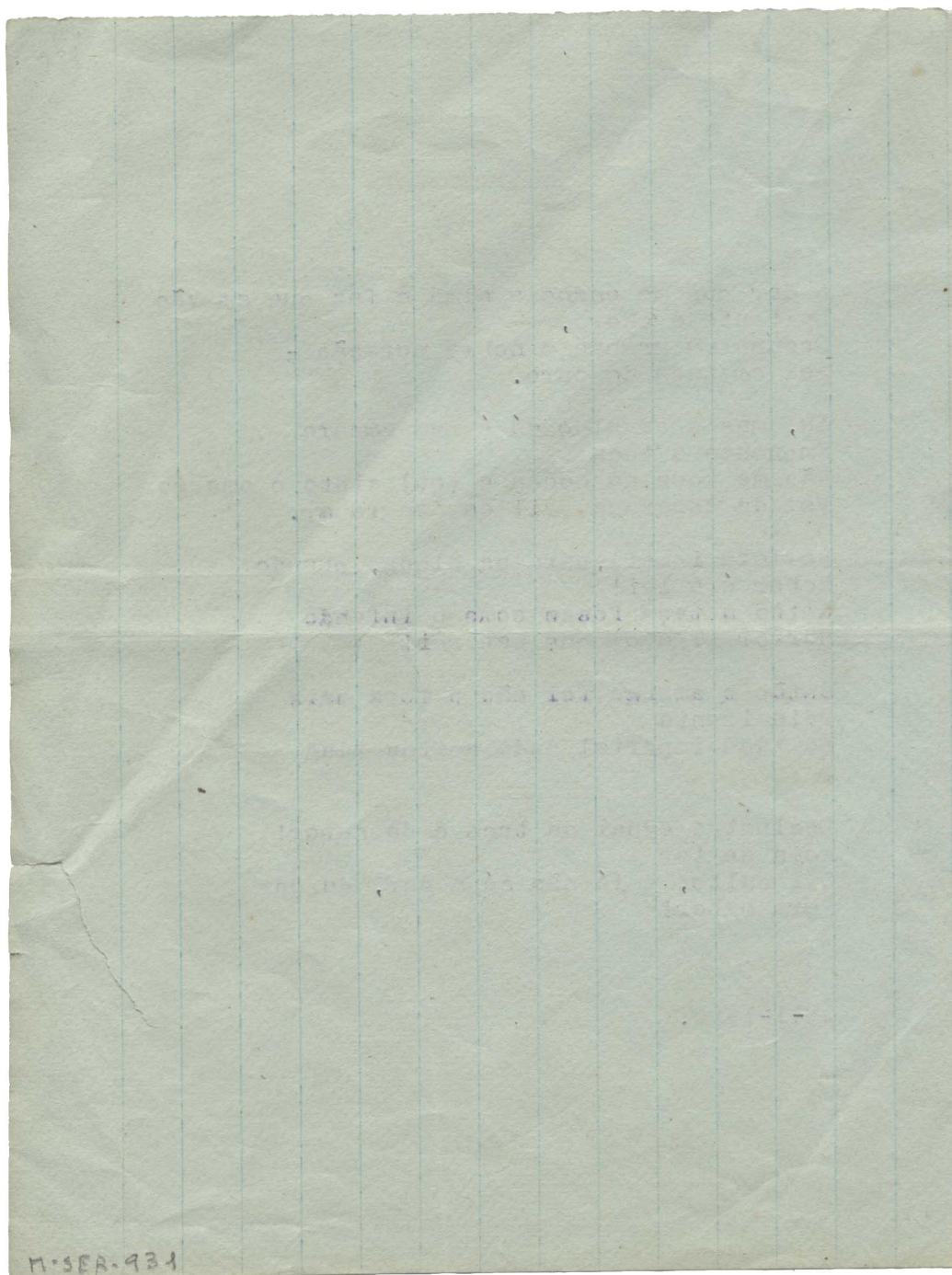


Fig. 24. «A dor que me enche a alma e faz que em vão» (BPMP, M-SER-931).  
No canto inferior esquerdo figura a cota.



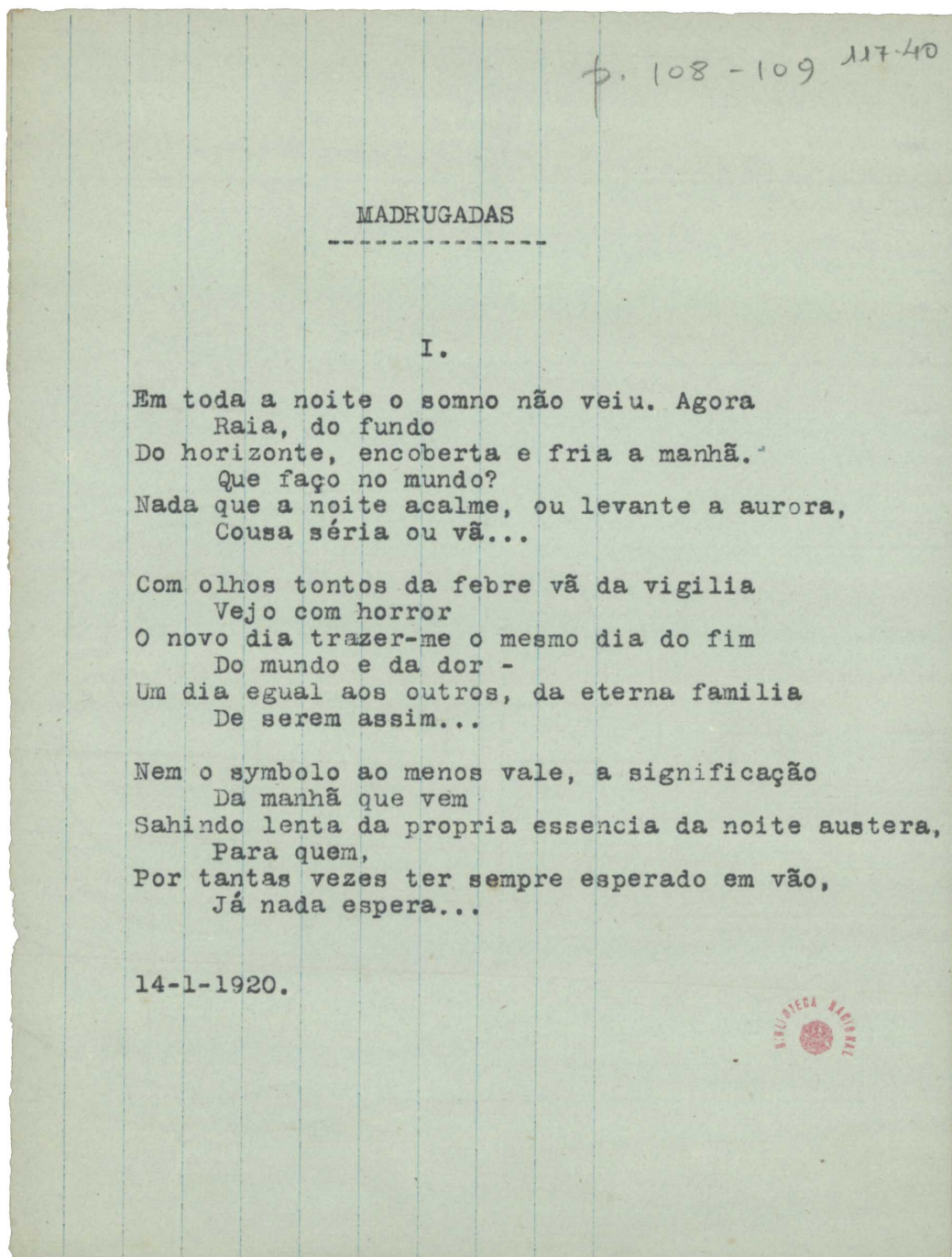


Fig. 25. «Em toda a noite o somno não veio. Agora» (BNP/E3, 117-44<sup>r</sup>).

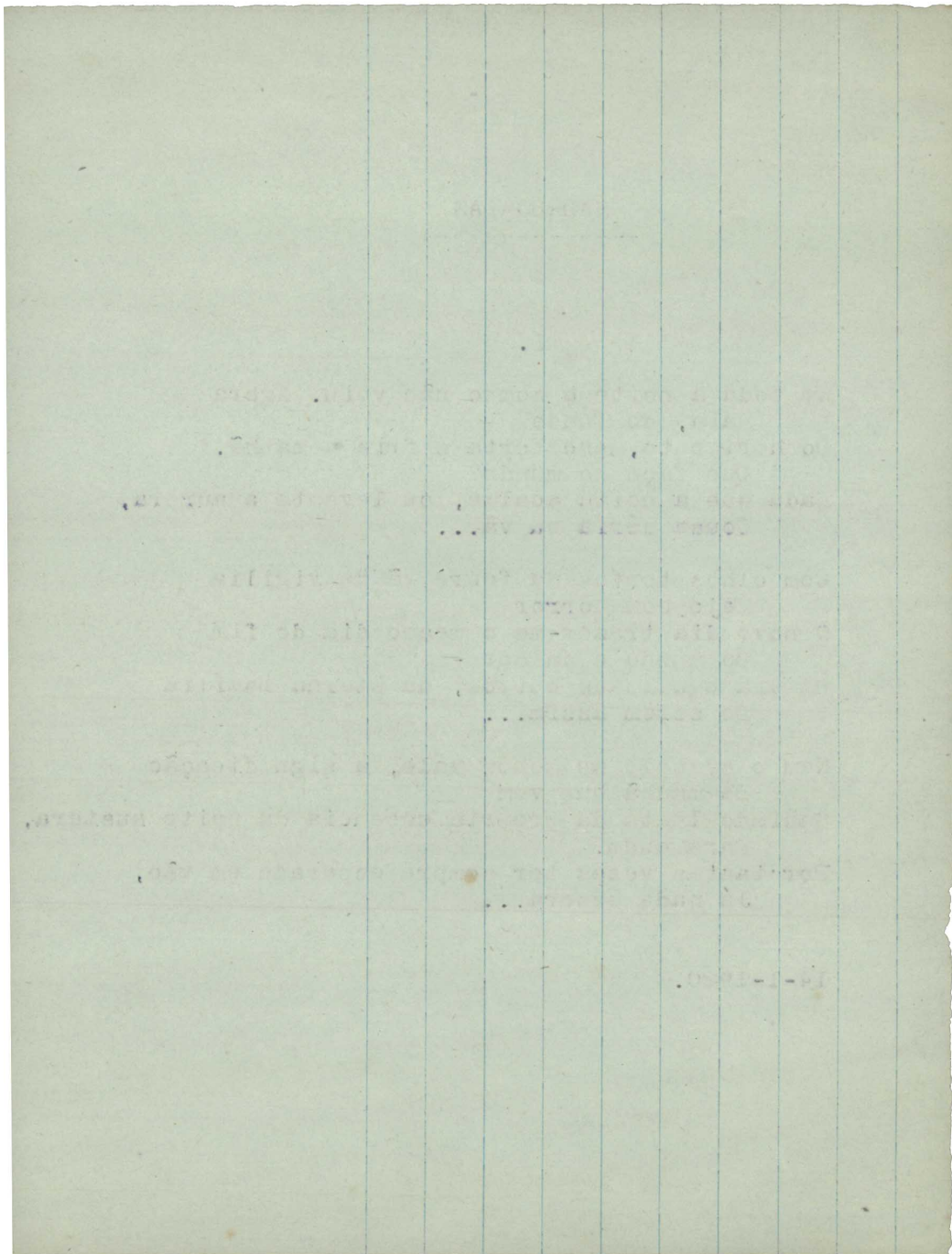


Fig. 26. «Em toda a noite o somno não veiu. Agora» (BNP/E3, 117-44v).



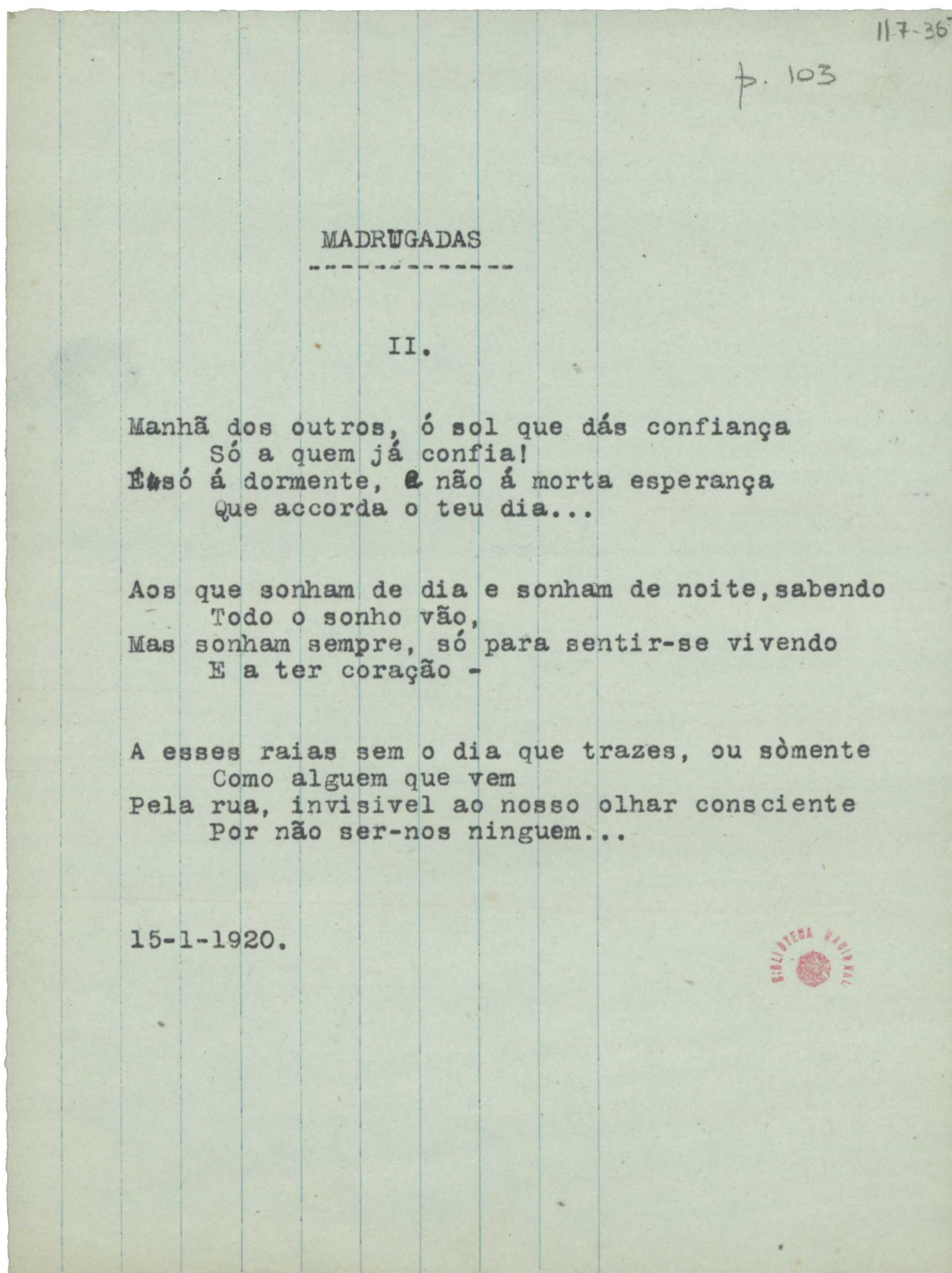


Fig. 27. «Manhã dos outros, ó sol que dás confiança» (BNP/E3, 117-35<sup>r</sup>).

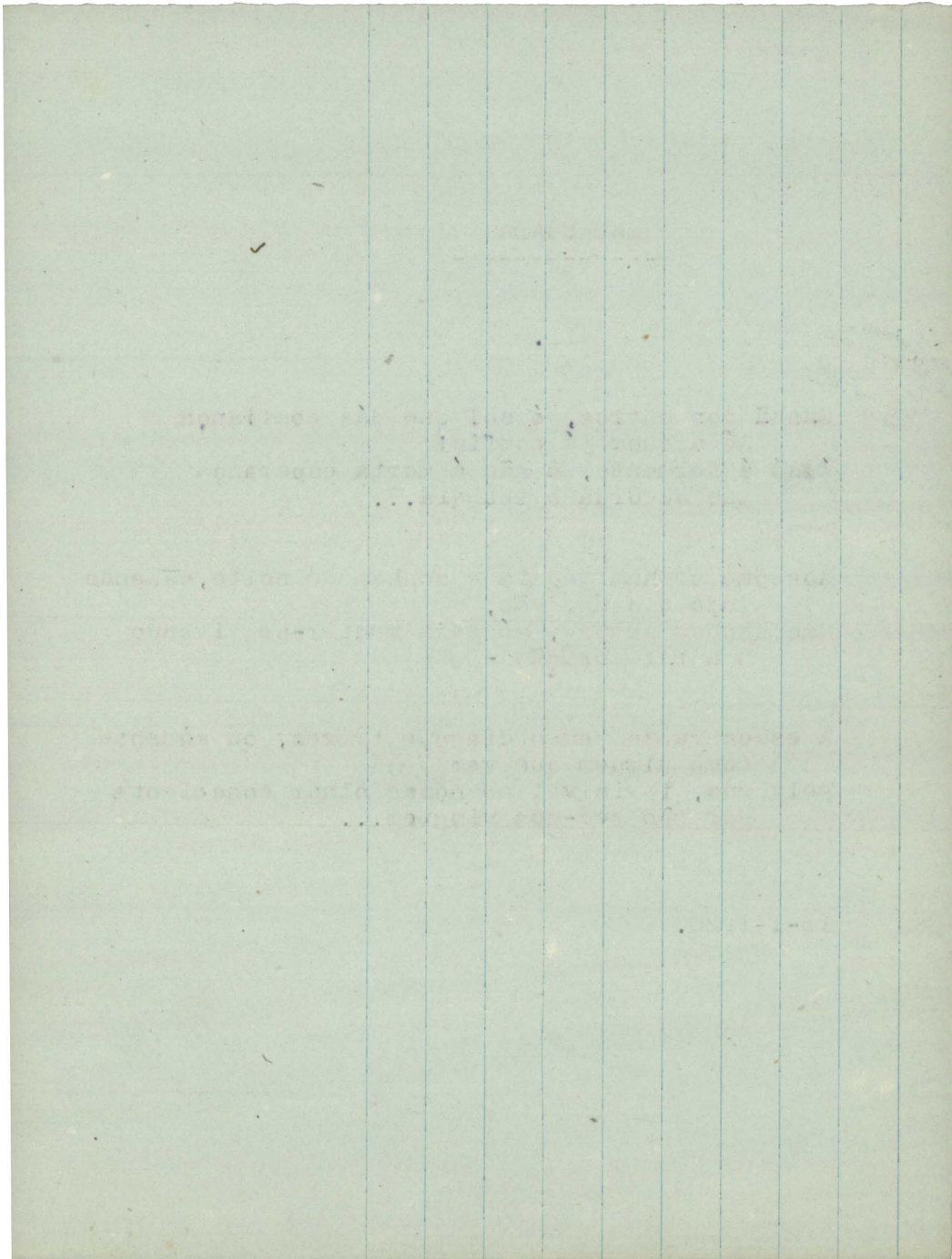


Fig. 28. «Manhã dos outros, ó sol que dás confiança» (BNP/E3, 117-35<sup>v</sup>).

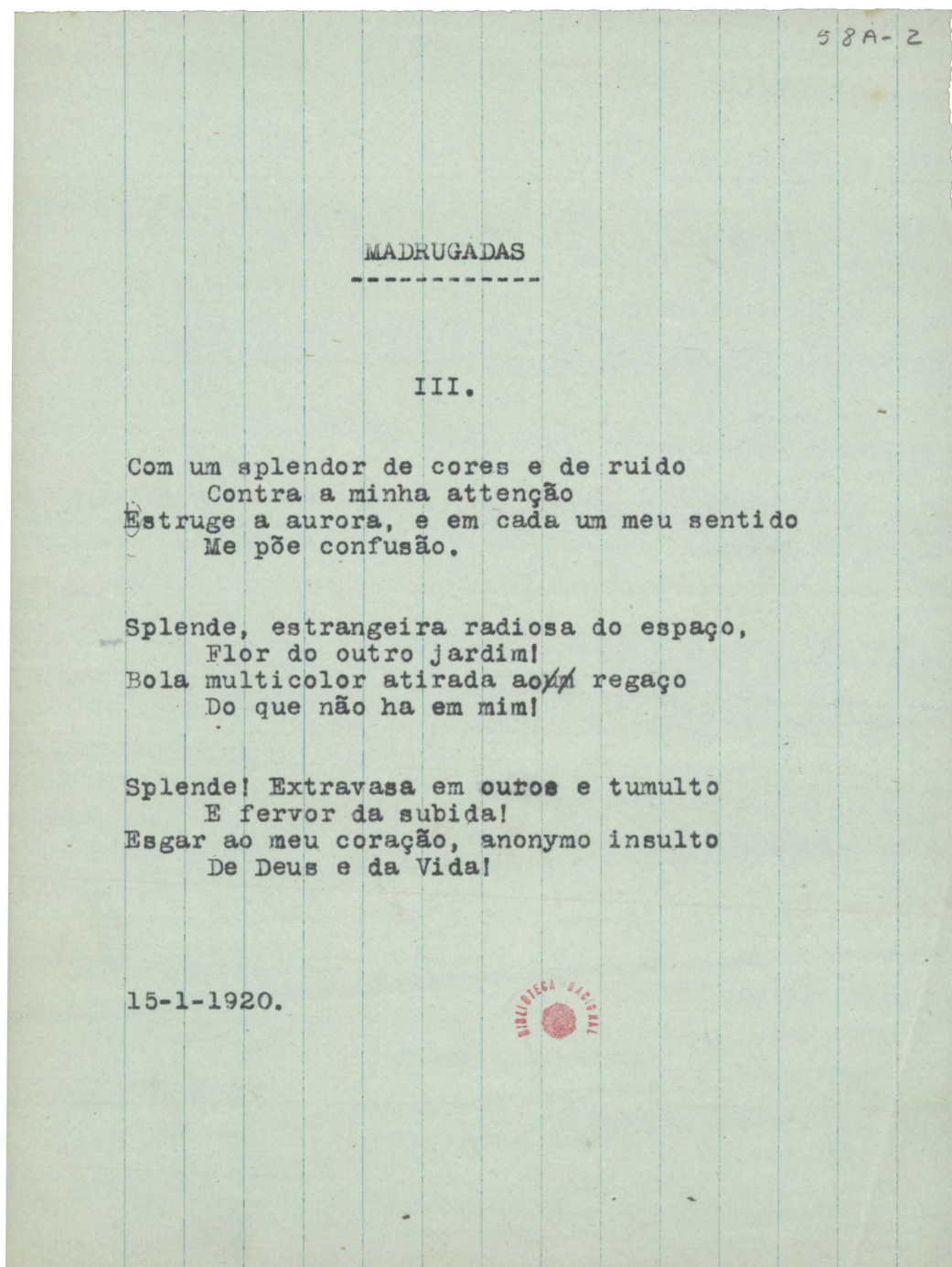


Fig. 29. «Com um splendor de cores e de ruido» (BNP/E3, 58A-2).



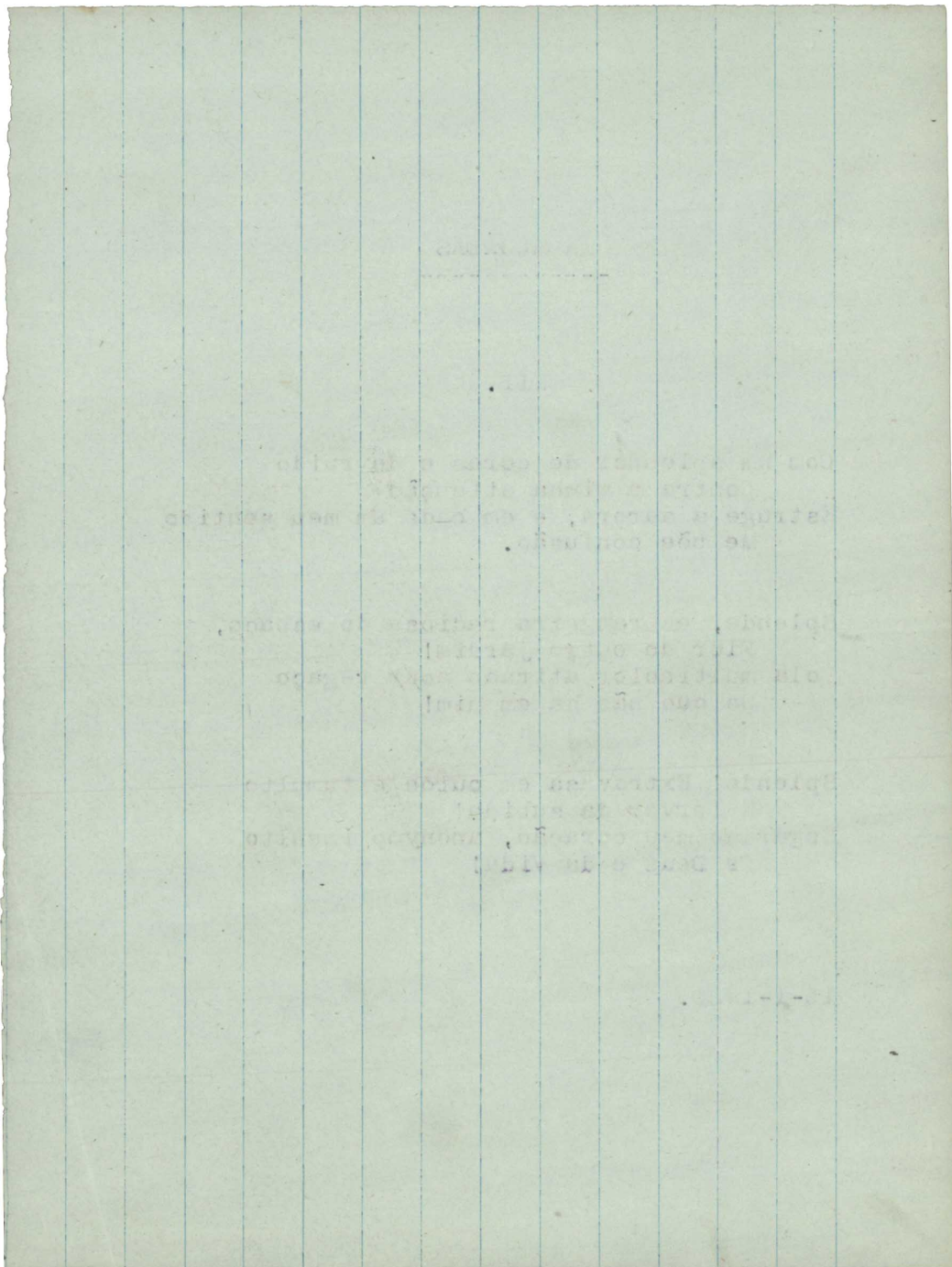


Fig. 30. «Com um esplendor de cores e de ruído» (BNP/E3, 58A-2v).

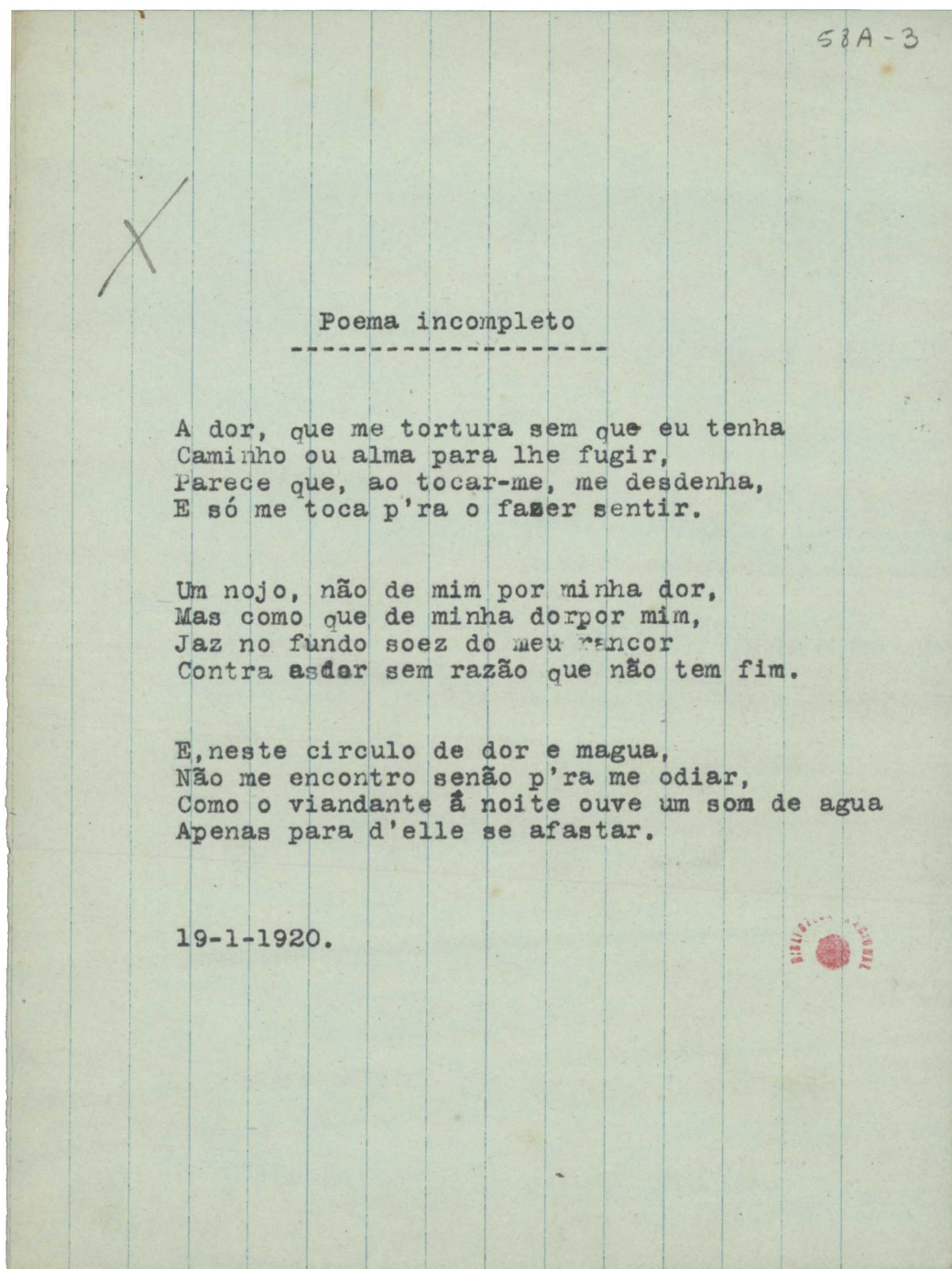


Fig. 31. «A dor, que me tortura sem que eu tenha» (BNP/E3, 58A-3v).



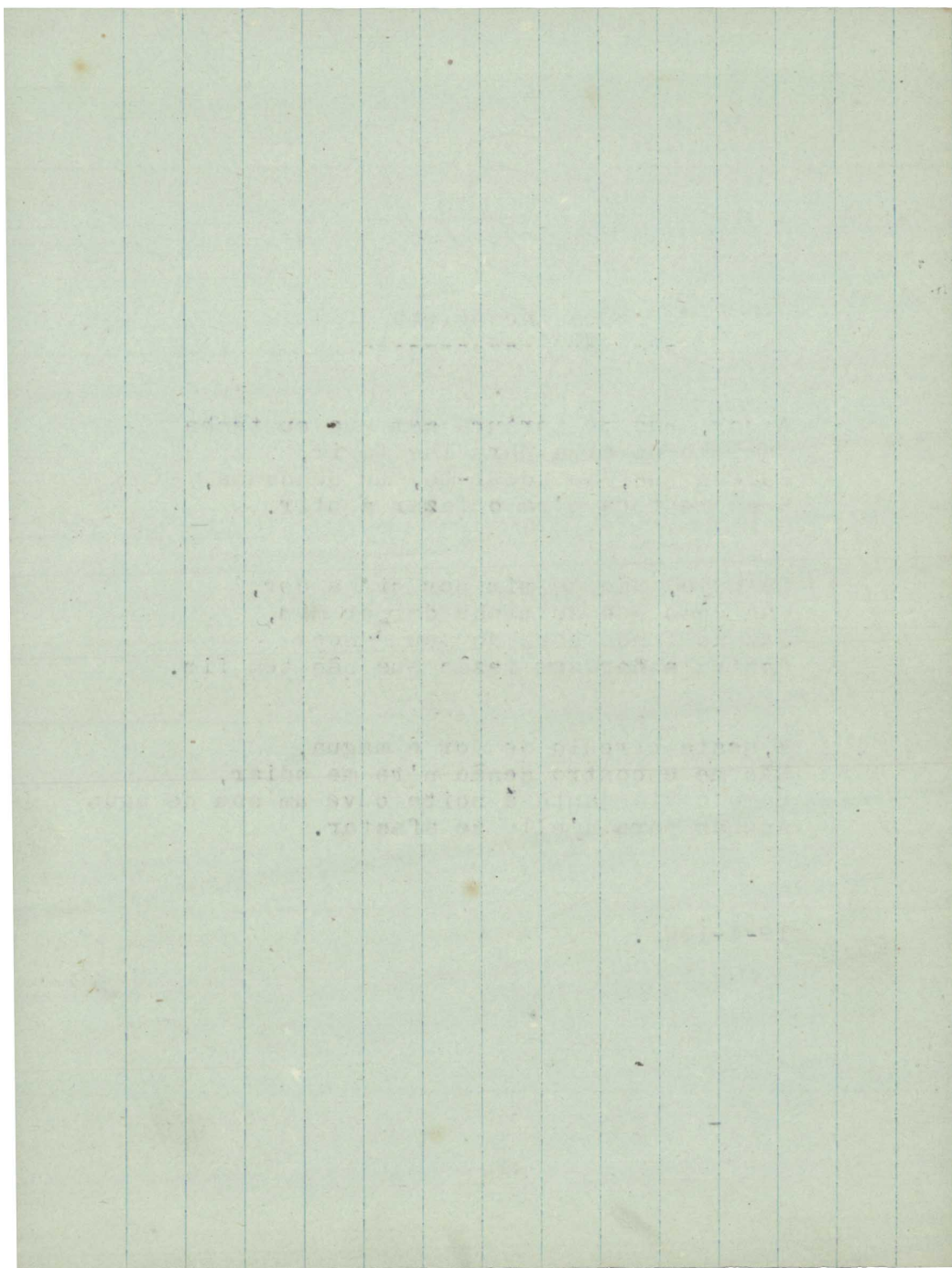


Fig. 32. «A dor, que me tortura sem que eu tenha» (BNP/E3, 58A-3v).





## VI. «Dizem?» (BPMP, M-SER-930)

Carlos Queiroz faz referência a um poema de Fernando Pessoa, transcrevendo-o no pequeno livrinho publicado pelas Edições Presença, em 1936, intitulado *Homenagem a Fernando Pessoa, com os excerpts das suas cartas de amor e um retrato por Almada*. Citamos a passagem em que se apresenta esse poema, a partir do original:

Contudo, até aos últimos instantes de presença terrena, o seu espírito manteve-se num quási permanente estado de possibilidade de criação, aberto e atento para os mais ciciados ou longínquos apelos da Poesia.

Suponho que exemplifica e suficientemente confirma êste esbôço de definição, o que passo a contar: – Uma tarde, em 1926, encontrei-o numa rua da Baixa; tinha acabado de apear-se dum *eléctrico* e disse-me o seguinte: – Durante o trajecto, na plataforma, *aconteceu-me* esta poesia; quer ouvir? – E recitou-me o poemeto que vou ler [...]:

Dizem?  
Esquecem.  
Não dizem?  
Dissessem.

Fazem?  
Fatal.  
Não fazem?  
Igual.<sup>5</sup>

Porquê<sup>6</sup>  
Esperar?<sup>7</sup>  
— Tudo é<sup>8</sup>  
Sonhar.

Era assim, Fernando Pessoa: — mais poeta na plataforma dum *eléctrico*, do que a maioria daqueles que afirmam que a Poesia, para dar-se, necessita de ambiente especial.

(QUEIROZ, 1936: 18-19)

Segundo Carlos Queiroz, Pessoa teria produzido este poemeto em 1926, não fazendo qualquer referência ao mês e ao dia, apenas mencionando que fora durante a tarde. Não sabemos se, na altura, Pessoa passara estas palavras para o papel ou se limitara a recitá-las de cabeça, registando-as mais tarde. O que sabemos é que do poema existem pelo menos mais dois testemunhos (daí as notas de cotejo), e que um se encontra assinado e outro datado, não de 1926, mas de DEZ. 1927 / JAN. 1928 (Figs. 35 a 38). Transcrevemos o primeiro, localizado no espólio Serpa:

<sup>5</sup> Manuscrito & M-SER-930: Igual.

<sup>6</sup> Manuscrito & M-SER-930: Por quê.

<sup>7</sup> Manuscrito & M-SER-930: Sperar?

<sup>8</sup> Manuscrito & M-SER-930: Tudo é

Dizem?  
 Esquecem.  
 Não dizem?  
 Dissessem.

5 Fazem?  
 Fatal.  
 Não fazem?  
 Igual.

10 Por quê  
 Sperar?  
 Tudo é  
 Sonhar.

DEZ.27/JAN.28  
 e valeu a  
 pena!

[M-SER-930]

Pertencente ao espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Uma folha de papel liso amarelecido e com algumas manchas. Um pronunciado vinco de dobra horizontal, a meio da folha. No rosto da folha, no canto superior direito, o carimbo da Biblioteca. Verso da folha em branco, com marcação da cota [M-SER-930]. No canto inferior esquerdo, a lápis, «Cancioneiro?».

Este poema foi publicado primeiro em 1936, por Carlos Queiroz, e depois em *Poesias* (1942), por João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Anos mais tarde, e não tendo entrado numa edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda por não ter sido publicado com uma data, ficou entre os poemas não-datados do volume *Poesia 1931-1935 e não datada* (PESSOA, 2006: 545). Este poema tem sido mal editado. Identificam-se vários problemas: a ausência de uma data, a não-atribuição de cota por parte dos editores, a constante referência à *Homenagem* de 1936, além da não-inventariação do testemunho manuscrito existente no Martinho da Arcada (Fig. 38).

Se estudarmos o manuscrito, o quarto verso deve ser, pela rima e pela paleografia, «Dissessem» e não «Disseram», como figura em quase todas as edições de textos de Fernando Pessoa. Urge fazer esta correcção, tal como Cleonice Berardinelli recomendou oralmente em diversos seminários:

Dizem?  
 Esquecem.  
 Não dizem?  
~~Disseram.~~ Dissessem.



Refira-se ainda que este poema recebe o título «Tudo» numa lista de poemas ortónimos de 1927/1928 (Figs. 39 e 40).

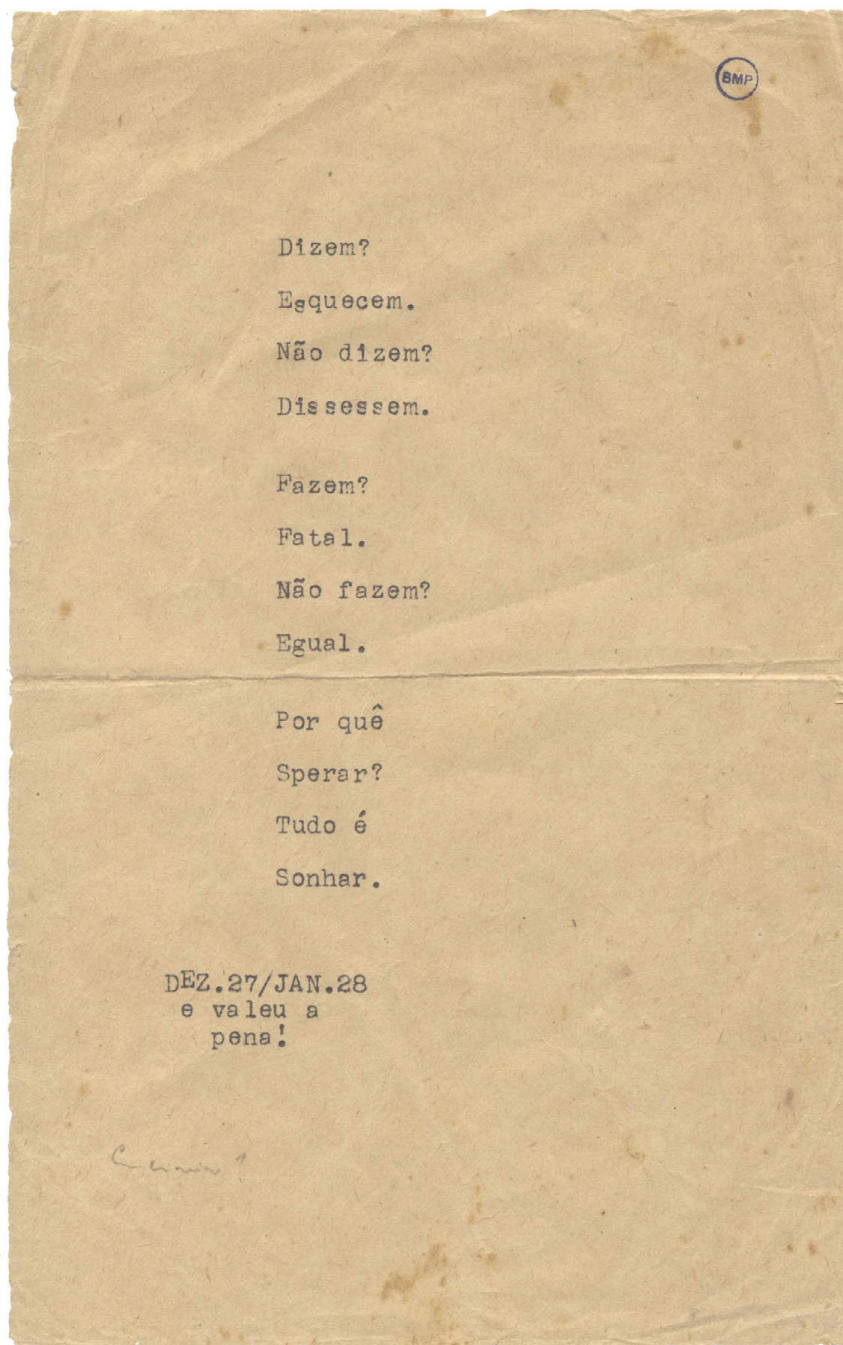


Fig. 35. «Dizem» (BPMP, M-SER-930).

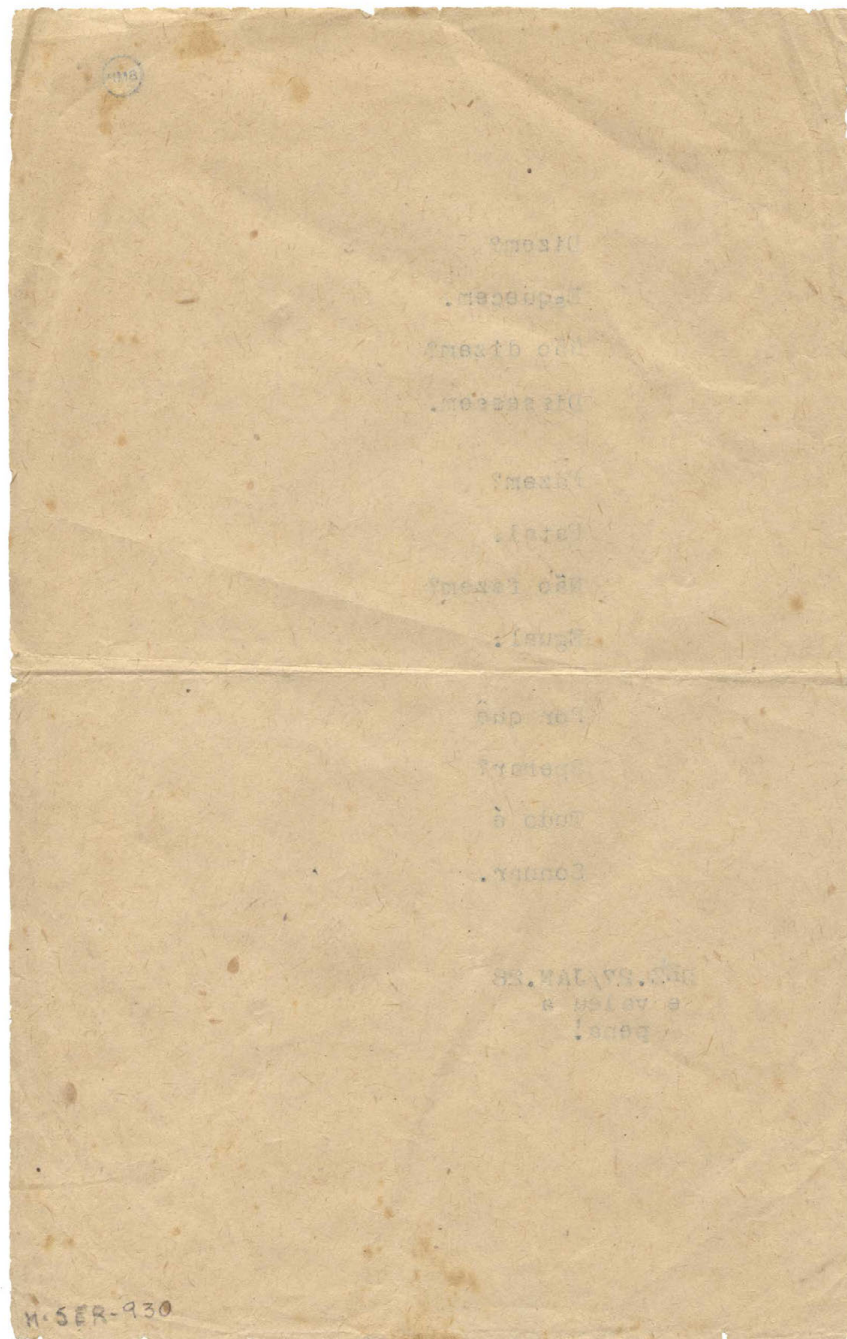


Fig. 36. «Dizem» (BPMP, M-SER-930).  
No canto inferior esquerdo figura a cota.



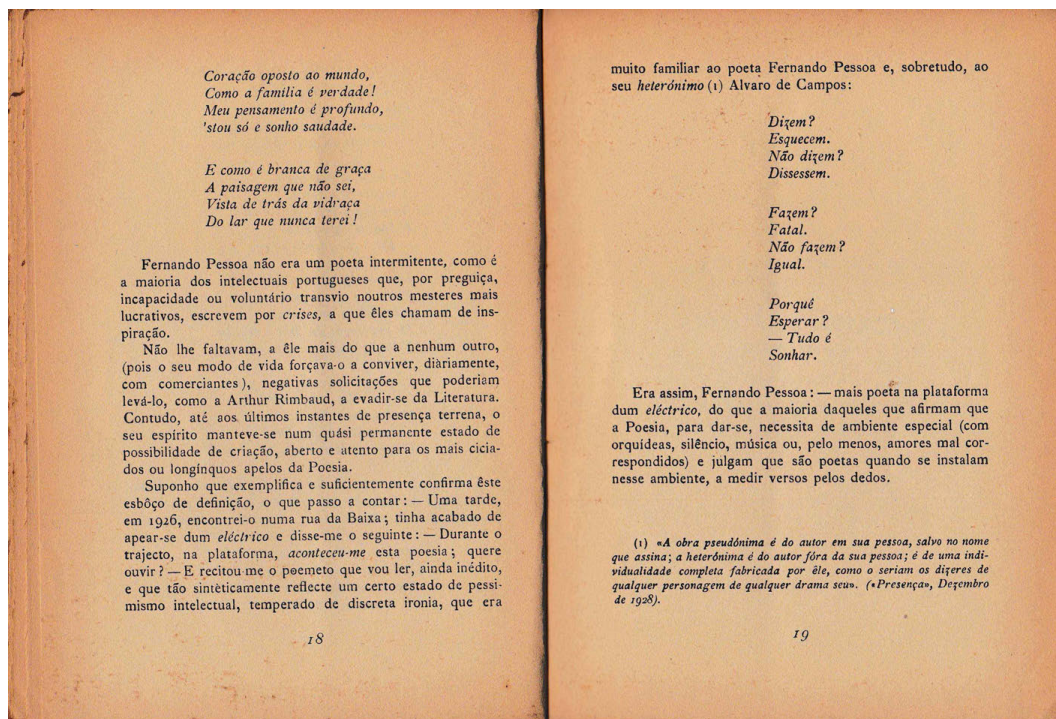


Fig. 37. Homenagem a Fernando Pessoa (1936).

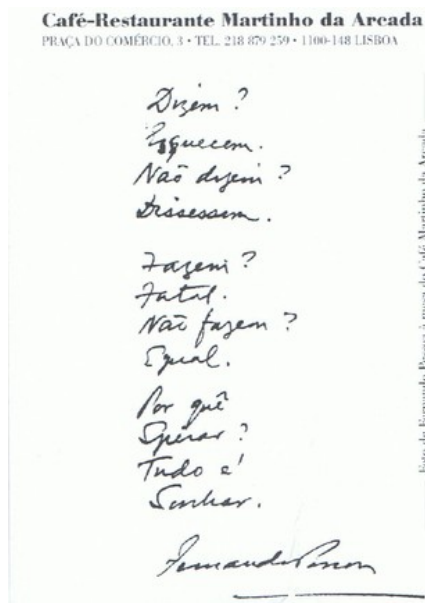
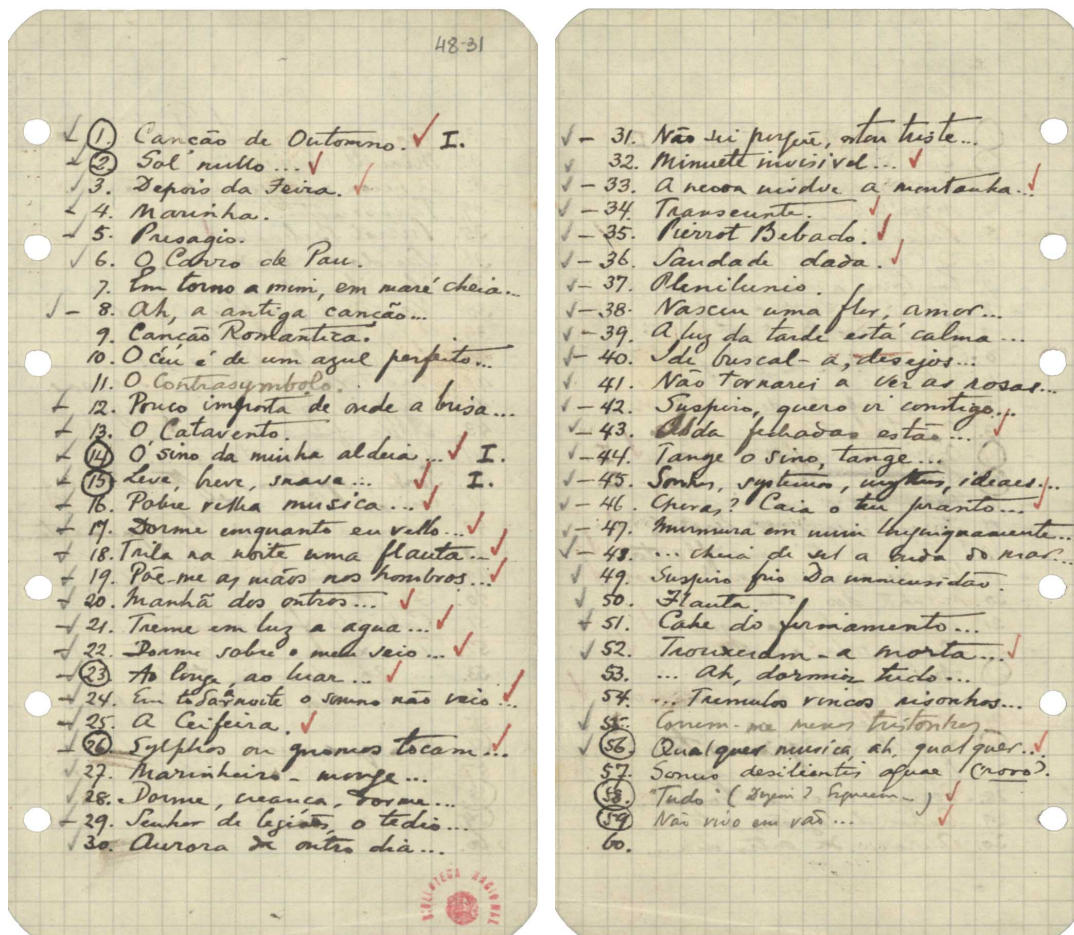


Fig. 38. «Dizem?» – manuscrito.

<<http://fan-pessoa.blogs.sapo.pt/restaurante-sao-martinho-da-arcada-4778>>



Figs. 39 e 40. Ver o número 58, «Tudo» (Dizem? Esquecem) (BNP/E3, 48-31).

## VII. «Às vezes, em sonhos distraídos» (BPMP, M-SER-929)

Da poesia passamos a um texto em prosa de 1929 (ou 1930) assinado por «Fernando Pessoa». Segue a transcrição do documento do espólio Serpa e o confronto com aquele à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal com a ortografia actualizada (Figs. 41 e 42)<sup>9</sup>. O primeiro é uma cópia do segundo, com algumas imperfeições (a mais grave «rio» por «riu»; cf. nota XXV):

Ási vezes, em sonhos distraídos<sup>1</sup>, que me surgem das esquinas<sup>2</sup> do pensamento e<sup>ii</sup> da emoção, visiono amores. Uma vez me encontro desenrolando um enredo<sup>iii</sup> de uma paixão correspondida por uma tuberculosa genio, que havia escrito o seu livro imortal na esperança de não sei quê, sempre, assentada<sup>3</sup>, á<sup>iv</sup> janela da casa caiada. Outras vezes é a<sup>4</sup> marquiza, que mora<sup>v</sup> na quinta alta, que,<sup>5</sup> quando me conheceu residente perto<sup>6</sup> de ali onde eu nunca estaria, me atrai<sup>vi</sup> a si sem querer<sup>vii</sup>; o nosso amor desenvolve-se sem historia<sup>viii</sup>, e ha<sup>ix</sup> uma grande conclusão<sup>7</sup>. Outra<sup>x</sup> vezes<sup>8</sup> ainda<sup>xi</sup> o romantismo deixa as tuberculosas<sup>9</sup> e a aristocracia, e há<sup>10</sup> uma grande simplicidade nos desejos sonhados: ela foi encontrada entre a vida como uma flor entre<sup>11</sup> ervas altas, colhi-a<sup>12</sup> para o meu lar limpo e lindo, e a nossa

<sup>9</sup> O confronto de 94-81 e 94-84 (Figs. 42 e 43) encontra-se no segundo tomo do *Livro do Desasocego* (PESSOA, 2010: II, 1029).

vida, pelo menos até<sup>13</sup> onde vai o sonho, dorme quietudes entre sinceridades,<sup>14</sup> e tudo é afago<sup>xii</sup>.

Ah, que enredos<sup>xiii</sup> complexos,<sup>15</sup> em convezes de navios, em ilhas distantes, em hotéis universais, em viagens passageiras, me não encantam a distração<sup>xiv</sup> como vestidos expostos.

Mas, de repente, e com um regresso<sup>16</sup> de pesadelo<sup>xv</sup> estatelado, desperto<sup>xvi</sup> do<sup>xvii</sup> meu romantismo sexual, e córo a sós comigo de fazer com a mente de dentro<sup>17</sup> a mesma<sup>xviii</sup> coisa<sup>18</sup> que fazem todos os homens. E tenho, como timbre de fidalguia fraseada<sup>xix</sup>, a vantagem ridícula<sup>xx</sup> de contar.<sup>19</sup> Sim, ás<sup>xxi</sup> vezes,<sup>20</sup> sonho dêste modo. Ás<sup>xxii</sup> vezes sou costureira masculina, e tenho príncipes<sup>21</sup>, que são princezas<sup>xxiii</sup>, e muitas vezes são outra coisa, na imaginação inevitável.

E então acordado<sup>22</sup> de todo<sup>xxiv</sup>, rio<sup>xxv</sup>, quási alto, de me ver<sup>xxvi</sup> assim, como se me visse nú por baixo<sup>23</sup> da nudez,<sup>24</sup> como se me conhecesse esqueleto da<sup>xxvii</sup> alma, e uma alegria ponteguda valsa nos meus devaneios<sup>25</sup>. Que tristeza!<sup>26</sup>

Fernando Pessoa.<sup>27</sup>

[M-SER-929]

Pertencente ao espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Uma folha de papel liso amarelecido e com manchas. Um pronunciado vinco de dobra horizontal, a meio da folha e outro na vertical, menos visível. Verso da folha em branco, com marcação da cota [M-SER-929]. No topo da folha, escrito a lápis «— Inédito —»; no canto superior direito «3», a lápiz azul e sublinhado, à esquerda do carimbo da Biblioteca. Assinatura em dois tempos (ver nota 27), manuscrita. Texto inserido em algumas edições do *Livro do Dessassocego*; mas não em todas nem na edição crítica de 2010.

NOTAS

- 1 distra<i>/í\ dos
- 2 e<d>/s\quinas
- 3 <\*oio>/assen\ tada
- 4 <na>/a\
- 5 que[→,]
- 6 p<r>/e\ rto
- 7 conclu[↑s]ão
- 8 Outra vezes ] *no original*.
- 9 tuberc<o>/u\ losas
- 10 há ] *desta vez, com acento*.
- 11 ent<e>/r\ e
- 12 colhi<a>/-\ a
- 13 até ] *com duplo acento, nas letras «t» e «e»*.
- 14 sinceridades , ] *no original*.
- 15 complexos , ] *no original*.
- 16 <desjo> [↑ regresso] *emenda manuscrita a tinta preta esverdeada*.
- 17 mente de dentro ] *no original*.
- 18 mesma [→ coisa] *emenda manuscrita a tinta preta esverdeada*.
- 19 cont<ra>/ar\ ] *emenda manuscrita a tinta azul*.
- 20 vezes[→,]
- 21 pr<i>/í\ncipes ] *acento acrescentado à mão*.
- 22 acord<o>/a\ [↑do]
- 23 baix<a>/o\
- 24 nudez , ] *no original*.



25	devane<o>/i \ os
26	tri<q>/s \ teza ! ] <i>no original.</i>
27	F<>/e \ [↑rnando] Pessoa. ] <i>nem o nome nem a emenda parecem autógrafos.</i>
i	BNP/E3, 94-81r: Ás
ii	BNP/E3, 94-81r: [↑ e]
iii	BNP/E3, 94-81r: enrêdo
iv	BNP/E3, 94-81r: <e>/à \
v	BNP/E3, 94-81r: móra
vi	BNP/E3, 94-81r: <que metrai> me atrai
vii	BNP/E3, 94-81r: q uerer
viii	BNP/E3, 94-81r: história
ix	BNP/E3, 94-81r: há
x	BNP/E3, 94-81r: Outras
xi	BNP/E3, 94-81r: ai<l>/n \ da
xii	BNP/E3, 94-81r: af<f>ago
xiii	BNP/E3, 94-81r: enrêdos
xiv	BNP/E3, 94-81r: distração
xv	BNP/E3, 94-81r: pesadêlo
xvi	BNP/E3, 94-81r: disperto
xvii	BNP/E3, 94-81r: [↑d]o
xviii	BNP/E3, 94-81r: a l mesma
xix	BNP/E3, 94-81r: fras<i>/e \ ada
xx	BNP/E3, 94-81r: ridícula
xxi	BNP/E3, 94-81r: às
xxii	BNP/E3, 94-81r: Às
xxiii	BNP/E3, 94-81r: prince<s>/z \ as
xxiv	BNP/E3, 94-81r: tôdo
xxv	BNP/E3, 94-81r: riu
xxvi	BNP/E3, 94-81r: vêr
xxvii	BNP/E3, 94-81r: d<e>/a \

Este texto integra também o volume *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (PESSOA, 2003: 176-177). É difícil estabelecer qual deveria ser o tomo, de umas hipotéticas *Obras Completas* pessoais, em que teria melhor cabimento. Será um texto íntimo e de auto-interpretação? Terá uma dimensão ficcional, embora seja assinado por «Fernando Pessoa»? Deverá ser lido como uma confissão ou como uma invenção, ou como um misto de ambas? Estas perguntas deverão ficar para já em aberto, enquanto este escrito não for iluminado por outros leitores. Além disso, é contemporâneo de «A Carta da Corcunda para o Serralheiro», isto é, da carta de uma tuberculosa para o senhor António que passa sob a sua janela: «Adeus senhor Antonio, eu não tenho senão dias de vida e escrevo esta carta só para a guardar no peito como se fosse uma carta que o senhor me escrevesse em vez de eu a escrever a si. Eu desejo que o senhor tenha todas as felicidades que possa desejar e que nunca mais saiba de mim para não rir porque eu sei que não posso esperar mais» (PESSOA, 2016: 631-632).

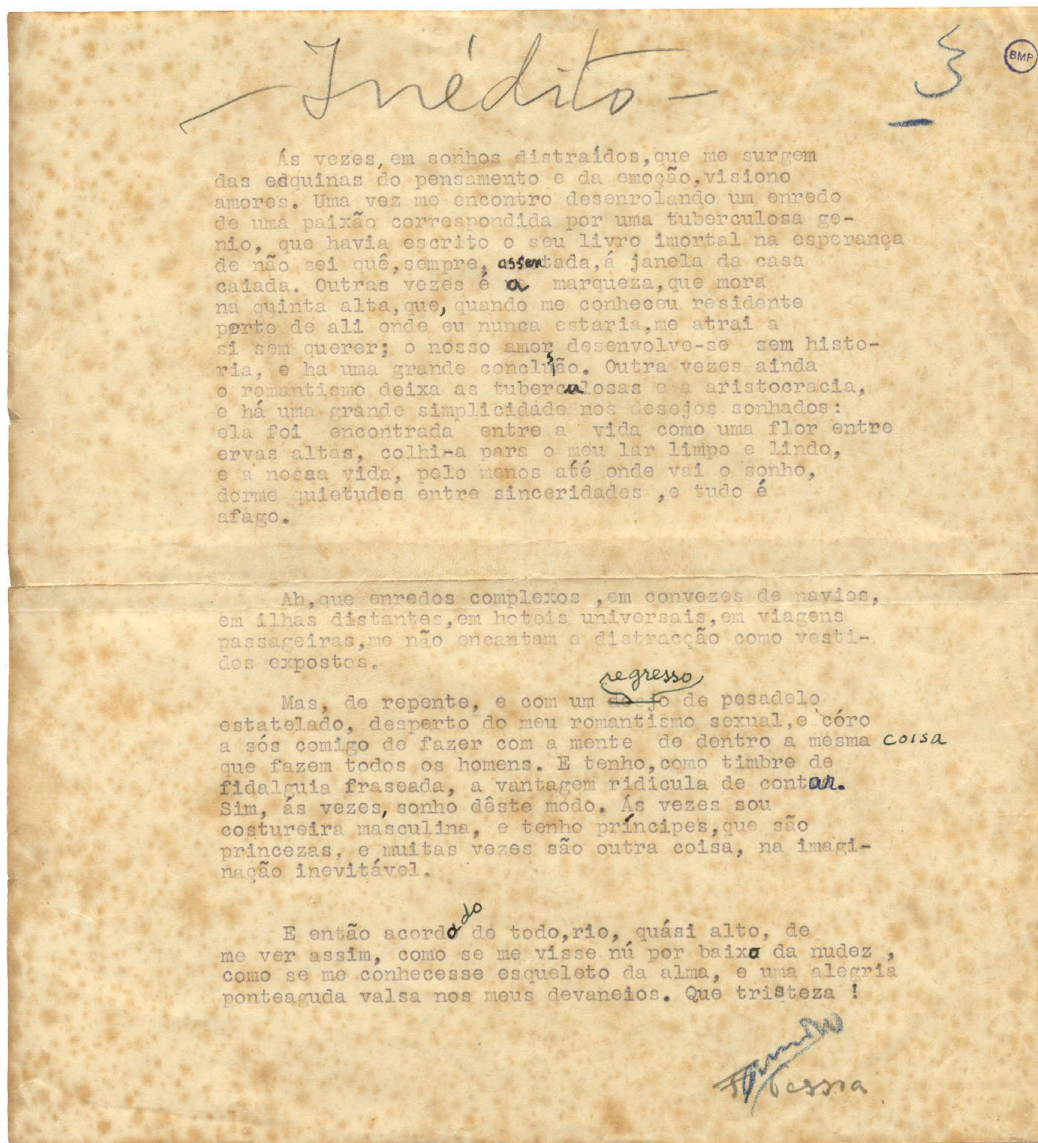


Fig. 41. «Às vezes, em sonhos distraídos» (BPMP, M-SER-929).

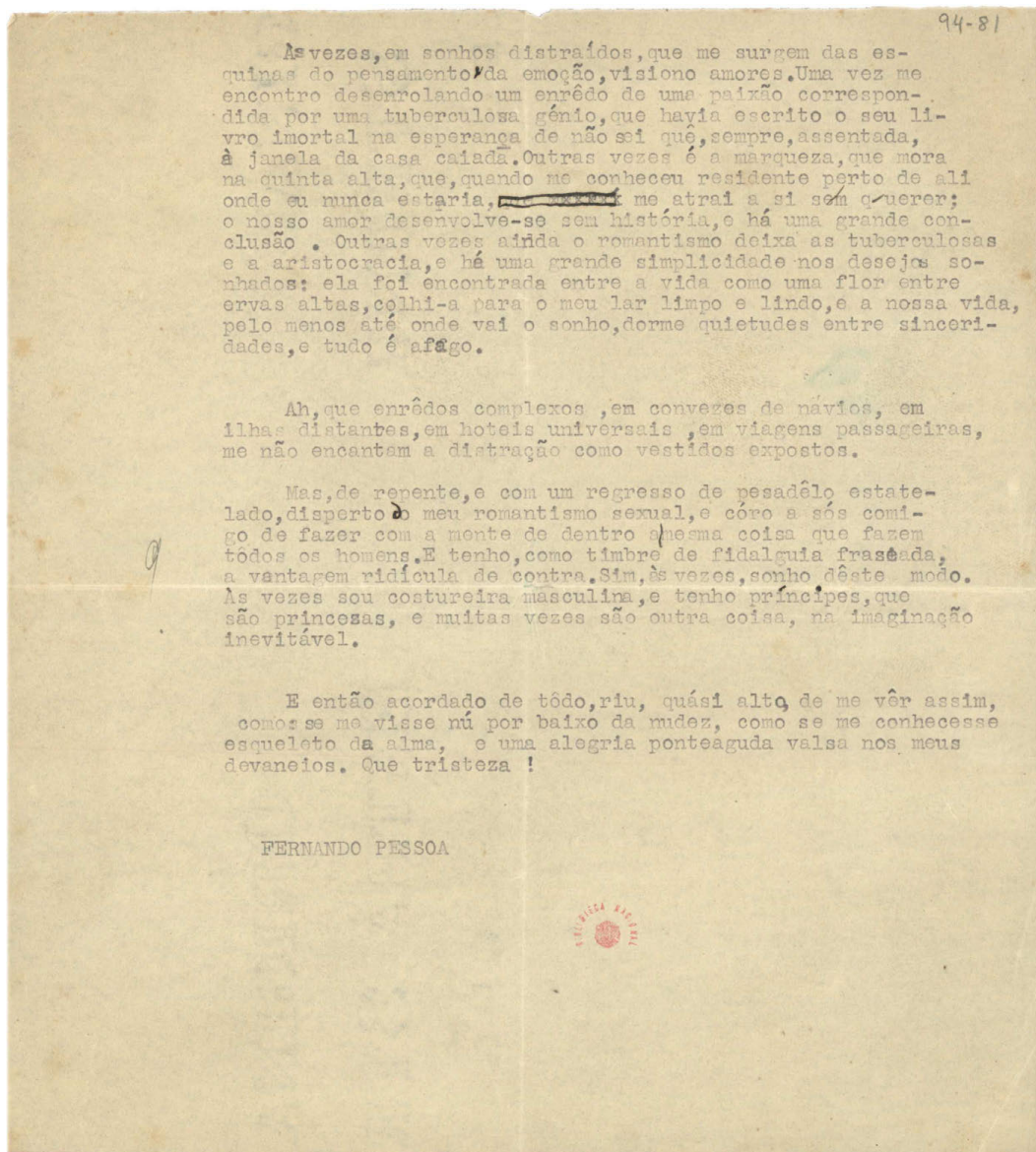


Fig. 42. «Às vezes, em sonhos distraídos» (BNP/E3, 94-81<sup>1</sup>).



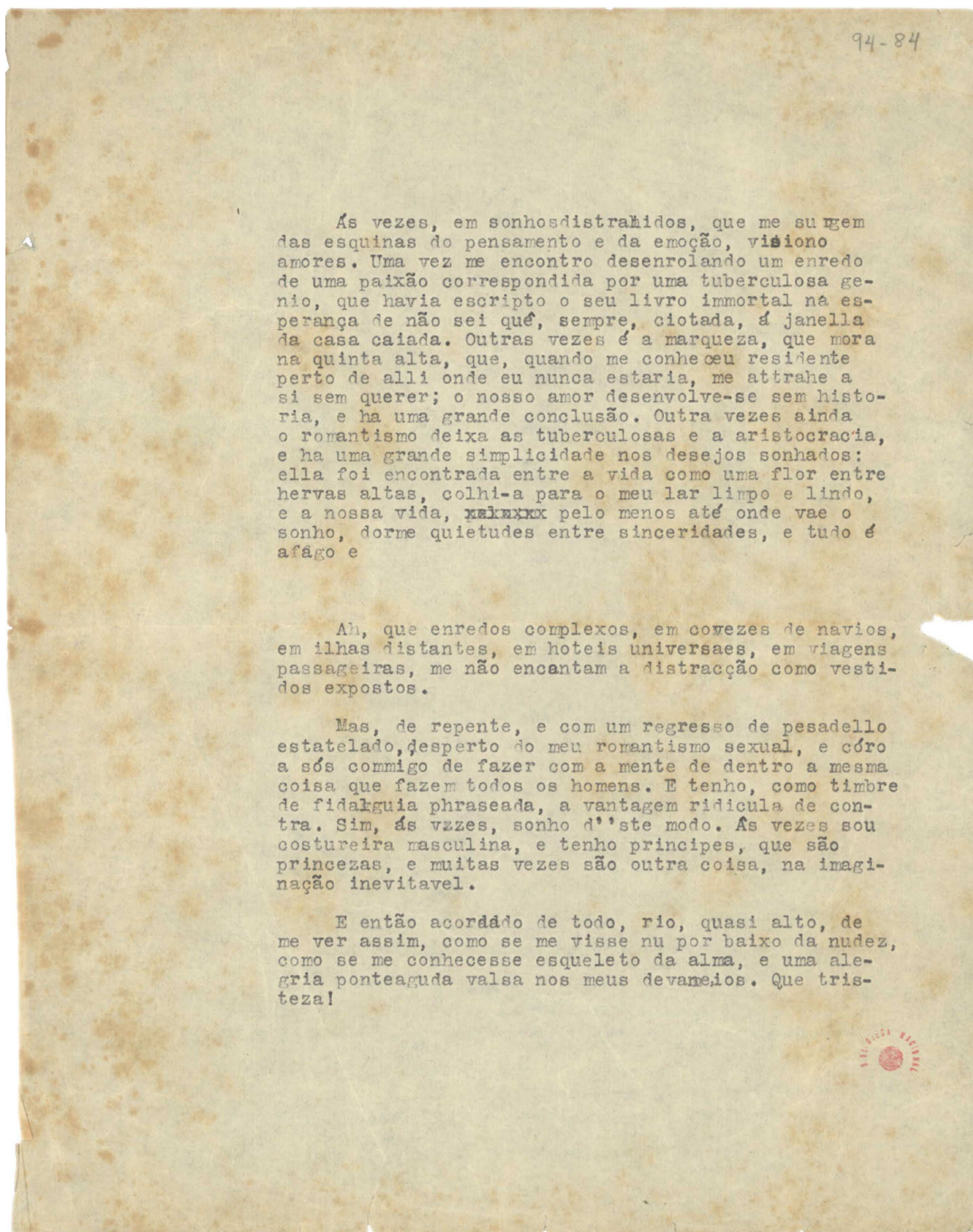


Fig. 43. «As vezes, em sonhos distrahidos» (BNP/E3, 94-84r).



## VIII. «Affonso de Albuquerque» (BPMP, M-SER-927)

Este poema, que entrou e saiu de *Mensagem* (1934), é dedicado a Afonso de Albuquerque, sobre quem António Cirurgião escreveu:

Vítima, como diz e prova a história, de difamação indizível, de invejas mesquinhas, por parte daqueles a quem a sua grandeza fazia sombra, vem Afonso de Albuquerque, o segundo vice-rei da Índia, “a maior figura da história de Portugal no Oriente” [*Dicionário da História de Portugal* – Dirigido por Joel Serrão (Porto: Iniciativas Editoriais, 1979), Vol. I, p. 74.], a cair na desgraça do Rei D. Manuel e a morrer nessa situação. Ele, que foi a justiça em pessoa, que tinha o condão de se fazer temer, respeitar e amar de amigos e adversários (só assim poderia ter construído o império que construiu), só viu, nos últimos anos de vida, “a injustiça e a sorte.”

Dum estoicismo lendário, dum espírito de fidelidade a toda a prova ao seu Rei e senhor, e de um desprendimento de asceta das coisas do mundo, é indiferente à “vida e à morte.” Mais poderoso e mais rico, na realidade, do que o Rei a quem servia, fácil lhe teria sido fazer-se proclamar rei do Oriente, mas não o fez [...]

(CIRURGIÃO, 1990: 140-141)

Apresenta-se a seguir uma versão crítica do testemunho do poema (Figs. 44 e 45) localizado na Biblioteca Pública Municipal do Porto:

*Affonso de Albuquerque.*

Passa um gigante pela vasta terra.  
Seu passo duro faz tremer o solo.  
Seu pensamento todo o mundo encerra,  
Regio de força e desconsolo,

5      Seu vulto augusto é cheio de signaes.  
Seu grande olhar esta visão revela  
Mais vale o Imperio do que a gloria, e mais  
Que a gratidão o merecel-a.

10     Não tem coroa sobre a fronte altiva,  
Sceptro nenhum em suas mãos está:  
Grande demais para o que a hora viva  
Aos que são só da hora dá.

10-7-1934.

[BPMP, M-SER-927]

Pertencente ao espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Folha lisa, amarelecida com um vinco de dobra horizontal, a meio da folha. Datilografada e manuscrita a tinta preta, com correcções. Verso da folha em branco, com marcação da cota [M-SER-927]. Canto superior esquerdo ligeiramente rasgado, com marca de agrafó ou clip. Carimbo da Biblioteca no rosto da folha, no canto superior direito.

NOTAS

- 1 <Um gigante passou por esta terra.> [↑ Passa um gigante pela vasta terra.]  
 2 <f<e>/a\z> [↑ faz] tremer o <chão.> [→ solo.]  
 3 t<u>/o\do o mundo encerra<,>[→,]  
 4 <Seu gesto abrange a vastidão.> [↑ <Em um altivo desconsolo...>] [→ Regio de força e desconsolo,]  
 5-8 *Estrofe riscada*: Mais vale o Imperio <que a victoria>; [↑ do que a gloria] e o passo | <Faz tremer o que mundo é> | Ressoa unico no mundo quedo, | Como se fôsse dado ao <inerte> [↑ mudo] espaço | Para que lhe fizesse medo.  
 10 em sua[s] mão[s] <empunha.> sustenta [↑ está]:  
 11 o <com> que a hora viva  
 12 da hora <tonta> [↑ dá]. *Seguem versos riscados antes de uma nova versão da segunda estrofe*: <Aguia cuja asa aberta> | <Seu grande olhar> | Seu <grande olhar> [↑ vulto augusto] é cheio de signaes. | Seu <vulto augusto> [↑ grande olhar] est<es>/a\ visão revela | Mais vale o Imperio do que a gloria, e mais | Que a gratidão o merecel-a.

Este testemunho pode ser confrontado com os outros dois existentes: o primeiro encontra-se na revista *O Mundo Português*, n.ºs 7 e 8, de Julho e Agosto de 1934 (Figs. 48 e 49); o segundo consta do original dactilografado do livro (Figs. 50 e 51), «em que figuravam duas folhas em alternativa, com a mesma numeração, (pp. 45-46), sendo uma a do poema na sua forma finalmente impressa e a outra a já publicada em *O Mundo Português*. Sobre esta folha, foi escrita a lápis a palavra ‘nula’» (PESSOA, 1993: 41). Estes últimos dois testemunhos já tinham sido comparados na edição crítica coordenada por José Augusto Seabra. Partimos da comparação feita nessa edição para, em rodapé, acrescentar algumas notas:

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Passa um gigante pela vasta terra.	
Seu duro passo faz tremer o solo.	i: Seu <i>passo duro</i>
Seu pensamento todo o mundo encerra,	
Régio de fôrça e desconsôlo.	i: <i>Regio de força e desconsolo.</i>
Seu vulto augusto é grave de sinais;	i: de <i>signaes</i> ; <sup>10</sup>
Seu grande olhar esta visao revela: <sup>11</sup>	
Mais vale o império do que a glória, e mais	i: Mais vale o <i>Imperio</i> do que a <i>gloria</i>
Que a gratidão o merecê-la.	i: <i>merecel-a.</i>
Não há corôa em sua frente altiva,	i: Não <i>ha coroa</i> <sup>12</sup>
Cetro nenhum em suas maos está:	i: <i>Sceptro</i> nenhum
Grande demais para o que a hora viva	
A quem e só da hora da. <sup>13</sup>	

(PESSOA, 1996: 41)

<sup>10</sup> M-SER-927: cheio de signaes.

<sup>11</sup> M-SER-927: revela

<sup>12</sup> M-SER-927: Não tem coroa

<sup>13</sup> M-SER-927: dá.

Repare-se que o testemunho do espólio Serpa difere de *O Mundo Português* no verso 2 («passo duro» vs. «duro passo») e nos restantes (diferenças ortográficas), sendo, portanto, mais próximo do original dactilografado do livro do que da publicação na revista.

Como se observa (Figs. 52 e 53), Pessoa decidiu substituir o poema que temos vindo a discutir por este outro, hoje mais conhecido:

A OUTRA ASA DO GRYPHO  
AFFONSO DE ALBUQUERQUE

De pé, sobre os paizes conquistados  
Desce os olhos cansados  
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.  
Nao pensa em vida ou morte.  
Tam poderoso que não quer o quanto  
Póde, que o querer tanto  
Calcára mais do que o submisso mundo  
Sob o seu passo fundo.  
Trez imperios do chao lhe a Sorte apanha.  
Creou-os como quem desdenha.

«O Infante D. Henrique», «D. João o Segundo» e o poema acima transcrito, todos do dia 26 de Setembro de 1928, formam hoje um conjunto, figurando cada um sob um título mais geral: «A Cabeça do Grypho», «Uma Asa do Grypho» e «A Outra Asa do Grypho», respectivamente.

Por conseguinte, para a génese de *Mensagem* e para o estudo da figura de Afonso de Albuquerque, o autógrafo do espólio Serpa é decisivo. Pessoa terá contemplado em 1934 substituir o poema de 1928, desistindo, no final, dessa ideia. Seja como for, o facto de ter escrito e publicado dois poemas em recordação da mesma figura torna necessário considerá-los juntos. Note-se que o segundo poema foi escrito a 10 de Julho de 1934, quase cinco meses antes de Fernando Pessoa publicar o livro *Mensagem*, que devia concorrer ao prémio do Secretariado de Propaganda Nacional. Na carta de 13 de Janeiro de 1935 para Adolfo Casais Monteiro, Pessoa explica: «O meu livro estava prompto em Setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao premio, pois ignorava que o praso [*sic*] para entrega dos livros, que primitivamente fôra até fim de Julho, fôra alargado até fim de Outubro» (em VIZCAÍNO, 2018: 507-508). Pessoa terá escrito a nova versão do poema na primeira data-limite para o envio do livro. Essa versão não foi contemplada na segunda edição de *Mensagem*, feita postumamente, em 1941, integrando correcções de Pessoa à primeira edição (CIRURGIÃO, 1990: 10-22).





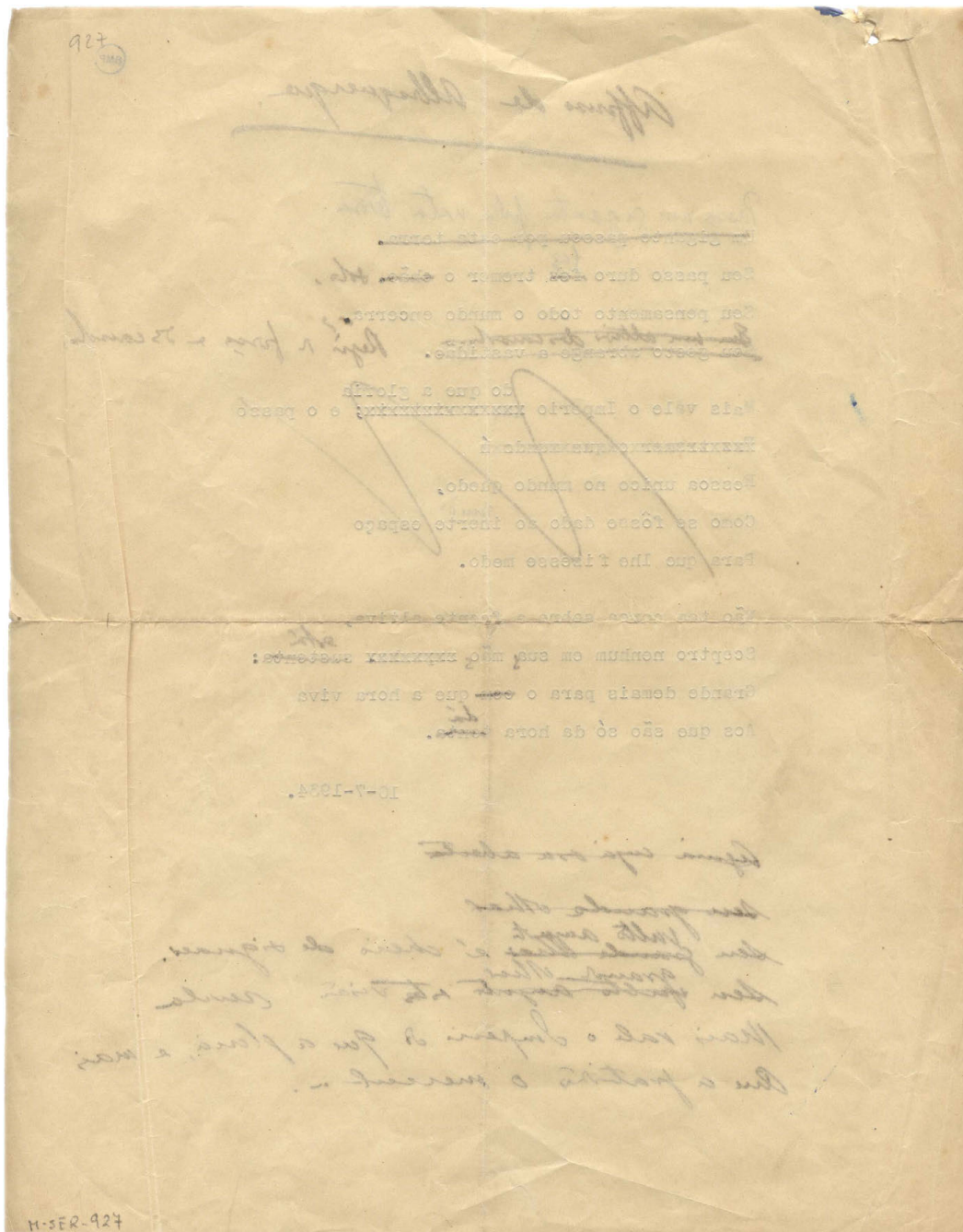


Fig. 45. «Affonso de Albuquerque» (BPMP, M-SER-927).  
No canto inferior esquerdo figura a cota.

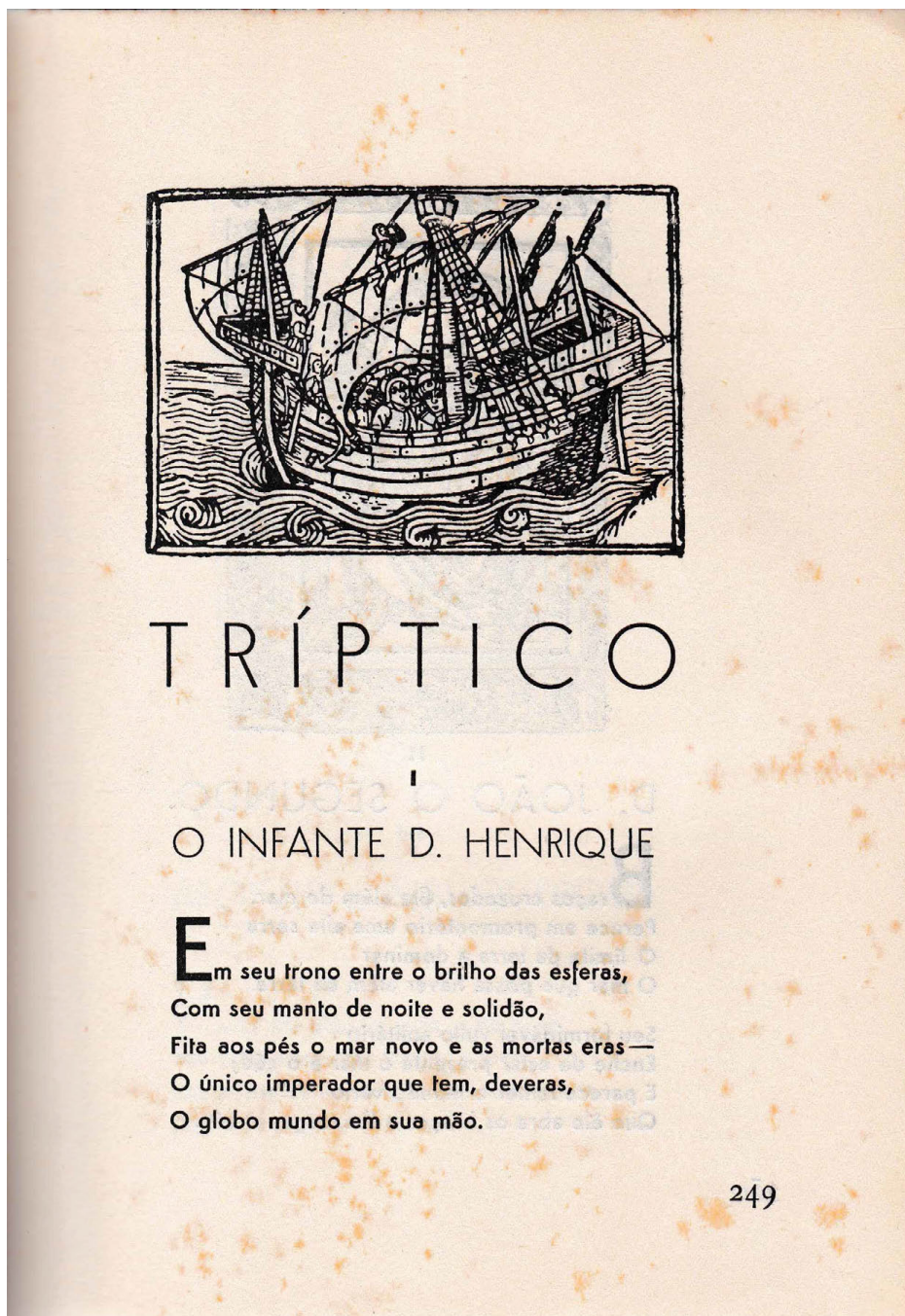


Fig. 46. «Tríptico», *O Mundo Português*, p. 249.  
Colecção do Arquitecto Fernando Távora.





II

## D. JOÃO O SEGUNDO

**B**raços cruzados, fita além do mar.  
Parece em promontório uma alta serra —  
O limite da terra a dominar  
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitário  
Enche de estar presente o mar e o céu;  
E parece temer o mundo vário  
Que êle abra os braços e lhe rasgue o véu.

250

Fig. 47. «Tríptico», *O Mundo Português*, p. 250.  
Coleção do Arquitecto Fernando Távora.



III

## AFONSO DE ALBUQUERQUE

**P**assa um gigante pela vasta terra.  
Seu duro passo faz tremer o solo.  
Seu pensamento todo o mundo encerra,  
Régio de força e desconsôlo.

251

Fig. 48. «Tríptico», *O Mundo Português*, p. 251.  
Colecção do Arquitecto Fernando Távora.



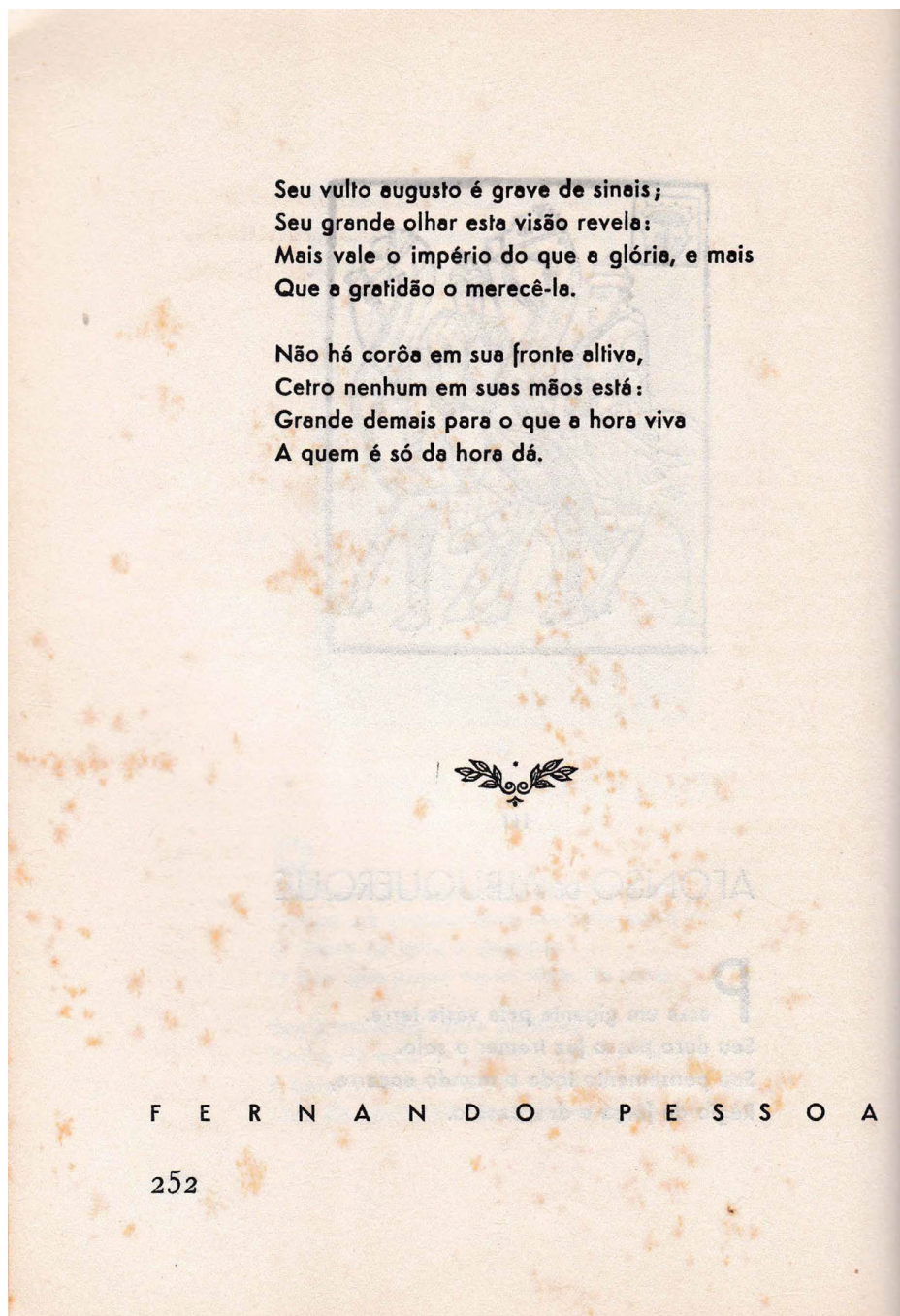


Fig. 49. «Tríptico», *O Mundo Português*, p. 252.  
Colecção do Arquitecto Fernando Távora.

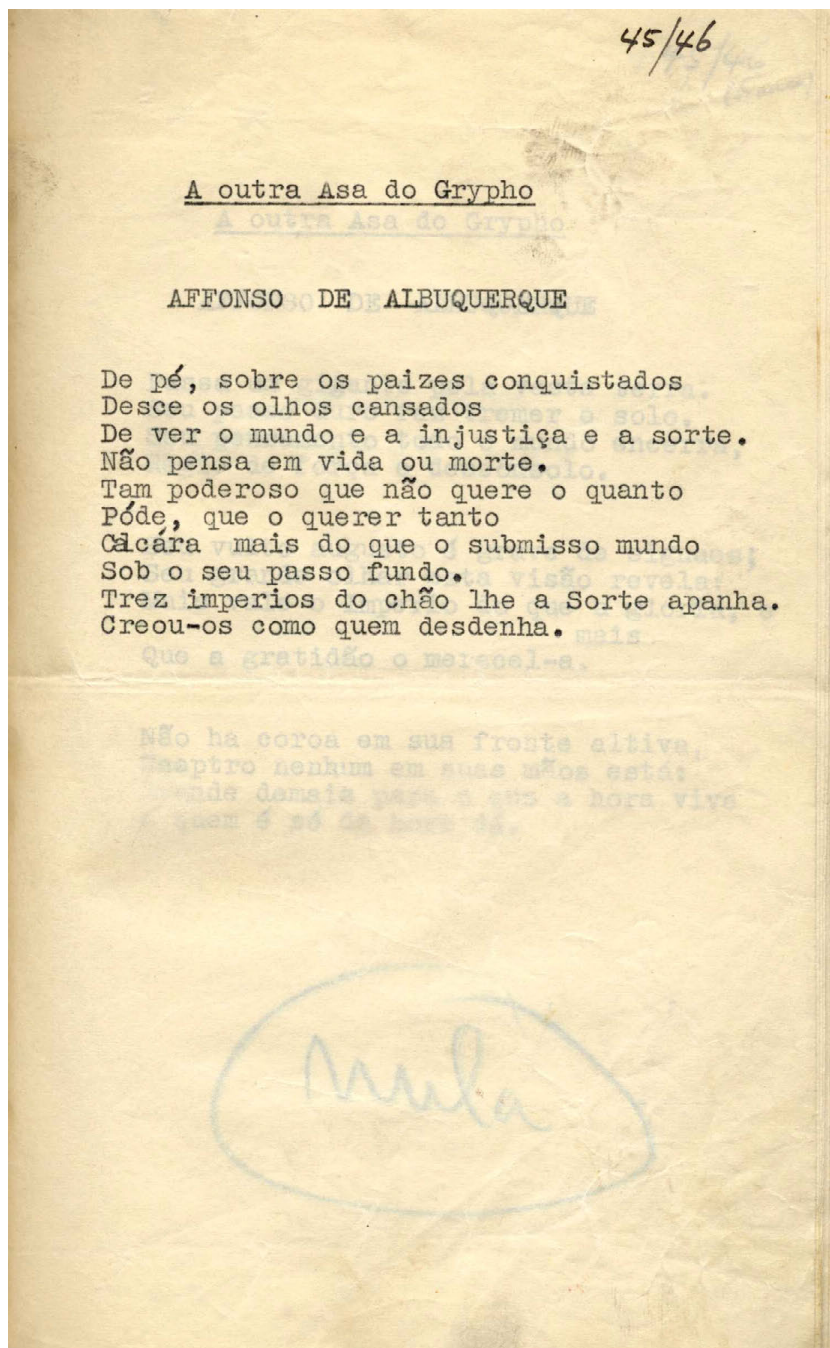


Fig. 50. «Affonso de Albuquerque» (BNP/E3, 146-33').

[\[http://purl.pt/13965\]](http://purl.pt/13965)



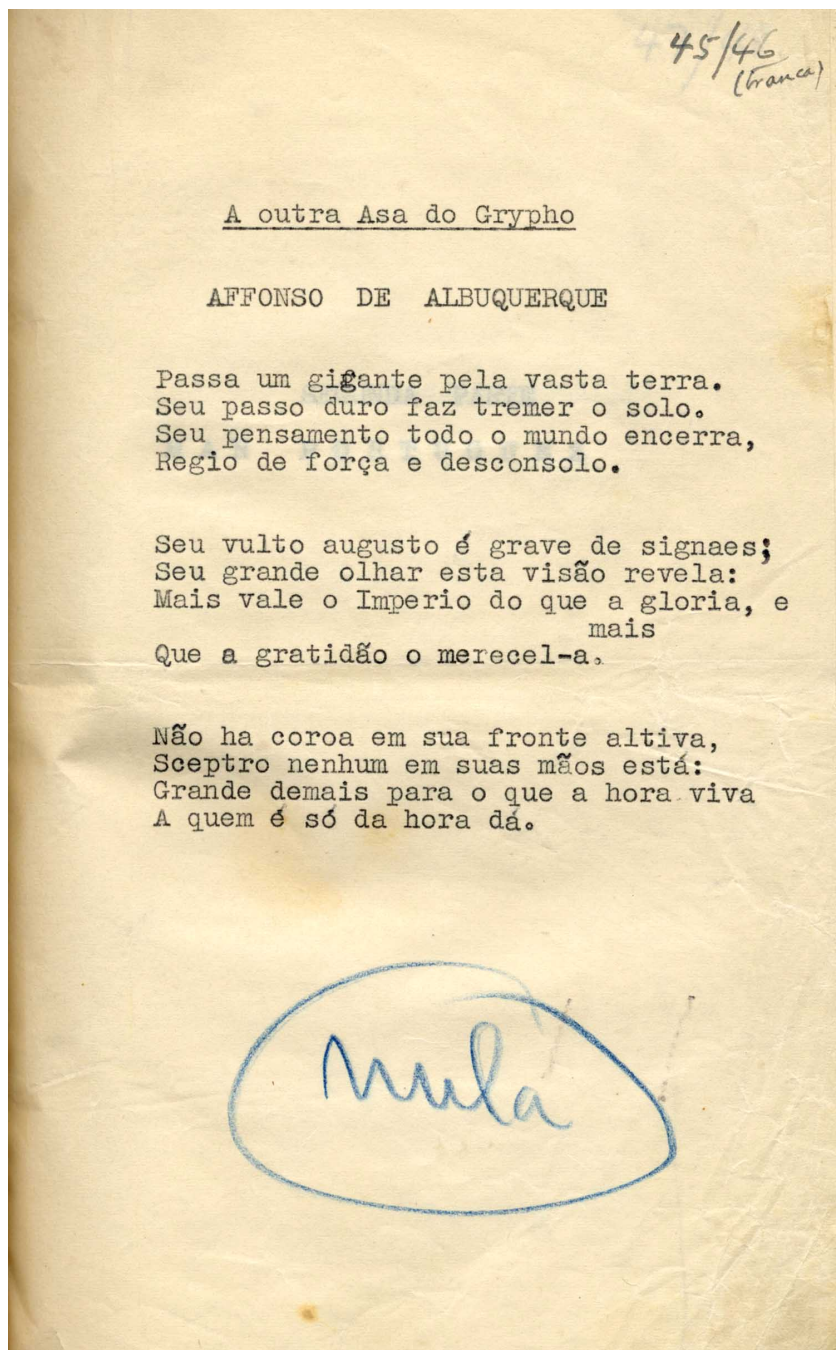


Fig. 51. «Affonso de Albuquerque» (BNP/E3, 146-34).

[\[http://purl.pt/13965\]](http://purl.pt/13965)

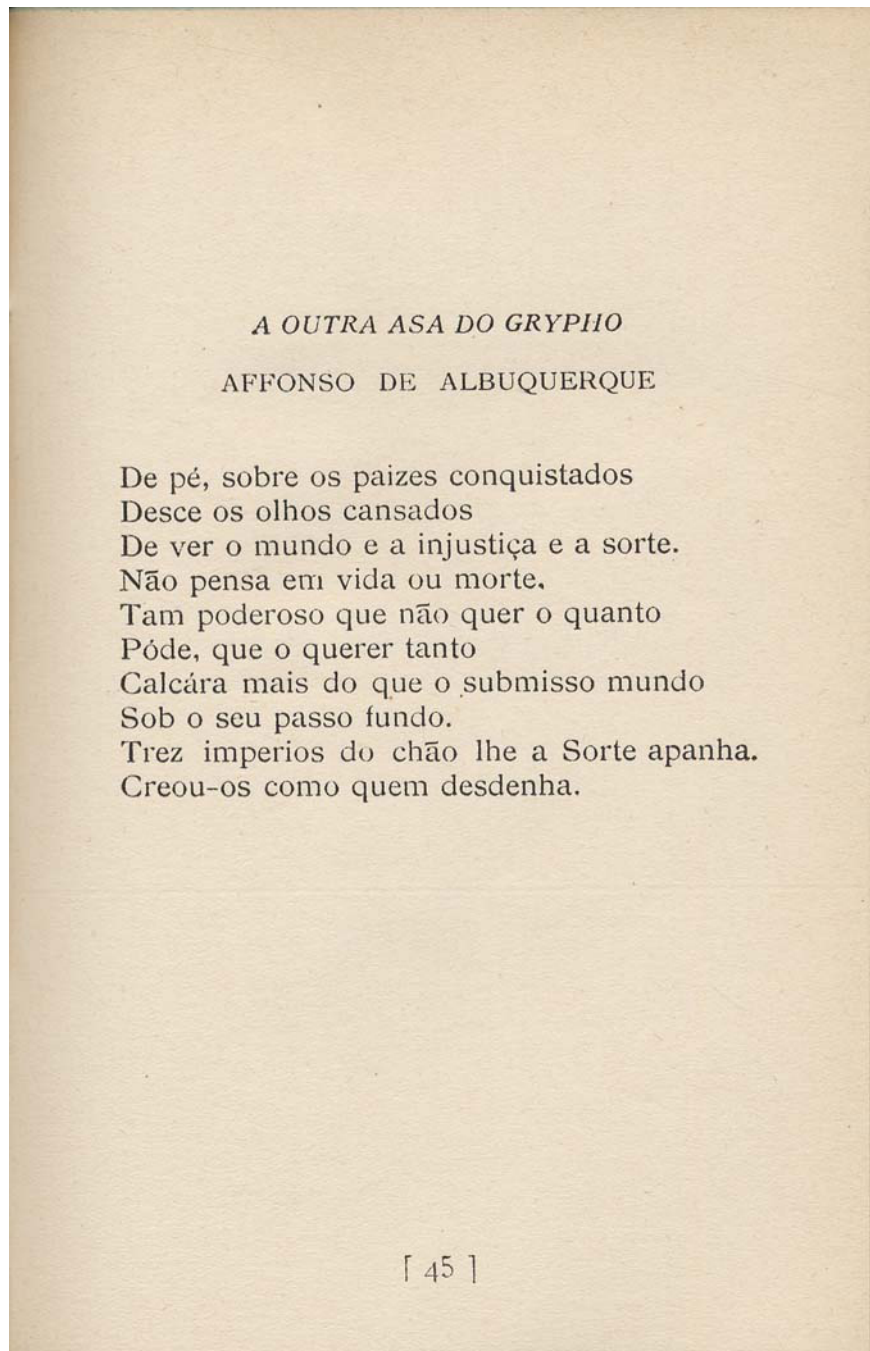


Fig. 52. *Mensagem* (1934).

[\[http://purl.pt/13966\]](http://purl.pt/13966)



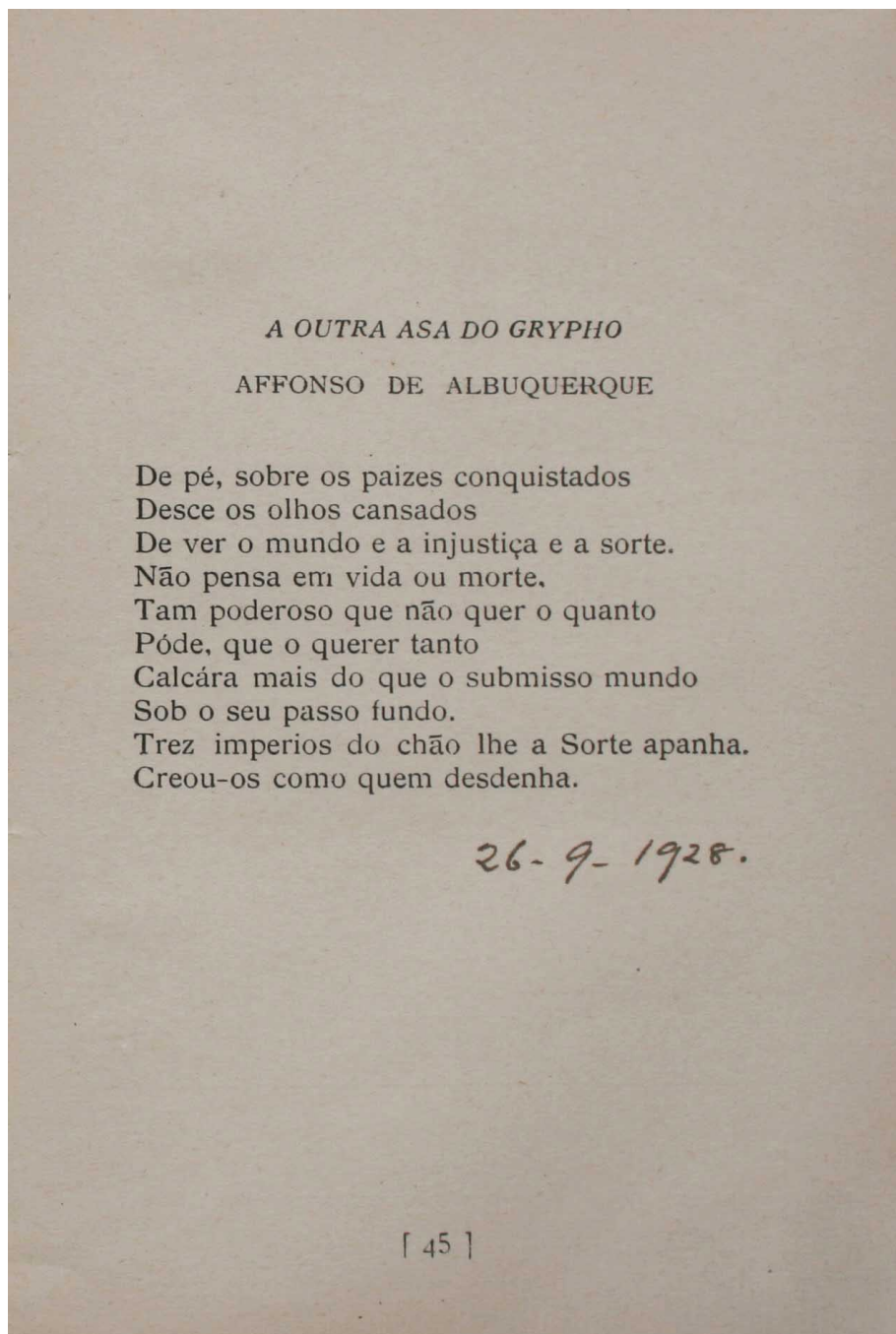


Fig. 53. *Mensagem* (1934). Exemplar anotado por Pessoa.  
Casa Fernando Pessoa.

## IX. Carta de Fernando Pessoa (BPMP, M-SER-935)

Admirador confesso do poeta de *Mensagem*, por volta de 1952, Alberto de Serpa escreveu para o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras*, (Lisboa: Inquérito 1954, pp. 93-95) o poema intitulado «Lembrança de Fernando Pessoa», sobre o qual Fernando J.B. MARTINHO afirmou: «Em nenhum outro texto [...] a dívida de Alberto de Serpa para com o poeta do *Orpheu* é tão claramente assumida. O poema, como o próprio título logo salienta, é uma evocação, uma lembrança de Pessoa» (1982: 1).

No espólio serpiano estão depositadas duas cartas de Fernando Pessoa para Alberto de Serpa, sendo uma manuscrita, com data de 1 de Junho de 1929 (Figs. 54 e 55) e outra, dactilografada, com data de 20 de Janeiro de 1935 (Figs. 56 e 57). Também existe uma carta que António Botto escreveu a Alberto de Serpa, a «10 de Junho de 47 – dia de Luiz de Camões», em que aparece um pequeno apontamento autógrafo de Fernando Pessoa, recortado e colado na primeira página da missiva.

Conhecem-se apenas as duas cartas acima referidas, enviadas com um intervalo de cerca de cinco anos e meio. A primeira não consta das edições de correspondência de Fernando Pessoa (ver Vizcaíno, 2018: 346). Pelo conteúdo da mesma, fica implícito um contacto anterior entre os dois poetas (epistolar e presencial): «Só agora pude arranjar a collecção da ‘Athena’ que lhe promettera», lê-se.

Transcrevemos, em seguida, a primeira das duas cartas de Fernando Pessoa. Note-se que estas são as únicas cartas conhecidas de uma troca epistolar que muito provavelmente terá sido mais abundante:

### APARTADO 147

#### LISBOA

1 de Junho de 1929.

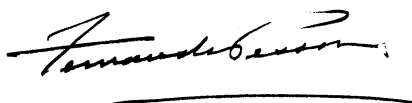
Meu presado Camarada:

Não esqueci, embora tardasse. Só agora pude arranjar a collecção da “Athena” que lhe promettera. Envio-lh’a, registrada, por este correio.<sup>14</sup>

Desculpe-me a demora. Como, porém, esta collecção lhe não era já precisa para o seu livro<sup>15</sup>, dou ao atrazo menos peso sobre a minha consciencia.

Creia-me sempre

Camarada e apreciador



<sup>14</sup> Essa colecção não se encontra hoje no espólio de Alberto de Serpa.

<sup>15</sup> Alberto de Serpa não publicou nenhum livro nos anos de 1929 e 1930.

[BPMP, M-SER-935]

Carta manuscrita a tinta preta, em papel liso com o cabeçalho impresso. Apresenta um vinco de dobra horizontal a meio da folha. No lado esquerdo, a partir do vinco, exhibe um pequeno rasgão que se prolonga ligeiramente para cima. No canto superior esquerdo apresenta marcas de ferrugem de um clip. O verso está em branco, sendo visível as marcas de ferrugem de um clip. Pertence ao Espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto, com a cota «M-SER-935». Em bom estado de conservação.

## X. Carta de Fernando Pessoa (BPMP, M-SER-936)

Na segunda carta, enviada cerca de dez meses antes de falecer, Pessoa agradece a oferta do livro de Alberto de Serpa, *Varanda* (que hoje faz parte da biblioteca particular, cf. SERPA, 1934), e desculpa-se por não ter ainda feito uma crítica ao livro, pedida por Serpa.

Caixa Postal 147,  
Lisboa, 20 de Janeiro de 1935.

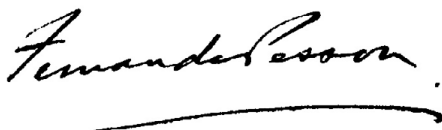
Meu presado Camarada:

Muito obrigado pela sua carta do dia 1 deste mez.

O muito que tenho tido que fazer tem me até<sup>1</sup> agora impedido de lhe<sup>2</sup> escrever, quer agradecendo o envio do seu livro "Varanda", quer dizendo qualquer coisa, que de facto qualquer coisa seja, sobre elle. Succedecomsgo o que se dá com varios outros nossos camaradas que me teem enviado livros recentemente. Estou em atrazo critico, epistolarmente fallando, para com todos. Como, porém, conto passar, do fim deste mez para o principio do outro, alguns dias consecutivos no Estoril, destino esse periodo a preencher estas lacunas todas. Nessa altura lhe escreverei.

Posso, porém, dizer-lhe desde já que muito appreciei o seu livro.

Renovando os meus agradecimentos pela offerta do seu livro e pela sua carta, peço que creia no melhor apreço<sup>3</sup>, sympathia e camaradagem do



[BPMP, M-SER-936]

Carta datilografada, a tinta preta, numa folha de papel lisa. Tem três emendas manuscritas a caneta azul. Carta assinada pelo punho do poeta também a tinta azul. Apresenta um vinco de dobra na horizontal, a meio da folha. O verso da folha está em branco. Pertence ao Espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto, com a cota «M-SER-936». Em bom estado de conservação.

NOTAS

- <sup>1</sup> tem me<,> até ] *emenda manuscrita a tinta azul.*
- <sup>2</sup> lhe<s> ] *emenda manuscrita a tinta azul.*
- <sup>3</sup> a<->/p\[- -]preço, ] *emenda manuscrita a tinta azul.*

APARTADO 147  
LISBOA

1 de Junho de 1929.

Meu prezado Camarada:

Não esqueci, embora tardasse,  
 Si agora pude arranjar a collec-  
 ção da "Athena" que me  
 promettera. Envi-a, repis-  
 tada, por este correio.

~~Desculpe-me a demora.~~  
 Como, porém, esta collecção  
 me era já precisa para o  
 meu livro, deu as outras mãos  
 para sobre a minha conveniência.

Creio-me sempre

Camarada e apreciador

Fernando Pessoa

Fig. 54. Carta de 1 de Junho de 1929 (BPMP, M-SER-935) (frente).



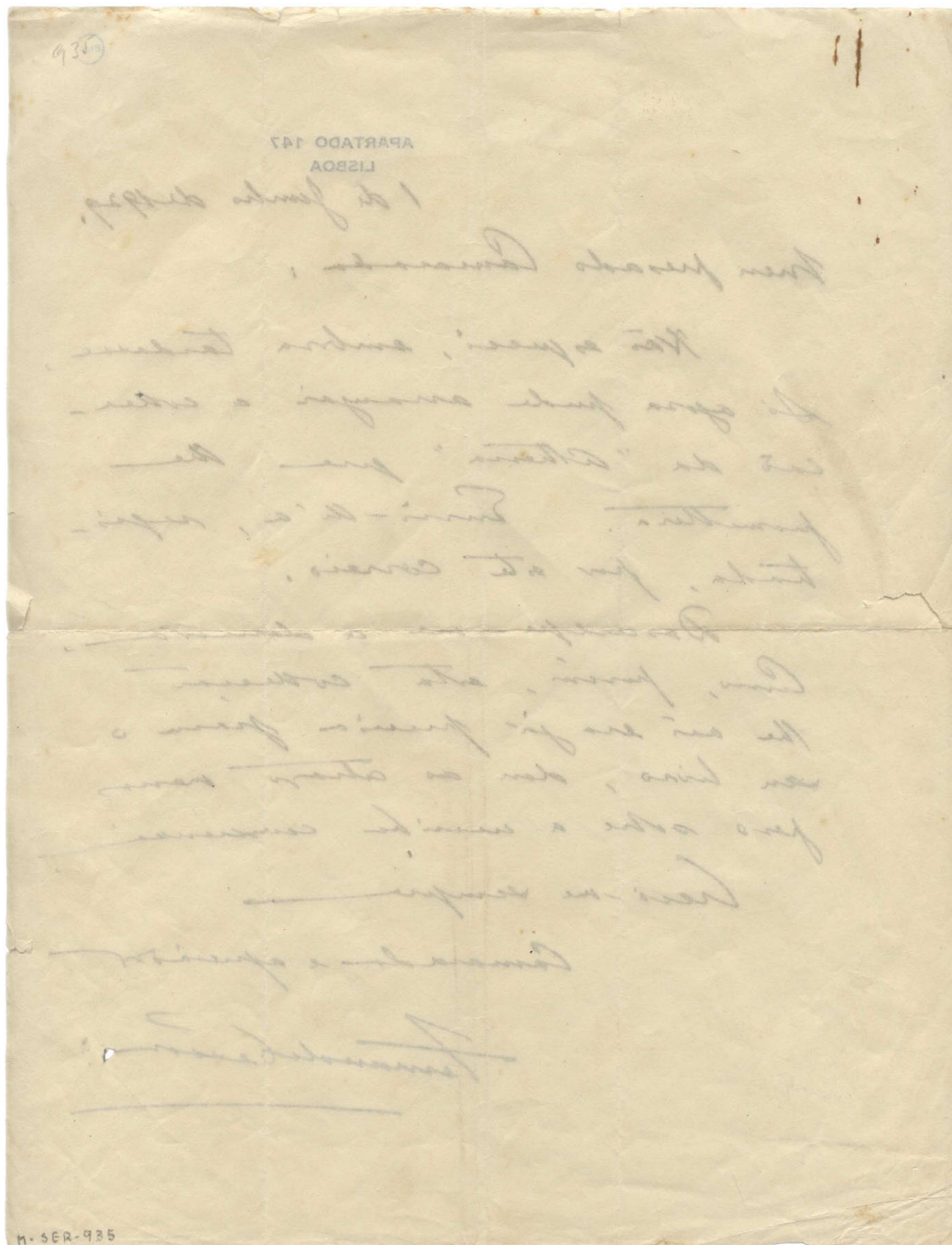


Fig. 55. Carta de 1 de Junho de 1929 (BPMP, M-SER-935) (verso).  
No canto inferior esquerdo figura a cota.

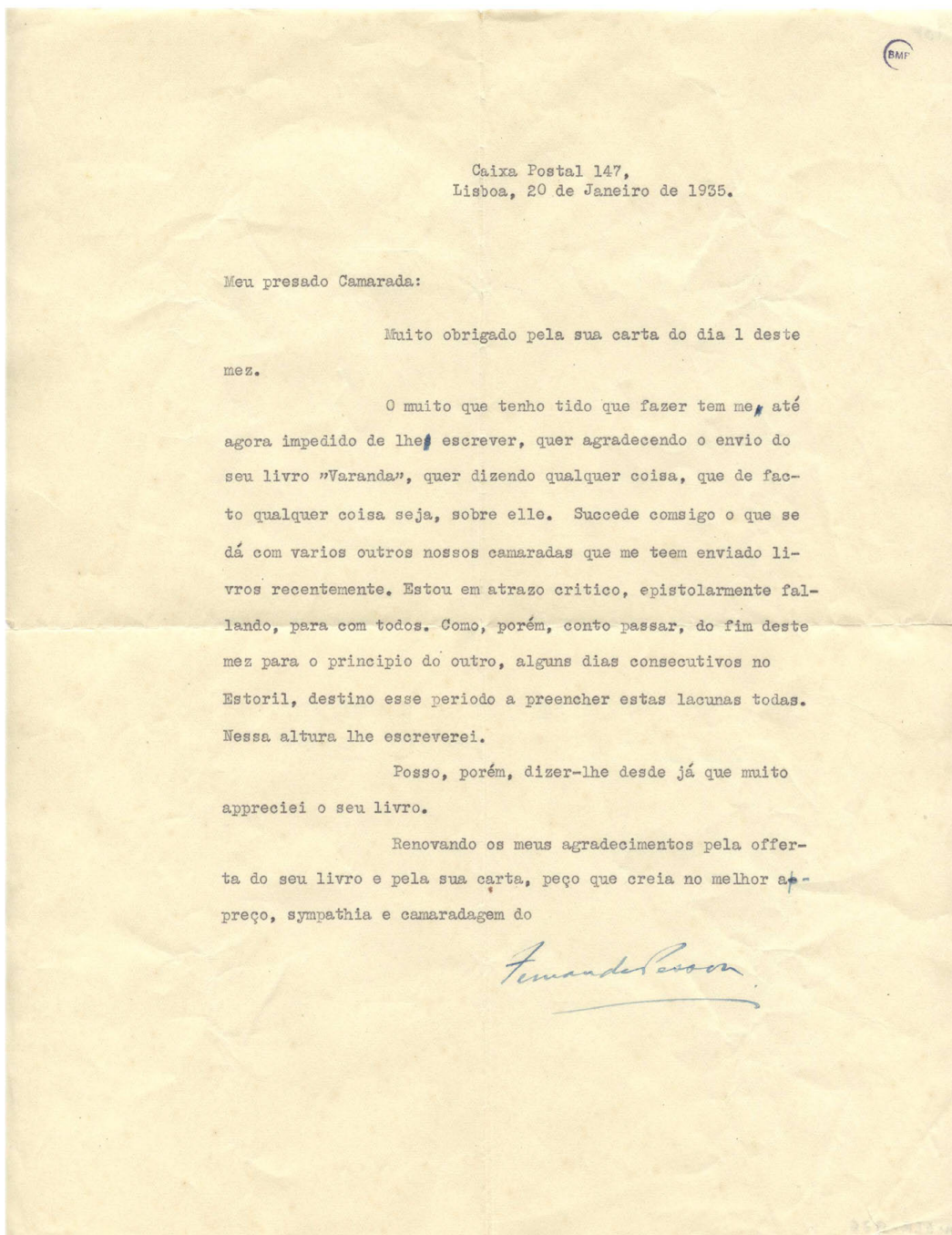


Fig. 56. Carta de 20 de Janeiro de 1935 (BPMP, M-SER-936) (frente).



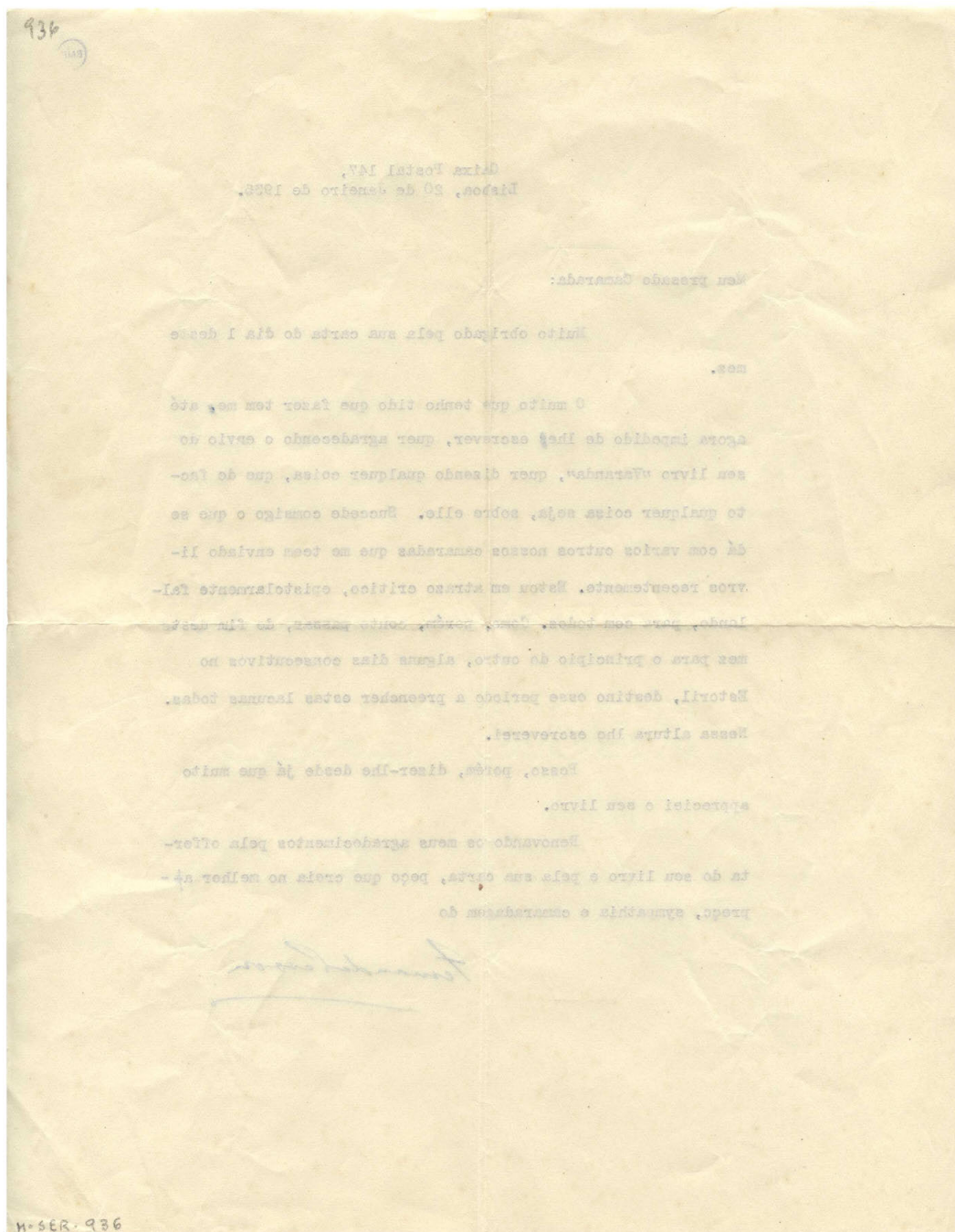


Fig. 57. Carta de 20 de Janeiro de 1935 (BPMP, M-SER-936) (verso).  
No canto inferior esquerdo figura a cota.

**XI. Carta de António Botto (BPMP, M-SER-937)**

No espólio serpiano conserva-se um carta de António Botto para Alberto de Serpa, com data de «10 de Junho de 1947», dia de Camões, como o próprio remetente frisa. Esta missiva tem a particularidade de apresentar um pequeno recorte (colado na primeira página) com versos manuscritos a lápis pelo punho do próprio Fernando Pessoa, que assina sob o heterónimo Alvaro de Campos. Quando foi descrita no Catálogo dos manuscritos de Alberto de Serpa, em 1988, vinha com a indicação de «inédito». Hoje, o fac-símile da primeira página, com o fragmento de papel colado, encontra-se publicado na *Obra Completa de Álvaro de Campos* (PESSOA, 2014: 662-663).

Ora porra !  
 Então a imprensa portugueza  
 é que é a imprensa portugueza?  
 Então é esta merda que temos  
 que beber com os olhos?  
 Filhos da puta ! Não, que nem  
 ha puta que os parisse.  
 Alvaro de Campos.

Oferta de Antonio Botto  
 ao seu amigo Alberto de Serpa.

10 de Junho de 1947  
 Dia de Camões

Este «pedacinho estupendo», vinha colado na terceira página desta carta:

10 de Junho de 47 – Dia de Luiz de Camões

Querido Alberto Serpa: cheguei cansado e contente de o ouvir ser meu amigo. O livro seguirá em breve. O livro e o resto da promessa. Por agora vai o pedacinho estupendo do nosso Alvaro de Campos. Escreva-me depois desta, mas na volta do correio a dizer-me se gostou de ouvir o seu velho amigo. Abraça-o com ternura e alma o seu

António Botto

Lembranças firmes ao Alexandre.

[BPMP, M-SER-937]

Carta manuscrita, a tinta preta, num bifólio amarelado de folhas lisas de papel de amaço, com marca d'água. Apresenta dois vincos de dobra na horizontal: um na parte superior e outro a meio da folha. Apresenta um corte ligeiramente irregular em algumas das extremidades. A segunda e a quarta folhas estão em branco. Pertence ao Espólio de Alberto de Serpa, à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto, com a cota «M-SER-937». Em bom estado de conservação.



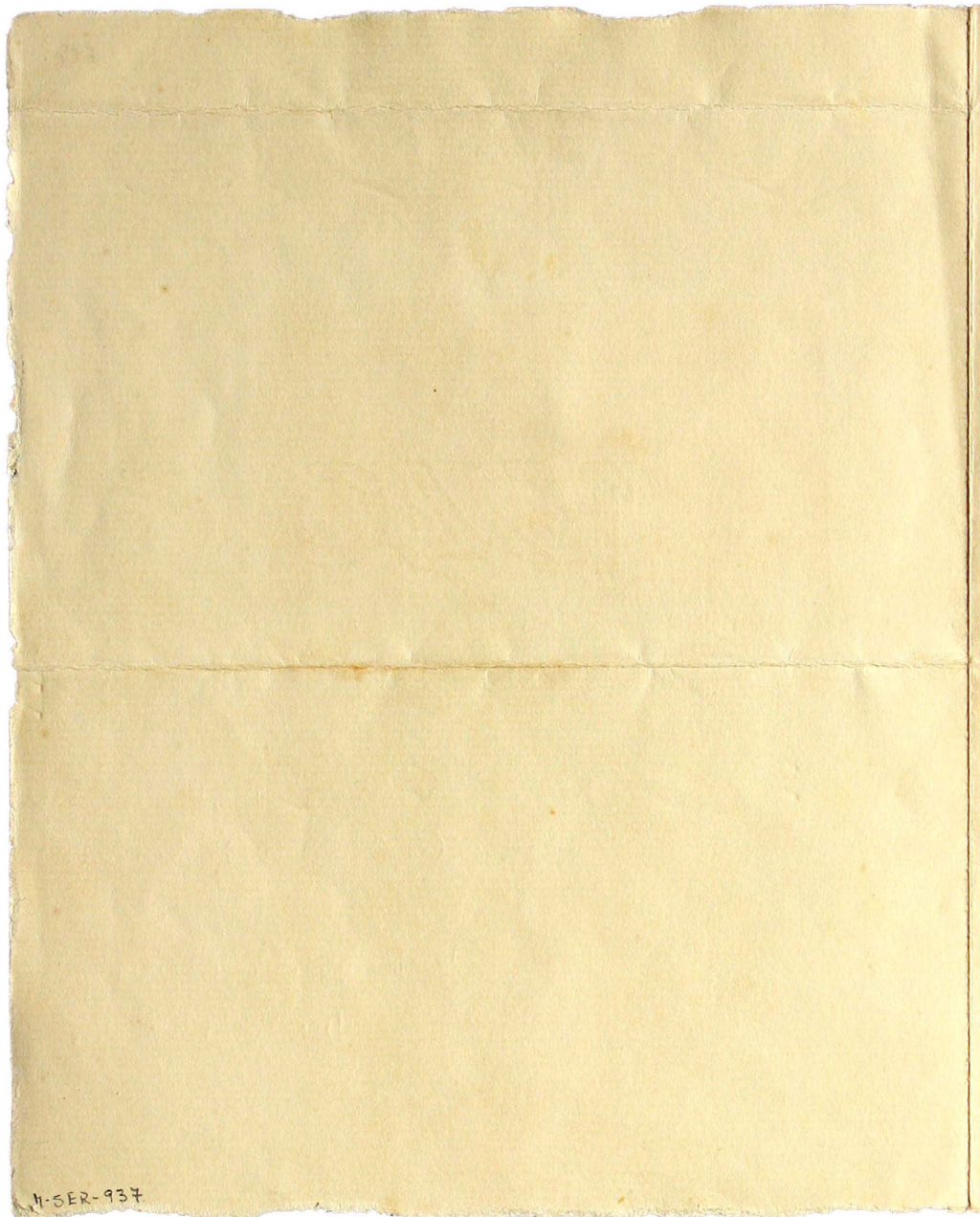
10 de junho de 47 - Dia de Luiz de Camões

Querido Alberto Serpa: - cheguei cansado e contente de o ouvir ser meu amigo. O livro seguirá em breve. O livro e o resto da promessa. Por agora vai o pedacinho estupendo do nosso Alvaro de Campos. Escreva-me depois desta, mas na volta do correio a dizer-me se gostou de ouvir o seu velho amigo. Abraça-o com ternura e alma o seu

Alexandre Botta

hembranças firmes ao Alexandre.

Fig. 58. Anexo da carta de 10-6-1947 (BPMP, M-SER-937). (página 3-frente).



**Fig. 59. Anexo da carta de 10-6-1947 (BPMP, M-SER-937) (página 4-verso).  
No canto inferior esquerdo figura a cota.**



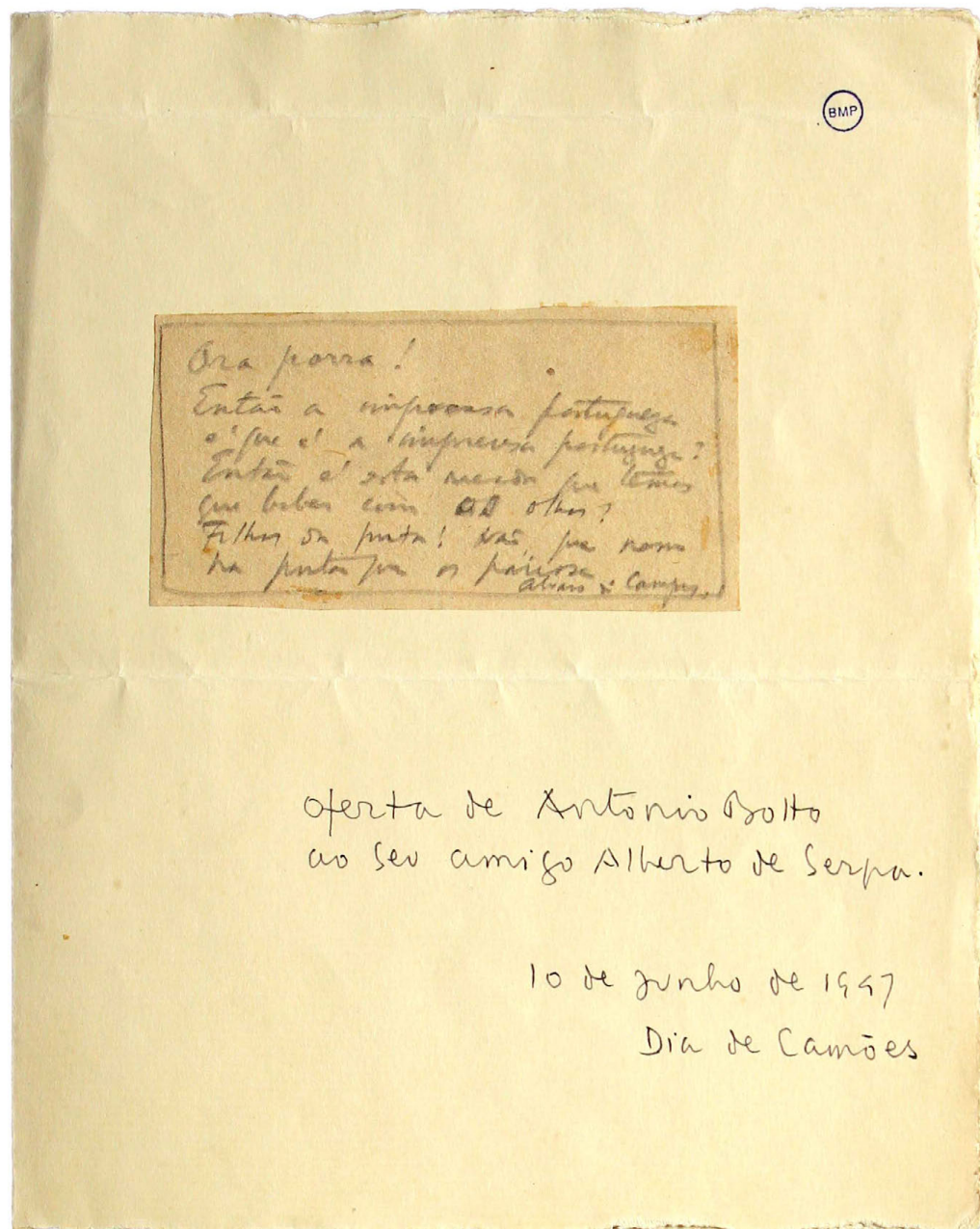
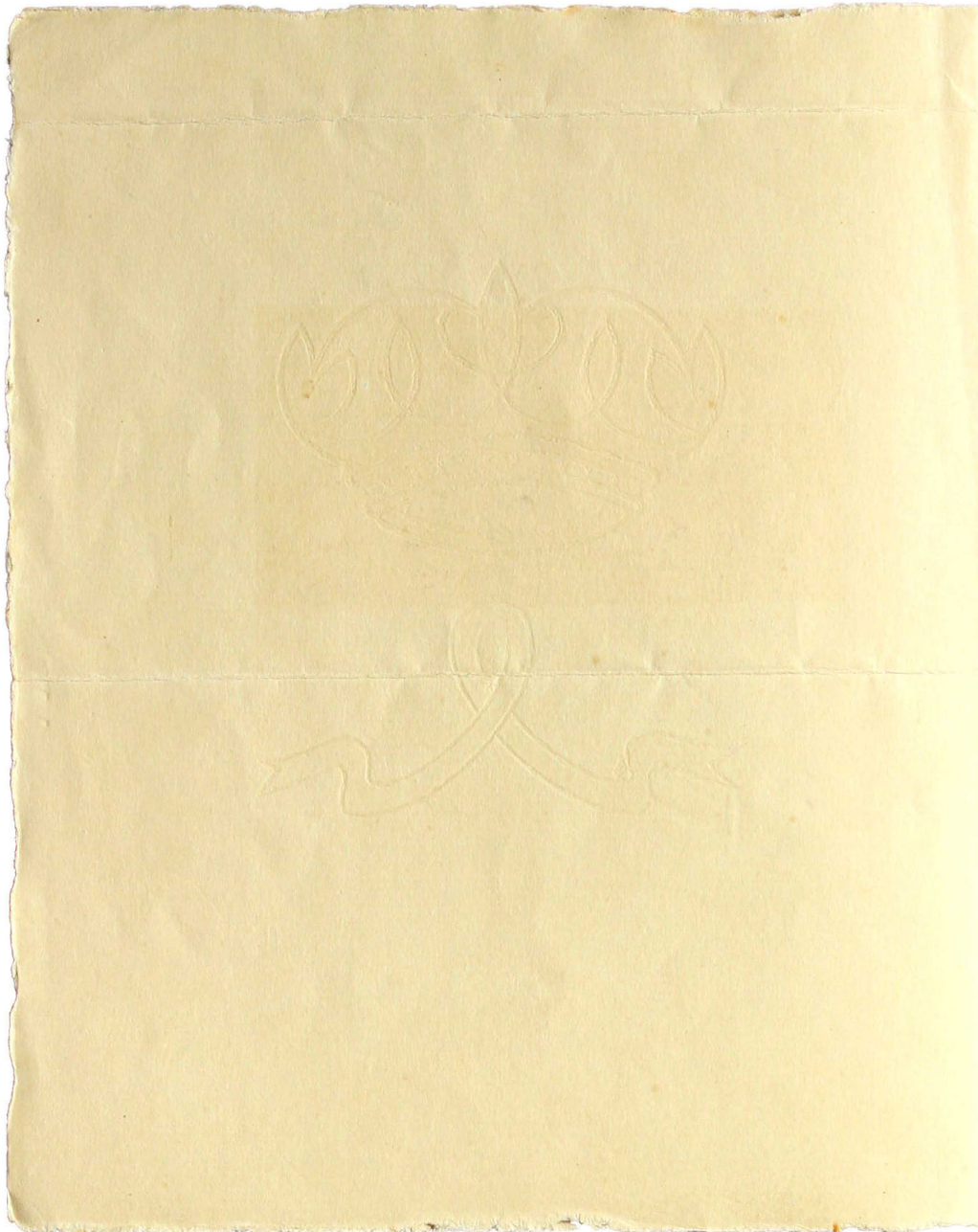


Fig. 60. Carta de 10 de Junho de 1947 (BPMP, M-SER-937) (página 1-frente).



**Fig. 61. Carta de 10 de Junho de 1947 (BPMP, M-SER-937) (página 2-verso).  
No canto inferior esquerdo figura a cota.**

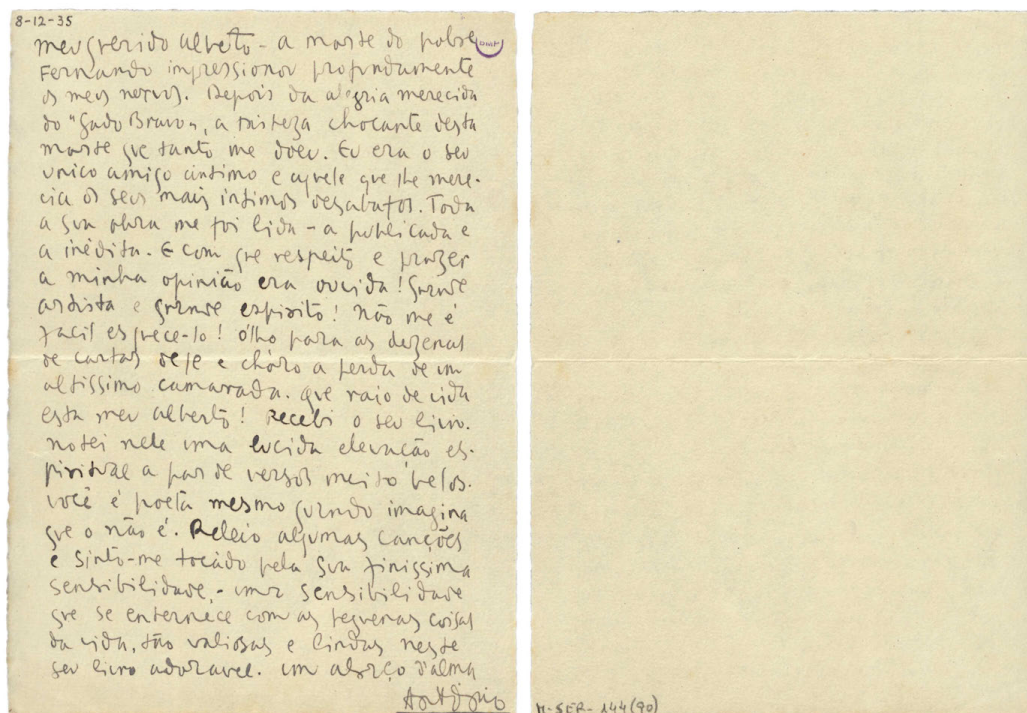


## XII. Outros documentos

À primeira vista, não deixa de ser estranho que, perante a dimensão tanto qualitativa como quantitativa do espólio, somente se encontrem aí dez autógrafos de Fernando Pessoa e «um fragmento de papel manuscrito a lápis e assinado Alvaro de Campos», oferecido por António Botto a Alberto de Serpa.

Considerando apenas o epistolário deste imenso espólio (porventura um dos mais completos no registo das correspondências portuguesas), encontra-se um volume impressionante de cartas dirigidas não só ao poeta do Porto, como também cartas de terceiros. Um olhar mais detalhado sobre a correspondência enviada a Alberto de Serpa prova que muitos conhecidos, amigos ou apenas contemporâneos de Fernando Pessoa se corresponderam com o escritor portuense. Nesta extensa e variada correspondência, as referências ao poeta de *Mensagem* são recorrentes. Procedendo ao cotejo das cartas enviadas ao multifacetado poeta portuense, selecionamos aquelas (na sua grande maioria, inéditas) que se referem direta ou indiretamente a Fernando Pessoa, com o intuito de melhor percebermos a ligação Serpa-Pessoa.

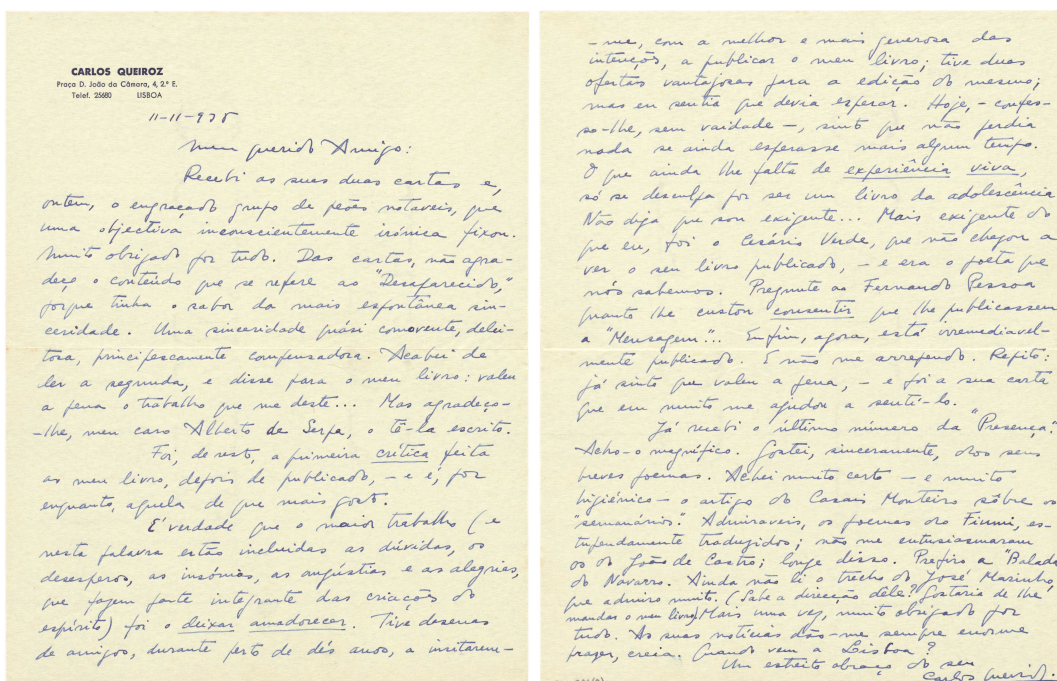
Para além da carta supramencionada, a correspondência de António Botto contabiliza um «conjunto de 160 cartas, bilhetes e pequenos bilhetes e 20 postais, todos dirigidos ao Poeta Alberto de Serpa» (FERREIRA, 1988: 30), tendo esta troca epistolar ocorrido entre Janeiro de 1930 e Setembro de 1954. Uma semana após a morte de Fernando Pessoa, em carta dirigida a Serpa, datada de «8-12-35», confidenciava António Botto:



Figs. 62 e 63. Carta de 8 de Dezembro de 1935 (BPMP, M-SER-144).

Meu querido Alberto – a morte do pobre Fernando impressionou profundamente os meus nervos. Depois da alegria merecida do “Gado Bravo,,, a tristeza chocante desta morte que tanto me doeu. Eu era o seu unico amigo intimo e aquele que lhe merecia os seus mais intimos desabafos. Toda a sua obra me foi lida – a publicada e a inédita. E com que respeito e prazer a minha opinião era ouvida! Grande artista e grande espirito! Não me é facil esquecer-lo! Ólho para as dezenas de cartas dele e choro a perda de um altissimo camarada. Que raio de vida esta meu Alberto!

Carlos Queiroz, poeta e sobrinho de Ofélia Queiroz, também se correspondeu com Alberto de Serpa, fazendo parte deste espólio 58 cartas, datadas entre 6 de janeiro de 1935 e 4 de julho de 1947. Queiroz morreria cerca de dois anos mais tarde, em Paris. Uma das missivas enviadas a Serpa, manuscrita, está datada de «11-11-935», exactamente dezanove dias antes da morte de Fernando Pessoa, a 30 de novembro de 1935. Nela, Carlos Queiroz agradece a crítica feita por Serpa ao seu livro, intitulado *Desaparecido*<sup>16</sup>, e menciona Pessoa, a propósito da publicação do mesmo:



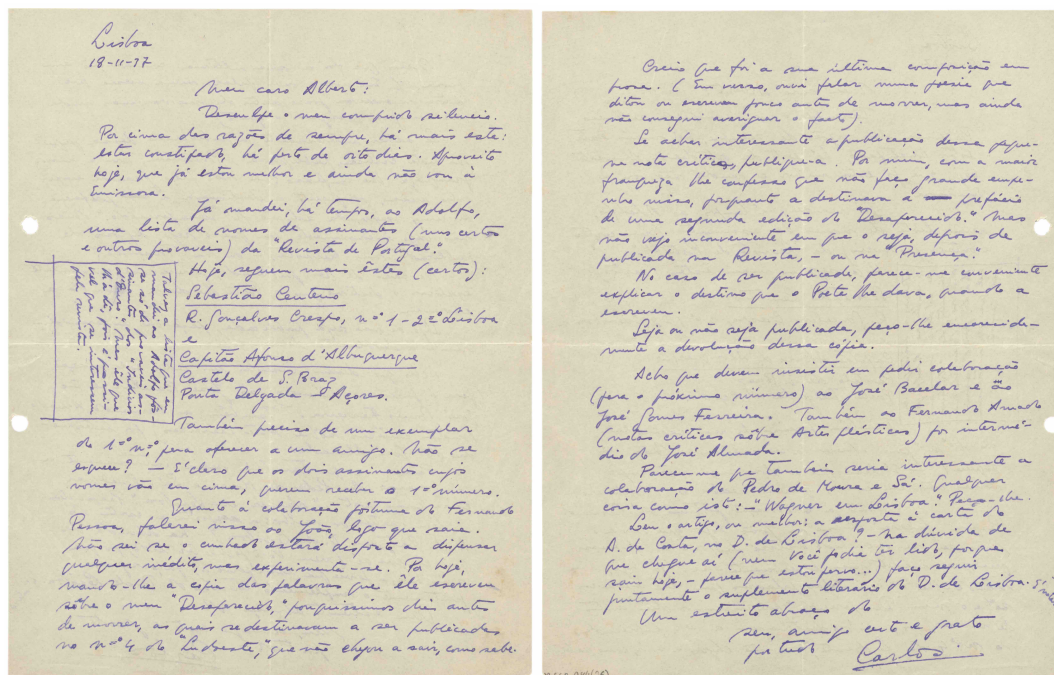
Figs. 64 e 65. Carta de 11 de Novembro de 1935 (BPMP, M-SER-984 [9]).

Hoje, – confesso-lhe, sem vaidade –, sinto que não perdia nada se ainda esperasse mais algum tempo. O que ainda lhe falta de *experiência viva*, só se desculpa por ser um livro da adolescência. Não diga que sou exigente... Mais exigente do que eu, foi o Cesário Verde, que não chegou a ver o seu livro publicado, – e era o poeta que nós sabemos. Pergunte ao Fernando Pessoa quanto lhe custou *consentir* que lhe publicassem a “Mensagem”...

<sup>16</sup> O livro consta da biblioteca particular de Fernando Pessoa. No espólio serpiano está depositado o original dactilografado «que serviu na tipografia», oferecido por Carlos Queiroz ao poeta do Porto.



Numa outra carta manuscrita e datada de «18-11-37», a propósito da *Revista de Portugal*, da qual Alberto de Serpa era o secretário e Vitorino Nemésio o director, escreveu, a dada altura, Carlos Queiroz:



Figs. 66 e 67. Carta de 18 de Novembro de 1937 (BPMP, M-SER-984 [26]).

Quanto à colaboração póstuma do Fernando Pessoa, falarei nisso ao João, logo que saia. Não sei se o cunhado estará disposto a dispensar qualquer inédito, mas experimenta-se. Por hoje, mando-lhe a copia das palavras que êle escreveu sôbre o meu “Desaparecido”, pouquíssimos dias antes de morrer, as quais se destinavam a ser publicadas no nº 4 do “Sudoeste”, que não chegou a sair, como sabe.

Creio que foi a sua última composição em prosa. (Em verso, ouvi falar numa poesia que ditou ou escreveu pouco antes de morrer, mas ainda não consegui averiguar o facto).

Se achar interessante a publicação dessa pequena nota crítica, publique-a.<sup>17</sup> Por mim, com a maior franqueza lhe confesso que não faço grande empenho nisso, porquanto a destinava a prefácio de uma segunda edição do “Desaparecido”. Mas não vejo inconveniente em que o seja, depois de publicada na Revista, – ou na “Presença”.

No caso de ser publicada, parece-me conveniente explicar o destino que o Poeta lhe dava, quando a escreveu.

Seja ou não seja publicada, peço-lhe encarecidamente a devolução dessa cópia.

<sup>17</sup> No número 2 da *Revista de Portugal*, apareceu, em 1938, na secção «Jornal» (p. 339), uma crítica de Pessoa ao livro do jovem poeta Carlos Queiroz, com o título «Uma opinião de Pessoa. | Entre os papéis de Fernando Pessoa foram encontradas estas linhas sôbre o *Desaparecido* de Carlos Queiroz. Destinadas ao número 4 da revista *Sudoeste*, que Almada Negreiros dirigiu e que infelizmente acabou, aqui as publicamos com prazer, como um dos últimos escritos do grande poeta: | *A beleza do livro começa pelo livro. A edição é lindíssima. A beleza do livro continua pelo livro fora: os poemas são admiráveis*».

Finalmente, numa outra carta de Carlos Queiroz, datada de «3 de Março de 1938», também encontramos uma breve referência a Pessoa: «Lamento que não tenha ainda obtido os inéditos do Fernando Pessoa. Eu raras vezes vejo o Montalvor, mas, quando o vir, falo-lhe outra vez no assunto» (M-SER-984 [31]).

Alberto de Serpa correspondeu-se com todos os directores da revista *Presença*. Entre 23 de setembro de 1935 e 18 de abril de 1960, Adolfo Casais Monteiro escreveu 166 cartas (53 das quais dactilografadas) e 52 postais a Serpa. O conjunto epistolar de Branquinho da Fonseca é composto por 26 cartas, 24 postais e 3 cartões, datado de 1929 e 1956 (o conjunto contém algumas cartas não datadas). José Régio foi quem mais cartas escreveu a Alberto de Serpa: 888 (entre cartas e bilhetes postais). A primeira missiva data de 13 de outubro de 1928 e a última, escrita seis meses antes da sua morte, foi enviada a 22 de junho de 1969. Estas cartas, ao contrário de inúmeros documentos e manuscritos autógrafos de José Régio, não estão no espólio de Alberto de Serpa à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto<sup>18</sup>, encontram-se, atualmente, repartidas e depositadas em Vila do Conde e em Portalegre.<sup>19</sup> Este facto prova que o espólio vendido, ainda em vida, por Alberto de Serpa, à BPMP por vinte e cinco mil contos não correspondia à totalidade do seu arquivo pessoal, como lhe chamava ele. Assim, não nos custa admitir que as onze peças de Fernando Pessoa incluídas no espólio serpiano não foram os únicos autógrafos que Alberto de Serpa conseguiu. Com efeito, na correspondência recebida pelo poeta há evidências de que, durante anos, o poeta português procurou adquirir documentos pessoais. As cartas de Gaspar Simões são disso um exemplo ilustrativo.

<sup>18</sup> Existe, no entanto, pelo menos uma carta de José Régio dirigida a Mário Saa, com local e data «Coimbra | Terça-feira | 1928», na qual Régio faz referência a Fernando Pessoa: «Meu caro Mario Saa: | Muito obrigado pela sua carta, pelas suas palavras verdadeiramente de amigo... por tudo! Incluindo, e principalmente, a sua colaboração. Quando ela chegou, a *Presença* estava já distribuída e quase composta: motivo porque não pude publicar tudo o que era seu [...] A minha vontade e mesmo o interesse do jornal são enrodilhados em tantas coisas!... Uma delas é a preocupação de dar à folha uma certa apresentação gráfica. Também o quadro bibliográfico em que eu lhe falara, e para o qual lhe pedira uma Tábua das suas obras, não pode sair: Eu queria publica-lo bastante completo, e o Fernando Pessoa, que tem muitas preocupações, não chegou a tempo: De modo que o ensaio bibliográfico está adiado para o próximo número da *Presença*». Espólio Alberto de Serpa, cota N<sup>o</sup> INN. 45E.

<sup>19</sup> Não foram incluídas no «Catálogo da preciosa coleção de manuscritos reunida pelo poeta Alberto de Serpa», elaborado por Manuel Ferreira, reputado livreiro-alfarrabista do Porto que tratou do leilão do espólio serpiano, em 1988, adquirido depois pela BPMP. Ao que tudo indica, as cartas que José Régio escreveu ao amigo Alberto de Serpa ficaram na posse do destinatário, que viria a falecer em 1992, aos oitenta e cinco anos. O acervo epistolar passou para as mãos dos descendentes de Alberto de Serpa e, em 2005, a pedido da família, foi posto à venda novamente por intermédio da Livraria Manuel Ferreira. Contudo, o negócio não seguiu e, em 2008, haveria um novo leilão. As câmaras de Vila do Conde e Portalegre acabariam por comprar, em conjunto, este espólio. Vejam-se algumas notícias a este respeito (QUEIRÓS, 2008a & 2008b).

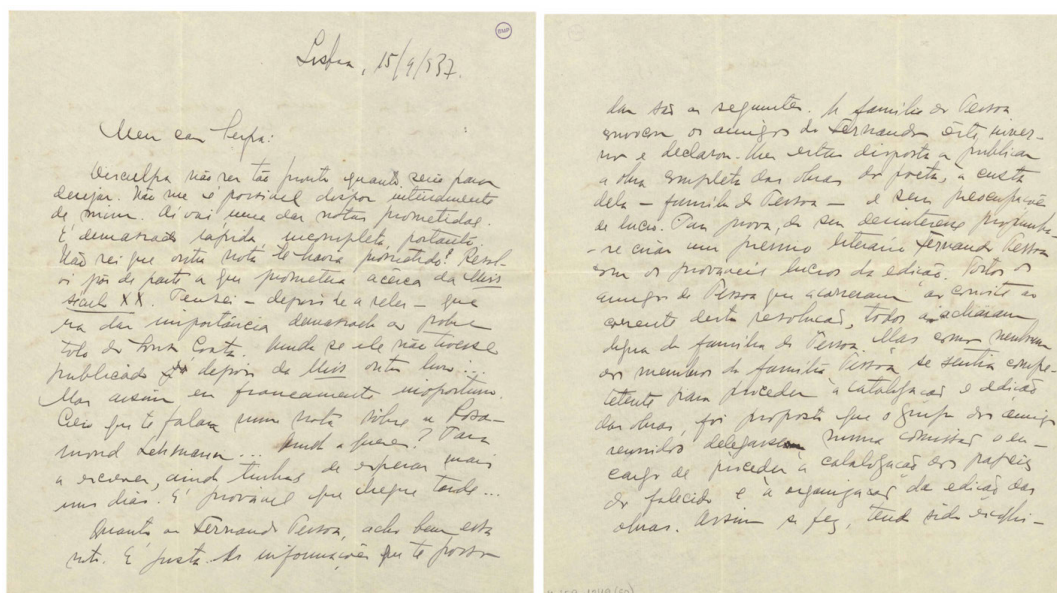


O espólio serpiano contabiliza 415 cartas, 63 postais, 1 telegrama e 1 cartão, enviados por João Gaspar Simões a Alberto de Serpa, fruto de uma troca epistolar feita ao longo de mais de cinquenta anos, entre 29 de junho de 1929 e 24 de setembro de 1981. Este impressionante acervo epistolar contém inúmeras referências a Fernando Pessoa e ajuda a compreender a forma como Gaspar Simões foi construindo o «seu» Pessoa, acabando por se tornar, com mérito ou demérito, no seu primeiro e mais marcante biógrafo. As alusões a Pessoa são uma constante nesta troca epistolar. Gaspar Simões partilha com Alberto de Serpa ideias e planos que vai traçando com a intenção de publicar os papéis pessoais; os desabafos por causa das críticas, os avanços e os recuos que vai enfrentando na biografia que prepara sobre o poeta; e os pedidos de consulta de documentos, revistas e originais da «biblioteca modernista» de Alberto de Serpa, como lhe chama Gaspar Simões. A partir do diálogo epistolar podemos acompanhar cronologicamente a evolução da publicação da obra de Pessoa, seguindo as pistas que a correspondência revela ao longo dos anos. No *post scriptum* de uma carta com data de «18/8/937», o crítico presencista confessa:

P. S. Não vejo possibilidades de arranjar inéditos de Pessoa. Há muito que não trabalho com o Montalvor na catalogação dos seus papéis. Seria preciso pedir à família. Para isso, só estando em Lisboa. Talvez em Setembro.

(M-SER-1249 [47])

A respeito da catalogação e da inventariação dos papéis pessoais, em carta datada de 15 de Setembro de 1937, contava Gaspar Simões a Alberto de Serpa:



Figs. 68 e 69. Carta de 15 de Novembro de 1937 (BPMP, M-SER-1249 [50]).

Quanto a Fernando Pessoa, acho bem esta nota. É justa... As informações que te posso dar são as seguintes. A família de Pessoa convocou os amigos do Fernando êste inverno e

declarou-lhes estar disposta a publicar a obra completa das obras do poeta, à custa dela – família de Pessoa – e sem preocupações de lucro. Para prova do seu desinteresse propunha-se criar um prémio literário Fernando Pessoa com os prováveis lucros da edição. Postos os amigos de Pessoa que acorreram ao convite ao convite ao corrente desta resolução, todos acharam digna da família de Pessoa. Mas como nenhum dos membros da família Pessoa se sentia competente para proceder à catalogação e edição das obras, foi proposto que o grupo dos amigos reunidos delegasse numa comissão o encargo de proceder à catalogação dos papéis do falecido e à organização da edição das obras. Assim se fez, tendo sido escolhidos para essa comissão, Luiz de Montalvor, o cunhado de Fernando Pessoa, representante da família, e este teu criado. Quanto ao plano das edições ficou assente que se respeitasse o determinado pelo próprio Pessoa numa carta que me foi dirigida, caso se não encontrassem entre os papéis outras instruções. Tudo ficou a postos. Trabalhamos ainda um domingo, mas, depois, sobrevieram outros tempos que interromperam a continuação dos trabalhos, que devem recomeçar em Outubro. A primeira obra a publicar ainda este ano, ou no começo do próximo, será *Cancioneiro*, caso se não venha a encontrar, como te disse, outro plano mais recente de edições do próprio punho de Fernando Pessoa. Aqui está tudo quanto acêrca das edições das obras de Fernando Pessoa se me oferece dizer-te. É bastante?

Aproximadamente dois meses mais tarde, em carta enviada a 9 de novembro de 1937, Gaspar Simões volta a reafirmar:

Não sei como arranjar-te a colaboração de Pessoa. Não é o Gomes Ferreira (Ferreira Gomes) digo, quem está encarregado dos papéis de Pessoa. É bom fazeres mesmo uma rectificação no proximo numero da revista. Quem está encarregado com o Montalvor e eu dos papéis de Pessoa é um seu cunhado, cujo nome me não ocorre: Capitão qualquer coisa. Mas como nada temos tratado das coisas de Pessoa – por descuido do Montalvor – não tenho coragem para ir pedir ao Capitão qualquer colaboração de Pessoa. Tens de esperar para o outro número.

(M-SER-1249 [57])

As dificuldades em conseguir aceder aos papéis de Pessoa eram variadas, o que indicará que, desde o início dos trabalhos de catalogação e inventariação dos papéis de Pessoa, fora Luís de Montalvor o principal «encarregado» por parte da família do Poeta. Serpa era muito insistente nos pedidos que fazia no sentido de arranjar inéditos de Pessoa, como se depreende das respostas de Gaspar Simões. Em carta enviada a 16 de dezembro de 1937, Gaspar Simões chega a sugerir:

P. S. Novo P. S. Não vejo possibilidades de arranjar para este número colaboração de Pessoa. A não ser que te interessasse uma tradução para inglês da *Tabacaria* feita pelo nosso ingles Ley.  
Talvez não tenha interesse. Vê lá.

(M-SER-1249 [62])

Dois meses mais tarde, em carta datada de «15/2/938», Gaspar Simões volta a reforçar a ideia:

Se quiseres posso mandar-te o meu ensaio sobre *Fernando Pessoa e Valéry*. Talvez tenha algum interesse.

Nada te prometo sobre os versos de Pessoa. O Montalvor continua desinteressado pelo trabalho de catalogação dos papeis de Pessoa. Estou resolvido a desligar-me do compromisso que tomei para com os amigos de Pessoa. Não quero ver-me acusado de uma negligência de que realmente não sou causa.

(M-SER-1249 [67])

E em nova carta, de «2/3/938», poucas semanas depois:

Sobre o Montalvor, afigura-se-me não dever contar com ele – melhor: é bom não estares à espera dos poemas.

Montalvor anda todo absorvido pela *Historia da Expansão Portuguesa*, que lhe está a dar um grande prejuízo. Não vejo maneira de o ver interessar-se pela catalogação dos papeis de Pessoa. Ora, sem essa catalogação, não é possível arranjar a colaboração que pedes.

(M-SER-1249 [70])

Contudo, em carta do dia 1 de Junho de 1938, há boas notícias:

Tenho já em meu poder a colaboração de Pessoa. Há verso e prosa: dois trechos de Bernardo Soares. Mas como todos êstes poemas estão por assinar, hesito na atribuição de alguns dos seus verdadeiros proprietários – os heterónimos de Pessoa. Além disso alguns versos têm variantes do punho de Pessoa. Por tudo isto me parece conveniente fazer preceder esses poemas de uma nota minha com todos os esclarecimentos. Que dizes? Alguns dos poemas são admiráveis.

(M-SER-1249 [80])

Através de Gaspar Simões, Alberto de Serpa continuou a receber algumas importantes colaborações do «póstumo» Pessoa. Assim, já no final de 1939, a 30 de Dezembro, Serpa recebe uma carta com um «ramalhete de poesias magníficas de Pessoa»:

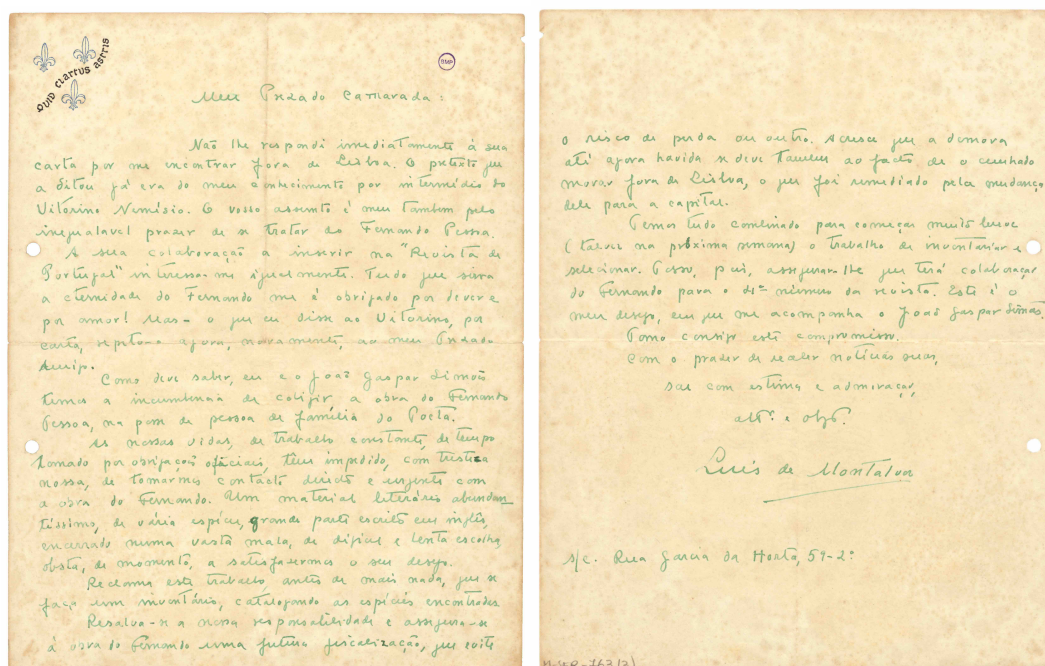
Sem notícias tuas há muito estava disposto a escrever-te quando recebi a tua carta. Cheguei a julgar que te tivesses esquecido de mim... Calculo que a *Presença* te tenha dado muita massada. O primeiro numero tem coisas boas, mas tem alguns senãos. A capa é um pavor. É preciso modificar isso. Vou escrever ao Régio sobre o assunto. O Roberto Araujo está a estudar uma capa que não nos envergonhe.

Mando-te aqui um ramalhete de poesias magníficas de Pessoa, que é bom virem todas na proxima *Presença*. Estamos a trabalhar na edição; é provável que a *Presença* possa editar o Caeiro e o Alvaro de Campos. Estamos a estudar o assunto, pois o Montalvor propõe-se editar o *Cancioneiro*. Dentro de pouco te darei notícias sobre isso.

(M-SER-1249 [111])

Entre as onze cartas da correspondência enviada a Alberto de Serpa por Luís de Montalvor, há três que fazem referência a Fernando Pessoa, sendo que duas delas assumem especial relevância. A primeira, não datada, mas que pelo conteúdo se

situará por volta de finais de 1940 ou princípios de 1941, revela que passados cinco ou seis anos da morte de Pessoa, os papéis do poeta continuavam ainda por inventariar e catalogar. Essa difícil tarefa fora, na altura, comissionada pelos herdeiros a Luís de Montalvor, Gaspar Simões e ao cunhado de Pessoa, como representante da família.<sup>20</sup> Nesta carta a Serpa, Montalvor refere que o facto de se tratar de um «material literário abundantíssimo, de vária espécie, grande parte escrito em inglês, encerrado numa vasta mala, de difícil e lenta escolha», aliado às circunstâncias do quotidiano de trabalho e da vida de cada um, impediam uma maior dedicação à empreitada assumida.



Figs. 70 e 71. Carta não datada (BPMP, M-SER-763 [3]).

Meu Prezado camarada:

Não lhe respondi imediatamente à sua carta por me encontrar fora de Lisboa. O pretexto que a ditou já era do meu conhecimento por intermédio do Vitorino Nemésio. O vosso assunto é meu também pelo inegualável prazer de se tratar do Fernando Pessoa.

A sua colaboração a inserir na “Revista de Portugal” interessa-me igualmente. Tudo que sirva a eternidade do Fernando me é obrigado por dever e por amor! Mas – o que eu disse ao Vitorino, por carta, repito-o agora, novamente, ao meu Prezado Amigo.

Como deve saber, eu e o João Gaspar Simões temos a incumbência de coligir a obra do Fernando Pessoa, na posse de pessoa de família do Poeta.

As nossas vidas, de trabalho constante, de tempo tomado por obrigações oficiais, têm impedido, com tristeza nossa, de tomarmos contacto devido e urgente com a obra do Fernando. Um material literário abundantíssimo, de vária espécie, grande parte escrito em

<sup>20</sup> Ver carta datada de 15 de Setembro de 1937, aqui transcrita, enviada por Gaspar Simões a Alberto de Serpa. Nela, Gaspar Simões descreve como se fez essa escolha.



inglês, encerrado numa vasta mala, de difícil e lenta escolha, obsta, de momento, a satisfazermos o seu desejo.

Reclama este trabalho, antes de mais nada, que se faça um inventário, catalogando as espécies encontradas.

Resalva-se a nossa responsabilidade e assegura-se à obra do Fernando uma futura fiscalização, que evite o risco de perda ou outro. Acresce que a demora até agora havida se deve tam[b]em ao facto de o cunhado morar fora de Lisboa, o que foi remediado pela mudança dele para a capital.

Temos tudo combinado para começar muito breve (talvez na proxima semana) o trabalho de inventariar e seleccionar. Posso, pois, assegurar-lhe que terá colaboração do Fernando para o 4º número da revista. Este é o meu desejo, em que me acompanha o João Gaspar Simões.

Tomo consigo este compromisso.

Com o prazer de receber notícias suas,

sou com estima e admiração,  
att.º e obrig.º

*Luís de Montalvor*

s/c. Rua Garcia da Horta, 59 – 2.º

Uma carta enviada por Montalvor a Serpa com indicação «Lisboa, 9-3-941», que transcrevemos parcialmente, menciona, pela primeira vez no acervo por nós cotejado, o número 3 da revista *Orpheu*. Em resposta a uma indagação de Alberto de Serpa a esse respeito, a resposta de Luís de Montalvor é categórica:

Fala-me o meu prezado amigo de umas provas de página do 3º número do Orfeu. Posso informa-lo de que não possuo nada respeitante a esse projectado número da n/ revista. Estava tudo de posse do Fernando e não sei o destino que ele lhe deu. Nem mesmo no espólio literário dele, que eu e o Gaspar Simões inventariamos – encontrei nada referente a essa publicação. Se as tivesse, estariam ao seu incondicional dispor. Lastimo não poder servi-lo como desejaria<sup>21</sup>. Sôbre o “Cancioneiro” devo dizer-lhe que já esta concluída a sua selecção, esperando publica-lo por todo o mês de Maio. Já não é sem tempo. Espero que me releve tão longa estupada – a desta carta sem fim, que, espero, me desculpará, à sua lúcida inteligência, das faltas cometidas.

(M-SER-763 [4])

Recuperando o cotejo da correspondência de João Gaspar Simões, há duas passagens de duas cartas enviadas a Alberto de Serpa durante o ano de 1942 que convém citar: «quando fôr levar-te-ei alguns manuscritos que aqui tenho: uma carta de Pessoa manuscrita, um conto de Ramalho Ortigão, etc. Tenho muito gosto em contribuir para a tua biblioteca de manuscritos» (M-SER-1249 [183]); e «Os originais de Pessoa vão dentro do livro do Thomas Mann. Procura-os» (M-SER-1249 [196]).

<sup>21</sup> «desajaria» no original.

Estas e outras cartas inéditas sugerem que João Gaspar Simões terá ficado com autógrafos de Fernando Pessoa em sua posse, possivelmente para mais tarde os vender, na altura em que fora incumbido de (juntamente com Luís de Montalvor) inventariar e catalogar os papéis pessoais.<sup>22</sup> Alguns destes autógrafos foram oferecidos a Alberto de Serpa, facto comprovado pela correspondência enviada ao poeta do Porto. A esta situação terá sido alheio Luís Montalvor que, em carta não datada enviada a Serpa, acima transcrita na íntegra, escreve: «Resalva-se a nossa responsabilidade e assegura-se à obra do Fernando uma futura fiscalização, que evite o risco de perda ou outro». Em relação à «carta de Pessoa manuscrita» que Gaspar Simões oferece mas cujo destinatário não menciona, o único autógrafo que consta do espólio serpiano à guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto é uma das duas cartas dirigidas a Alberto de Serpa (a outra é datilografada). O conto de Ramalho Ortigão supracitado não consta do espólio.

Como já foi mencionado, há uma primeira referência a *Orpheu* 3 numa carta enviada por Montalvor a Serpa no dia 9 de março de 1941, na qual o codiretor do primeiro número de *Orpheu* (a meias com o poeta brasileiro Ronald de Carvalho) afirma nada saber sobre o assunto, chegando mesmo a ser um pouco vago: «umas provas de página do 3º número do Orfeu».<sup>23</sup> O autor acrescenta ainda: «Nem mesmo no espólio literário dele, que eu e o Gaspar Simões inventariamos – encontrei nada referente a essa publicação.» Contudo, doze anos mais tarde, em 1953, Adolfo Casais Monteiro publica *Poemas Inéditos Destinados ao n.º 3 do «Orpheu»*, com um prefácio de sua autoria onde, a dado momento, escreve:

Há alguns anos, Alberto de Serpa adquiriu uma colecção de quatro cadernos desse número, que então pude ver, mas que o seu actual possuidor manteve até hoje na sombra dos seus arquivos, situação que parecia dever perpetuar-se, visto não ser conhecida outra colecção dessas folhas. [...]

Como está implícito desde as primeiras linhas, conhece-se agora outro exemplar destes quatro cadernos de “Orpheu 3” além do que possui Alberto de Serpa. Acabo de o descobrir, não pela mão do acaso, mas de um raciocínio muito simples: o de que, se existia um jogo de tais folhas nas mãos de outra pessoa, havia noventa e nove probabilidades contra uma de que também existisse entre as de Fernando Pessoa – e muitas probabilidades também de que este não se tivesse perdido. [...] O meu cálculo verificou-se certo, e nem sequer gastei muito tempo a comprová-lo: no meio de revistas ainda por arrumar, no alto de uma estante, não tardaram a surgir as preciosas folhas.

(MONTEIRO, 1953: 7-8)

<sup>22</sup> A este respeito, ver opinião do arquitecto Fernando Távora: «Os documentos que pertenceram a F[ernando] P[essoa] foram certamente retirados por J. Gaspar Simões da casa do poeta quando teve acesso à sua obra [↑ inédita] para a publicação das poesias ou da biografia», em PIZARRO (2017: 336).

<sup>23</sup> Apesar do nome ser grafado com «ph» – *Orpheu* – Luís de Montalvor usava quase sempre a grafia atualizada quando se referia à revista.

Teriam os quatro cadernos de provas de *Orpheu 3* escapado assim tão «facilmente» à inventariação levada a cabo por Luís de Montalvor e Gaspar Simões? Não sabemos. Podemos, no entanto, assegurar que João Gaspar Simões sabia, pelo menos desde finais de 1943 (muito antes de mencionar *Orpheu 3* no seu livro *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, publicado uns anos mais tarde, em 1950), que Alberto de Serpa tinha essas provas em sua posse e terá guardado segredo provavelmente a pedido de Serpa. Segundo Arnaldo Saraiva os factos relativos à «história» das provas de *Orpheu 3* foram os seguintes:

A história, já a contei na introdução que em 1984 escrevi para a edição de *Orpheu 3* pela Ática. Nessa história entra Alberto de Serpa, que, como me disse, comprou em mil novecentos e quarenta e tal num alfarrabista portuense um exemplar da *Dispersão*, o qual tinha dentro dele três cadernos impressos que logo suspeitou serem do *Orpheu 3*; entra um advogado lisboeta conhecido de Almada Negreiros, que tinha outro caderno, por sinal o primeiro; entra Gaspar Simões, que na *Vida e Obra de Fernando Pessoa* garantiu a existência do impublicado *Orpheu 3*; entra Casais Monteiro, que viu os cadernos, com duas falhas, que Pessoa guardara, e editou em 1953 (Lisboa; Inquérito) os *Poemas Inéditos Destinados ao n.º 3 de "Orpheu"*; entram José Augusto Seabra ou as Edições Nova Renascença, que em 1984 editaram as "provas de página", fac-similadas, do *Orpheu 3*; e entro eu e as Edições Ática, que nesse mesmo ano fizemos a edição tipográfica do texto.

(SARAIVA, 2015: 415)

Os excertos das cartas que a seguir se reproduzem mostram que o papel de Gaspar Simões nesta história do *Orpheu 3* foi mais ativo do que terá pensado Arnaldo Saraiva. Numa carta enviada a Serpa, com a data de «3/1/940», há uma primeira e breve menção às «folhas do *Orpheu*». Praticamente dois anos mais tarde, em duas cartas para Alberto de Serpa, uma com local e data «Lisboa, 28 Dez. 1943», e a outra de «Lisboa, 14 de Janeiro 1944», Gaspar Simões menciona «as provas do 3º número de *Orpheu*» e «provas de *Orpheu*», respetivamente: (1) «Ainda não encontrei o Montalvor para lhe falar nas folhas do *Orpheu*. Mas nos papéis do Pessoa não encontrei nada» (M-SER-1249 [112]); (2) «queria apenas pedir-te me digas se é possível emprestares-me a *Passagem das Horas*, de Alvaro de Campos, que suponho terás em teu poder junto com as provas do 3º número de *Orpheu*. Estamos a organizar o volume de Alvaro de Campos e aparece-nos entre os inéditos o original da *Passagem das Horas*, que nos parece fragmentado ou incompleto. Cotejando com as provas, poderíamos tirar as dúvidas que nos entraram» (M-SER-1249 [230]); e (3) «É pena que não tenhas nas provas de *Orpheu* a *Passagem das Horas*<sup>24</sup>. Tal como o original se apresenta tenho as minhas dúvidas sobre a sua integridade. Mas irá assim mesmo, que remédio?» (M-SER-1249 [230]).

Gaspar Simões voltará a questionar Serpa sobre as provas de *Orpheu 3* alguns anos mais tarde, pedindo informações mais detalhadas, certamente por

<sup>24</sup> O poema «A Passagem das Horas» seria publicado nesse mesmo ano no volume *Poesias* de Álvaro de Campos, editado por João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor (Lisboa: Ática, 1944).

causa do livro *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, que seria publicado em 1950. Na correspondência, surge o nome de Cesar Rebelo como sendo o detentor de certas folhas de *Orpheu 3* (as 16 folhas que faltavam ao conjunto de Serpa); após negociações intermediadas por Gaspar Simões, Serpa acabará por comprá-las pela módica quantia de 250 escudos. Concluído o negócio, Gaspar Simões dirá a Serpa: «É muito provável que sejas o possuidor do unico exemplar existente do nº 3 do *Orpheu* e, por conseguinte, que se encontre na tua colecção uma das peças bibliograficas mais preciosas da bibliografia “modernista,,. Parabens!»:

[Cascais, 24 de Junho 1949]

Agora um novo favor: podes mandar-me o sumário do nº 3 do *Orpheu* e a indicação da tipografia em que estava a ser composto? Podes dizer-me mais alguma coisa sobre essa edição? Era impressa na Tipografia Lucas? De que data são as folhas que aí tens, ou seja, em que data estaria para sair esse numero da revista? Estou intrigado com certos pormenores. Sei porque se interrompeu a impressão de *Orpheu 3*, mas não sei se as folhas que tu possues são, de facto, as folhas do *Orpheu* que estava para sair em Setembro de 15 se serão as folhas do *Orpheu 3* a que se refere o Pessoa em carta a Cortes-Rodrigues de Setembro de 1916, isto é, depois da morte do Sá-Carneiro. Se me puderes dar informes sobre isto, muito te agradeço. Mais te peço que me digas se tens o *Centauro*. Eu tinha-o, mas desapareceu-me. Peço-te apenas que me mandes o sumário.

(M-SER-1249 [325])

[Cascais, 27 de Junho 1949]

Apresso-me a escrever-te para te agradecer a tua oferta: estou neste momento, precisamente, tratando do ponto em que me é preciso o *Orpheu 3*. Podes mandar-mo, junto com o *Centauro*, na volta do correio? Prometo-te devolvê-los dois dias depois. Já sabia da existencia desse tal senhor Cesar Rebelo. Falei com ele pelo telefone e disse-me ter cartas de Sá-Carneiro a José Pacheco. Vou agora pedir-lhe para me deixar ver as provas do *Orpheu*. O que me apoquenta é não ter noticias do Carlos Alberto Ferreira, a quem escrevi, a quem procurei em Paris, sobre quem escrevi à Lucia Cardoso e de quem nada sei. Teria este homem as cartas de Pessoa ao Sá-Carneiro? Imagina que tinha e q[ue] apareciam amanhã publicadas? Era um cheque para a minha biografia.

(M-SER-1249 [326])

[Cascais, 3 de Julho 1949]

Amanhã mandar-te-ei o *Centauro* e o *Orpheu 3*. Peço-te que me digas o que sabes sobre a origem destas folhas – provas ou folhas impresas? – Como as obtiveste? É importante para mim. As do Cesar Rebelo só amanhã ou depois estarão em meu poder.

(M-SER-1249 [329])

[Cascais, 7 de Julho 1949]

Devolvo-te hoje o *Centauro* e as folhas do *Orpheu*. Muito obrigado. As poesias de F[ernando] Pessoa que vem publicadas no *Orpheu* são todas de 1912-13, e há nas cartas do Sá-Carneiro muitas referencias a elas. O poema *Gladío*, como sabes, foi depois publicado na *Mensagem* sob o título *D. Fernando*. Apenas aproveito a poesia *Abismo*, que transcreverei na íntegra, pois dela já possuia trechos no meu livro tiradas de uma carta de Pessoa. Espero que não te oponhas, pois seria absurdo que as minhas referencias a essa pequena composição ficassem incompletamente documentadas, havendo o original completo, conhecendo-o eu, e sendo



isso capital para explicar a carta de Sá-Carneiro e a evolução da poesia de Pessoa na altura da *Aguia*. Como tenho em meu poder uns poucos de sonetos inéditos, se quiseres posso indemnizar-te oferecendo-te um ou dois.

Quanto a C. Pacheco sou da tua opinião: trata-se, com certeza, de um novo heterónimo do Pessoa, que não teve continuidade. Limitar-me-ei a transcrever pequenos trechos, desse longo poema para documentar o *surrealismo* de Pessoa *avant la lettre*.

Vi ontem a folha do *Orpheu* do tal Dr. Rebelo. É a folha que falta à tua colecção: as 16 paginas que vão da pagina 165 (última pagina do *Orpheu* 2) a pagina 181, primeira da tua colecção. Propus-lhe a venda, e ele pediu-me que tem dissesse que lhe fizesses uma oferta. Vê lá quanto queres dar pelas 16 páginas. Acho que ficarias com o número completo. Suponho, porem, que o homem é ganancioso...

(M-SER-1249 [331])

[Cascais, 19 de Julho 1949]

Só ontem obtive resposta do Dr. Avelar Rebelo à proposta que lhe fizera. Cede-te a folha do *Orpheu* 3 por 250.00. Poupei-te, portanto, 50.00! Pena tenho não te ter poupado mais.

Vou hoje buscar a folha e pagar. Espero poder mandar-ta, registada, hoje mesmo. [...]

Vou hoje colher informações sobre a origem das folhas do *Orpheu* 3. Transmitir-te-ei o que souber.

(M-SER-1249 [332])

[Lisboa, 26 de Julho 1949]

Estamos quites. Recebi o vale do correio e tu recebeste a folha do *Orpheu*. Fiquei em cuidado enquanto não me acusaste a recepção. Ainda bem que se não extraviou.

O tal Dr. Avelar Rebelo é um parlapatão, bem falante, que gosta de se ouvir a si mesmo e dar-se a si e aos outros a ilusão de que isto de arte e artistas é uma coisa que ele conhece por dentro – nos seus oiros e astros, como diria o Sá-Carneiro. [...]

Em conclusão: o homem nada adiantou. Entendo, porem, que o número que tu hoje possues é completo. Composto e impresso (são folhas impressas as folhas que tu possues), ou porque a tipografia faliu, ou porque faliu a bolsa dos poetas órficos – o certo é que o papel da revista, já impressa, foi abandonado e vendido a peso. É muito provável que sejas o possuidor do unico exemplar existente do nº 3 do *Orpheu* e, por conseguinte, que se encontre na tua colecção uma das peças bibliograficas mais preciosas da bibliografia “modernista,.. Parabens!

(M-SER-1249 [334])

\*

No espólio de Alberto de Serpa também se conserva uma carta de Augusto Ferreira Gomes, amigo íntimo de Fernando Pessoa. A missiva, que a seguir transcrevemos – manuscrita em papel timbrado, com os seguintes dizeres: «FERREIRA GOMES | R. S. Bento, 358-A, 3.º | LISBOA | Telef. 6 3755» –, não tem como destinatário o escritor e poeta portuense, mas sim João Gaspar Simões. Este documento assume especial relevância uma vez que fala sobre *Mensagem* (1934). Ferreira Gomes explica, com bastantes detalhes, as circunstâncias que antecederam a publicação da obra. Trata-se de um contributo muito importante para a contextualização da cronologia dos acontecimentos que levaram à sua publicação. O remetente faz depois a correcção de dois versos, sustentada, segundo Ferreira Gomes, no testemunho do próprio Fernando Pessoa.

FERREIRA GOMES  
R. S. Bento, 352-A, 3.<sup>o</sup>  
LISBOA  
Tel. 6.170

De 7 de Novembro 1949

Meu caro João Gaspar Simões:

Ainda duas coisas, aqui a dizer:

1.<sup>o</sup> Menagem, e a sua publicação:

(1) Talvez d'euja, antes de se publicar o "Menagem", Fernando Pessoa lhe deu (em presença de Costello de Moraes, que todos os domingos ia, com o teu namorado, almorçar e ouvir a corra, entre os Pães com o Raul Corcas) um original no qual deu o título de "PORRUSAL". Esse original já não saiu da minha mão; e, em dia seguinte, entrei então no Editorial Império, para comprar. Com efeito, a seguir, a edição com o António Maria Peres, e tudo ficou assim. Tive eu, portanto, quem fez publicar o "Menagem". Na revisão dos provas, o Fernando repetiu muitas o título, e substituiu-o por "Menagem". O original está no Editorial Império ainda porque os primeiros provas com o título inicial. Repara que PORRUSAL e MEUSA SEM - tem o mesmo número de letras.

1) fim de Junho de 1934

Não quer deixar ficar na sombra os poemas - o de minha iniciação - sem o qual, talvez, a obra D' Fernando não tivesse a respectiva pro- priedade que tem, e agradeço aos deuses a luz que me foi dada em tão propício momento.

==

2.<sup>o</sup> Cacis.

O verso errado e a publicação a pag. 69:

"... os meus versos que partem para a Humanidade que deseja ser:

"aos seus versos etc etc."

Por, segundo eu disse. Fernando Pessoa, o Alberto Cacis nunca seria capaz de escrever de outra maneira, porque se os versos partiam para a Humanidade, já não eram meus. Deh, mas de Humanidade e portanto, "seus".

Alvares de Campos:

Outra gralha, a pag. 221:

em vez de "a sombra que sopra nos vultos -"

M-SER-391

FERREIRA GOMES  
R. S. Bento, 352-A, 3.<sup>o</sup>  
LISBOA  
Tel. 6.170

II

deseja ler-me, como o Alvares de Campos escreveu e o Fernando Pessoa me corrigiu:

"O Sombra que sopra nos vultos -"

==

Jo não alguns com acentos e outros que por ventura me ocorram logo dos transmi- tões. E se duvidas tiver, também lhe peço que me as pergunte.

Cacis em, com o título a "Sombra" dentro de

António Maria Peres

FERREIRA GOMES  
R. S. Bento, 352-A, 3.<sup>o</sup>  
LISBOA  
Tel. 6.170

III

deixa-me, como o Alvares de Campos escreveu e o Fernando Pessoa me corrigiu:

"O Sombra que sopra nos vultos -"

==

Jo não alguns com acentos e outros que por ventura me ocorram logo dos transmi- tões. E se duvidas tiver, também lhe peço que me as pergunte.

Cacis em, com o título a "Sombra" dentro de

António Maria Peres

M-SER-391

Figs. 72, 73, 74 e 75. Carta de 7 de Novembro de 1949 (BPMP, M-SER-391).

## FERREIRA GOMES

R. S. Bento, 358-A, 3.º  
LISBOA  
Telef. 6 3755

s/c 7 de Novembro 1949

Meu caro João Gaspar Simões:

Ainda duas coisas esquecidas:

1ª – *Mensagem*, e a sua publicação:

Talvez 3 mezes<sup>(1)</sup> antes do aparecimento de “*Mensagem*”, Fernando Pessoa leu-me (na presença do Castelo de Moraes que todos os domingos ia, com o Fernando, almoçar a minha casa, então na Rua Tenente Raul Cascaes) um original ao qual dera o título de “PORTUGAL”. Esse original já não saiu da minha mão; e, no dia seguinte, estava entregue na Editorial Império, para compôr. Combinei, a seguir, a edição com o Antonio Maria Pereira, e tudo ficou assente. Fui eu, portanto, quem fez publicar a “*Mensagem*”. Na revisão das provas, o Fernando rezolveu mudar o título, e substituiu-o por “*Mensagem*”. O proprietário da Editorial Império ainda possui as primeiras provas com o título inicial. Repara que – *PORTUGAL* e *MENSAGEM* – têm o mesmo numero de letras. Não quero deixar ficar na sombra este pormenor – o da minha iniciativa – sem o qual, talvez, a obra do Fernando não tivesse a rapida projecção que teve; e agradeço aos Deuses a luz que me foi dada em tão propicio momento.

=

2º *Caeiro*:

O verso errado é o publicado a pag. 69:

“... aos meus versos que partem para a Humanidade.,”

que deverá ser:

“aos seus versos etc etc.”

pois, segundo me disse o Fernando Pessoa, o Alberto Caeiro nunca seria capaz de escrever d’outra maneira, porquanto, se os versos partiam para a Humanidade, já não eram dele, mas da Humanidade e, portanto, “seus”.

*Alvaro de Campos*:

Outra gralha, a pag. 221:

em vez de “a sombra que espera nas viélas – “

deverá ler-se, como o Alvaro de Campos escreveu e o Fernando Pessoa me confirmou.

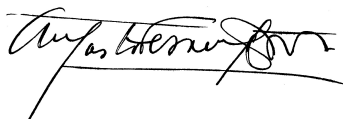
“O sombra que espera nas viélas – “

=

Se mais alguma coisa encontrar e outras que porventura me ocorram logo lhas transmitirei.<sup>25</sup> E se duvidas tiver, também lhe peço que m’as pergunte.

Creia-me, com estima e admiração

Muito seu



<sup>(1)</sup> fins de Julho de 1934

<sup>25</sup> Tudo aponta para que se trate do livro *Poemas* de Alberto Caeiro (Lisboa: Ática, 1946).

A primeira correcção incide sobre um verso do poema XLVIII, de *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro, cujo primeiro verso é «Da mais alta janella da minha casa», de Março de 1914. O verso assinalado como errado é «...aos meus versos que partem para a Humanidade». Segundo Ferreira Gomes, a versão certa seria «...aos seus versos que partem para a Humanidade». A edição da *Obra Completa de Álvaro de Campos*, de Pizarro e Ferrari, refere que é um «poema publicado na revista *Athena*, n.º 4, 1925, pp. 155-156, do qual se conservam dois testemunhos manuscritos: **A** (67-36<sup>r</sup> e 37<sup>r</sup>) e o **Cad** (145-38<sup>r</sup> e 39<sup>r</sup>)» (Pessoa, 2016: 215-216). As versões cotejadas apresentam diferenças na pontuação e na grafia da palavra «Humanidade», que aparece com maiúscula ou minúscula. Mas a palavra «meus» mantém-se inalterada em todas as versões. O caderno manuscrito de *O Guardador de Rebanhos* foi totalmente fac-similado em PESSOA (2016) e a trigésima oitava folha do poema XLVIII (com a cota 145-38<sup>r</sup>, p. 215), não oferece dúvidas na leitura da palavra «meus». Em todas as edições consultadas não encontramos esta versão apontada por Ferreira Gomes, porquanto resta-nos este testemunho escrito e a explicação dada acerca do «verso errado».

A segunda correcção assinalada por Ferreira Gomes reporta-se a um verso do poema *A Passagem das Horas*, de Álvaro de Campos, cujo primeiro verso é «Sentir tudo de todas as maneiras». O original datilografado (a cota 70-15, 19 e 21<sup>r</sup>) foi transcrito e cotejado por Pizarro e Cardillo, em *Obra Completa de Álvaro de Campos* (PESSOA, 2014). Nesta edição o verso apontado «O gatuno de carteiras, o sombra que espera nas viellas» (p. 135), coincide com a emenda de Ferreira Gomes apontada a Gaspar Simões.

\*

Fazem também parte do acervo epistolar do espólio serpiano cinco cartas e dois cartões de João Silva Tavares (1893-1964), amigo e contemporâneo de Fernando Pessoa. A correspondência, datada entre 1925 e 1957, foi endereçada a Alberto de Serpa. Destacamos duas cartas. Na primeira, de «Lisboa 7 de Outubro de 1948», Silva Tavares fala do livro intitulado *Luz Poeirenta*.

Meu caro Alberto de Serpa:

Se é possível que este seu velho amigo tenha publicado algum livro que possa hoje considerar-se *muito raro*, êsse é “Luz Poeirenta”. De facto, só por acaso se encontra um exemplar nos alfarrabistas. Imagine, portanto, o cuidado com que conservo o único volume que me resta mas que apesar de tudo – por tratar-se do meu caro amigo – não hesito um segundo em confiar-lhe.

Uma nota que talvez lhe interesse: – a revisão tipografica de “Luz Poeirenta”, quis o nosso querido Fernando encarregar-se dela, tal o seu interesse pela obra que acompanhou passo a passo, dia a dia, nos nossos encontros de permanente camaradagem tanto no café “A Brasileira”, do Rossio, como em minha casa e em casa dêle que, por sinal, se resumia a um



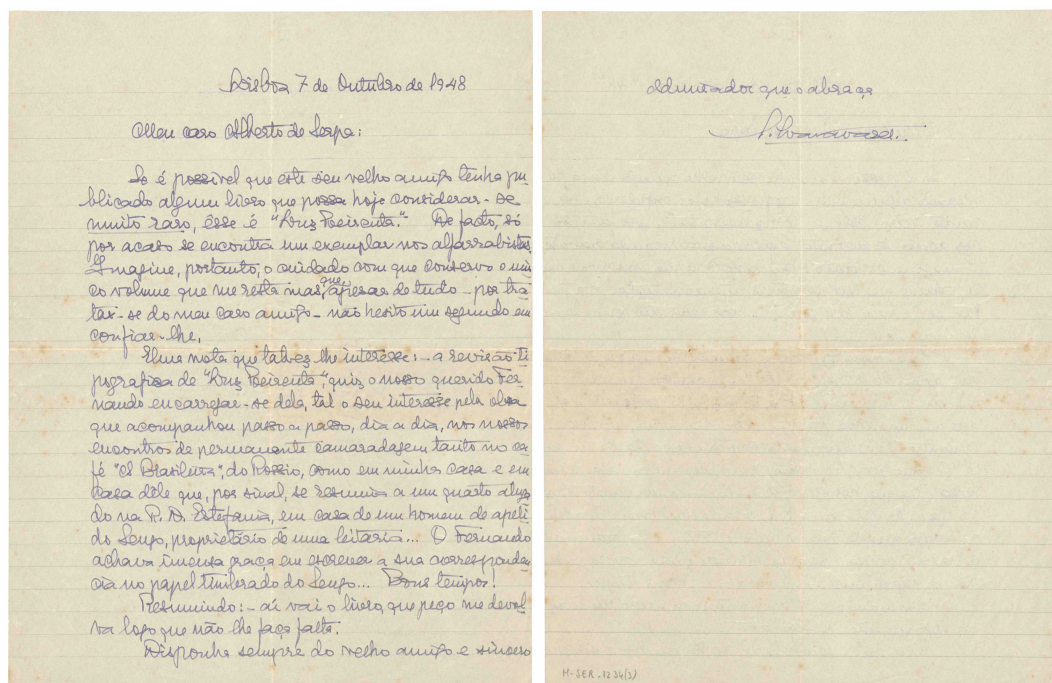
quarto alugado na R. D. Estefania, em casa de um homem de apelido Sengo, proprietário de uma leitaria... O Fernando achava imensa graça em escrever a sua correspondência no papel timbrado do Sengo... Bons tempos!<sup>26</sup>

Resumindo: – aí vai o livro, que peço me devolva logo que não lhe faça falta.

Disponha sempre do velho amigo e sincero

admirador que o abraça

*F. Pessoa*



Figs. 76 e 77. Carta de 7 de Outubro de 1948 (BPMP, M-SER-1234 [3]).

Quinze dias mais tarde, a 21 de outubro de 1948, no seguimento da primeira carta, Silva Tavares volta a escrever a Alberto de Serpa. Esta é uma carta muito interessante que vale a pena ser reproduzida na íntegra, na medida em que se trata de um pungente e autêntico relato biográfico contado na primeira pessoa. Silva Tavares começa por confirmar o empréstimo do livro e termina revelando um curioso e divertido episódio passado com Fernando Pessoa e os amigos.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

EMISSORA NACIONAL DE RADIODIFUSÃO

RUA DO QUELHAS – TELEG. – “EMISSORA” – TELEF. 6 0181

LISBOA – PORTUGAL

Meu caro Alberto de Serpa:

<sup>26</sup> Silva Tavares recebeu, pelo menos, uma carta de Fernando Pessoa manuscrita numa folha de papel timbrado da LEITARIA ALEMTEJANA | DE | MANUEL ANTONIO SENGO, datada de «16/XII/1916». Está fac-símilada em QUADROS (1960: 141).

Sei, de facto, que “Luz Poeirenta”<sup>27</sup> está em boas mãos. Pode, portanto, conservar o livro o tempo que dêle precisar.

Quanto à minha vida, tentarei dizer-lhe alguma coisa no menor numero de palavras que fôr possível.

Nasci em Estremoz a 27 de Junho de 1893 e fui batizado ali, na igreja de Santo André. Filho de abastados lavradores alentejanos – devo dizer-lhe que a fortuna de meu avô era, por então, das maiores da região – por lá vivi e lá aprendi as primeiras letras, vindo para Lisboa aos 8 anos de idade com meus pais. Depois do exame de instrução primária, frequentei, como interno, um colégio que desapareceu há já anos. Chamava-se “Colégio Universal” e era ali na Calçada Santana. Fiz o primeiro e o segundo ano dos liceus e, chegado ao terceiro, com treze anos, escrevi os meus primeiros versos, inspirados por uma garota que teria a mesma idade e que todos os dias aparecia à sacada da casa onde morava, mesmo defronte do colégio, com um grande laçarote de fita verde amarrando os cabelos de oiro. Várias vezes tenho perguntado a mim mesmo quem será hoje, se vive, essa garota que fez brotar em mim a brotoeja da poesia, e quantas vezes teremos passado um pelo outro, indiferentes, estranhos...

Tirado o terceiro ano, meu Pai faleceu em Estremoz. Abandonei o colégio e passei a frequentar o liceu do Carmo ou, melhor, passei a ir para os cafés jogar o bilhar, em vez de ir às aulas... E assim cheguei aos quinze anos de idade em que, deliberadamente, entendi que a um *menino rico* não era necessário qualquer curso superior para viver a seu gosto... Minha Mãe lamentou tal decisão mas não soube contrariar-me. E transformei-me num *pateta alegre* e fiz o que me deu na rial gana, até aos 18 anos, idade em que casei pela primeira vez. Herdei, então, ou antes, passei então à posse da terça da fortuna de meu Avô, qualquer coisa como duzentos e oitenta contos, no ano de 1911. Vieram os automoveis, as passeatas a Espanha, as pandegas rasgadas, as viagens a Estremoz, para vender herdades, em comboio especial, organizado só para mim, com carruagem salão e, finalmente, chegado o ano de 1914, estava sem vintem. Cuidei, então, poder valer-me da fortuna de minha mulher. Mas enganei-me: – Meu sogro poz ponto final nas minhas tropelias, convencendo minha mulher ao divorcio. Por sua vez minha Mãe opoz-se a acolher-me, convencida de que eu procuraria, forçado pelas circunstancias, remediar o desentendimento com minha mulher. Enganou-se porque eu resolvi mas foi trabalhar. Mas trabalhar em quê, se eu não sabia fazer nada, além de versos? E fiz-me jornalista. Entrei para o jornal “A Tarde”, que esteve instalado na rua Luz Soriano, onde está hoje o “Diario de Lisboa” e principiei vida nova – amarga, dura, levada de mil demónios nos primeiros anos de lucta! Foi por essa data que mais se intensificaram as minhas relações com o Fernando Pessoa, que veio a ser um querido amigo de todas as horas. Todas as tardes nos reuníamos no café “A Brasileira” do Rossio, sempre nas mesmas mêsas, lá ao fundo, no vão que ficava entre as duas escadas de acesso à rua 1º de Dezembro. E digo *nas mesmas mêsas* por que eram duas, visto o grupo ser numeroso: – Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Luis de Montalvor, Santa Rita pintor, algumas vezes, Armando Côrtes Rodrigues, Augusto Ferreira Gomes, José Pacheco, Julio de Vilhena e, tambem de vez em quando, Alfredo Pedro Guisado e Antonio Ferro. Seis desaparecidos, ao todo! Seria tão interessante colocar ali uma lápide evocativa do grupo! Ali nasceu o “Orfeu”, ali nasceu “O Centauro”, ali nasceu a “Contemporânea” e ali nasceu tambem o *Alvaro de Campos*, depois de lido à assembleia o seu primeiro poema! Ali escrevi a “Luz Poeirenta” e “Poemas do Olympo” e ali se meditaram e resolveram, extra poesia, vários *problemas graves* da vida privada de cada um, aos quais não era indiferente o de

<sup>27</sup> A propósito deste livro, dizia Fernando Pessoa a Côrtes-Rodrigues, em carta datada de 4 de Setembro de 1916: «Luz Poeirenta de Silva Tavares. (Livro inteiramente sensacionista, tanto que é dedicado á minha pessoa)». Transcrição completa em VIZCAÍNO (2018: 215-17).

termos de comer todos os dias. Que de episódios curiosos! De uma vez, o nosso querido Fernando Pessoa tinha de mudar de quarto e não havia dinheiro para pagar aos môços de fretes. Vai de aí, a mudança foi feita de madrugada pelo proprio Fernando, o Augusto Ferreira Gomes, hoje funcionário do S.A.S., e este seu amigo... Estou a ver o Ferreira Gomes, na R. D. Estefania, com um colchão às costas!...

Os anos passaram e cada um seguiu seu rumo. Mas sempre a mesma amisade e a mesma camaradagem nos uniu, até ao dia em que fui acompanhar, até à ultima morada, o meu querido Fernando e voltei doente para este mesmo gabinete da Emissora, de onde lhe escrevo.

Depois vieram homenagens, consagrações, prestígio: – As comendas de Cristo; o oficialato de São Tiago da Espada do mérito científico, literário e artistico; uma lápide na casa onde nasci; outra no Teatro Bernardim Ribeiro, de Estremoz e, outra ainda, na Biblioteca Municipal de Elvas; sessões solenes em minha honra, uma das quais no Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, presidida por Carlos Malheiro Dias, banquetes, etc.

Mas sempre a saudade daqueles dias dificeis a ensombrar uma obra de 48 volumes publicados, muitos pela necessidade de comer – que nunca devia ter escrito – e oitenta e duas peças de teatro representadas, o maior numero de colaboração, incluindo todos os géneros: – drama historico em verso, tragédia rustica, comédia, ópera, revista... Tudo! Teria valido a pêne? “Tudo vale a pêne”, dizia o Fernando.

E termino, que já não é sem tempo...

Antes, porém, e de harmonia com o seu desejo, junto lhe remeto um inédito da minha fase sensacionista<sup>28</sup>, datado de Junho de 1916. O curioso é que fazia parte de um livro, “Fonte da vida”, que aliás não chegou a ser publicado, cujos originais foram todos passados à máquina pelo Fernando, como se vê pela carta dêle que junto também lhe envio, na hipótese de que queira servir-se dela. Só lhe peço, evidentemente, a sua devolução.

Um grande abraço do seu

Velho amigo e devotado admirador



21 de Outubro de 1948

(M-SER-1234 [4])

\*

No espólio serpiano também existe uma extensa carta manuscrita de Ángel Crespo para Alberto de Serpa. Figura importante das letras espanholas, Crespo foi poeta, tradutor e crítico literário. Autor de numerosos livros sobre Fernando Pessoa, o seu *La vida plural de Fernando Pessoa* assume lugar de destaque nos estudos pessoanos. A carta que a seguir se transcreve, datada de 31 de Agosto de 1957, é praticamente toda ela dedicada a Fernando Pessoa e às traduções das poesias do poeta que tenciona publicar em Espanha, pedindo a Alberto de Serpa a sua ajuda.

<sup>28</sup> «sensacionista», no original.

ANGEL CRESPO

APARTADO DE CORREOS 14.175  
MADRID

- 31-8-57.

Al poeta  
Alberto de Serpa  
Oporto.

Querido poeta amigo: He recibido sus libros con verdadera alegría y crea que me siento feliz al haber entablado relaciones con usted. Y por varias causas: Por mi admiración hacia su obra y por mi amor a Portugal y, sobretodo, a sus poetas. Hace años que trato de estar cada vez más íntimamente ligado con la poesía portuguesa, pero no como un estudioso, sino como uno más entre los que viven y hacen su mundo. No puedo decir que he tenido demasiada suerte. He hecho amigos. Conservo algunos. Perdi otros. He intentado colaborar en la creación de una auténtica revista hispano-lusa o luso-hispánica. En aquellos momentos dejó de publicarse la revista que yo dirigía y que pudo convertirse en lo que yo deseaba. Luego quise repetir en Portugal. Lo que empezaba se hundió. Bien. No he cesado. Sigo en mis trece. Sé que mi mayor obstáculo es el particularismo que tenemos unhos ibéricos. ¿Qué le hemos de hacer?

Ahora, me llegan sus bellos libros, como contestación a mi envío, cuando estoy empeñado en la traducción de teinta poemas de Pessoa, o como él diría de Alberto Caeiro. Espero que su ayuda me sea preciosa, no sólo para este intento, sino también para otros posteriores, relacionados con el mismo Pessoa, del que pienso traducir más obra, y con otros poetas modernos portugueses hacia los que me guían idénticos propósitos. ¡Puede comprender como le agradezco la ayuda que me ofrece! Si yo puedo hacer algo que le sea útil o grato, puede disponer de mí como guste.

He aquí algunas de mis dudas: en el poema I de "Guardador de rebanhos" se lee (versos 49 y 50):

Saúdo todos os que me leram,  
*Tirando-lhes o chapéu longo.*

Aunque comprendo el sentido del segundo verso (del 50) le pido por favor que me indique con exactitud otra frase portuguesa que yo pueda ver con más claridad y que equivalga a este verso.

Es el único tropezo lingüístico que he tenido con Caeiro. El resto de los poemas va traducido con toda fidelidad, si bien el castellano exige a veces una mayor concreción expresiva por ser más duro que el portugués y, a mi juicio, admitir menos ciertas delectaciones verbales. En fin, me hallo casi al cabo de la traducción y le agradeceré que me solucione esta duda o cualquier otra que pudiera surgir. Perdona que tome tan al pie de la letra su amable ofrecimiento.

Como mi intención es publicar un libro de traducciones de cada uno de los heterónimos y, naturalmente, de F. Pessoa sin heterónimo alguno, le diré los libros con que cuento y le ruego que me indique cuales otros libros – o estudios en revista – pueden ser me útiles, con indicación de la mejor manera de adquirirlos: librería, editorial, etc. Esto es más interesante para mí, en cuanto que quiero hacer un estudio sobre Pessoa y publicarlo aparte como volumen independiente. Todo esto iría más deprisa de lo que va, si pudiésemos hacer renacer la revista "Deucalión", que yo dirigí y de la que le envío unos ejemplares aparte. Puede que consigamos esto o algo parecido.



Otro problema: ¿Será difícil obtener autorización para publicar en “Adonais” – ya he hablado de ello con José Luis Cano<sup>29</sup> – mis traducciones de Pessoa? Le ruego que Vd. mismo me indique cómo debo proceder.

En fin, voy a cansarle. Pero le ruego que me disculpe. Me gustaría tener un retrato de Pessoa por si Cano quiere que se obtenga de él un retrato a pluma para el libro.

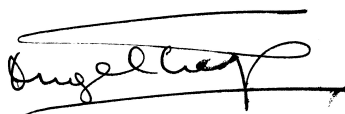
Paso a indicarle que tengo cinco tomos de Pessoa publicados en “Edições Ática” (Tomos \* a \* \* \* \* \*) y las “Cartas de F. P. a Armando Côrtes Rodrigues”. Como ve, suficiente para traducir, pero no para mi estudio.

Hoy hemos hablado mucho de Pessoa; hablemos otro día de nosotros y de los demás.

Lamento que no nos hayamos encontrado en Madrid este año ni en Oporto el pasado. Estuve allí en el mes de enero. Si Diós quiere, volveré.

Mi domicilio particular en Madrid es Ponzano, 26 – 5º izqda. Y mi teléfono: 53-48-21. Dígame cuándo va a venir a Madrid y sepa que aquí tiene una casa, que ya conoce Pulido Valente y él mismo le dirá como será Vd. acogido, como amigo y como maestro.

Espero sus noticias, su aclaración, sus notas. Vea que me avergüenzo de ser tan hablador en mi primera carta – cosa no frecuente en mí – pero vea en ello una prueba del afecto que me inspira, pues si bien sólo ahora entablamos relaciones personales, hace años que le conoce y admira



(M-SER-311)

\*

Na carta que a seguir transcrevemos, Alfredo Guisado (1891-1975), que também trocou correspondência com Alberto de Serpa, confessa a este ter consciência de ter sido relegado, pela crítica em geral, para um papel secundário entre aqueles que eram «os de *Orpheu*». As suas palavras deixam antever alguma mágoa e ao mesmo tempo uma certa resignação, aliadas a uma descrença ou desencanto do seu «eu» literário, chegando a afirmar: «o meu humilde nome ficava sempre incluído num elucidativo «etc» ou num constante e – porque não o dizer? – também merecido esquecimento.» Escrita quarenta e três anos depois do lançamento do primeiro número de *Orpheu*, a carta constitui um testemunho precioso de alguém que foi protagonista da história de *Orpheu* mas que acabou por também se render ao equívoco de escritor menor de uma geração maior.

---

<sup>29</sup> Alberto de Serpa respondeu-se com José Luís Cano. Existem, no espólio serpiano, oito cartas e dois postais de Madrid, datados entre 1947 e 1952. «Escritas em papel timbrado de ‘Adonais – Colección de Poesia’ e ‘Insula’, revista literária, falamos de José Régio, Miguel Torga, Casais Monteiro, Eugénio de Andrade, Campos de Figueiredo, etc. Trata, entre outros assuntos, da edição de ‘Poemas de Oporto’, de Alberto de Serpa [...] na coleção ‘Adonais’ e da ‘Antologia Poética’ de Miguel Torga a publicar na mesma coleção de poesia» (FERREIRA, 1988: 38).

Guisado

s/c. **Largo da Graça, 15 - 1.º****LISBOA**, 23-1-958

Meu prezado Amigo e camarada

Só hoje me foi entregue na “República” a sua carta e hoje mesmo lhe respondo.

Nada tem de que me ficar grato pela apreciação por mim feita acerca do seu último livro de versos.

Fiz apenas justiça. O meu prezado Amigo continua a ser um grande, um admirável Poeta. Não se encosta aos seus triunfos literários. Mantem-os. E oxalá os mantenha por muito tempo.

Cabe-me agora a vez de lhe ficar grato pelo seu pedido. Muito e muito obrigado. O certo, porém, é que 1915 vai longe. Houve, efectivamente, naquela altura e durante alguns anos que se seguiram, um indivíduo que então escreveu e assinou ou com o nome de Alfredo Pedro Guisado, numa revista literária que ficou célebre ou com o pseudónimo de Pedro de Menezes em vários livros, algumas palavras rimadas. Tinham-me dito os companheiros do grupo que ajudara a fundar – como essa época se vai afastando! – que ele era poeta e, na ingenuidade dos seus, nessa ocasião, verdes anos, chegou a acreditar. O tempo que não descansa um momento na sua viagem, foi passando e, após a vinda de novas gerações, tudo se modificou.

Não se modificou, é verdade, aquele vento fresco que produziu a referida revista e que veio afastar o bafiento ambiente em que a nossa Literatura vivia, mas modificaram-se as apreciações e a maneira de ver e de profundar o valor de cada um dos seus colaboradores.

Notei – creia que o digo sem azedume – que enquanto os nomes de todos os meus companheiros naquele grupo, em toda a parte e por qualquer motivo, se continuavam a citar com uma persistência bem merecida, o meu humilde nome ficava sempre incluído num elucidativo “etc” ou num constante e – porque não o dizer? – também merecido esquecimento. O silêncio sobre o meu nome passou a ser o meu camarada de sempre. Desde que tal aconteceu, percebi que a “algunha” de poeta que os meus companheiros no aludido grupo me tinham dado, fôra apenas ditada pela boa amizade que nos ligava e nunca porque eu pudesse, de algum modo, ser colocado entre aqueles que devem ser considerados como tal.

Resolvi então, não deixar de rimar palavras porque isso estava e está ainda no meu feitio e com elas tenho forrado algumas das minhas gavetas, mas nunca mais tive o atrevimento de colocar essas palavras em contacto com o público. Ainda bem que os mencionados meus livros se esgotaram, não havendo assim também possibilidade de poderem ser lidos e pena foi que dois ou três seleccionadores de poemas – não se sabe bem porquê – se tivessem lembrado de ir buscar alguns vestígios daqueles meus desajeitados versos para os incluírem em diferentes Antologias. Não em todas ultimamente aparecidas porque, como é natural, há ainda quem saiba seleccionar com o maior cuidado.

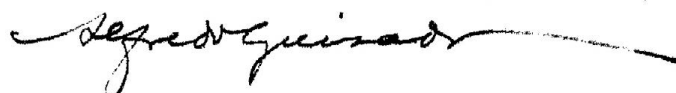
Perguntará, com razão, o meu caro camarada, como decerto já muitos o hão-de ter feito, que motivos levaram o jornal em que colaboro a encarregar-me de apreciar a obra dos outros, eu que não tenho categoria para escrever a minha. Que motivos? As costumadas coisas incompreensíveis da nossa terra.

Ora nestas condições – falo-lhe com toda a sinceridade – manuscritos meus ao lado dos meus velhos amigos e companheiros daquele “Orfeu” que tanto tem dado que falar e que escrever e que, certamente, - pelo que compreendo agora – só por engano foram meus companheiros e apenas por acaso me envolveram na honra de pertencer a tão famoso grupo, não são de desejar e muito menos podem valorizar para o futuro, uma colecção tão importante como a do meu prezado Amigo. Deixaria de ser, sómente, bem escolhido trigo

para, entre eles, passar a haver o escusado joio. Chamo para o facto a sua esclarecida atenção. Em todo o caso como o meu caro Amigo demonstra na sua carta interesse – interesse relativo, evidentemente – de possuir um manuscrito do Guisado e do P[edro] de Menezes, o que devo apenas – eu sei – à sua bondade, aqui lhos mando com a certeza de que de nada lhe servirão.

Abraça-o com sincera amizade e grande admiração o

Mto. Agradecido



(M-SER-512)

\*

Se, em 2017, a redescoberta de novos documentos autógrafos pertencentes ao espólio Fernando Távora permitiu avaliar melhor a dimensão do papel desempenhado por Alfredo Guisado em todo o processo de *Orpheu*, como notou Patrícia Silva, hoje, em 2018, no caso de Guisado *et al.*, a redescoberta de novos documentos autógrafos pertencentes ao espólio Alberto de Serpa permite, mais uma vez, redimensionar certas figuras da literatura e da cultura portuguesas. Para encerrar um contributo que poderia ter sido mais longo, lembremos as palavras de Silva sobre série de «new findings» de 2017:

These new findings underscore the close collaboration between the mentors of *Orpheu*, Fernando Pessoa and Mário de Sá-Carneiro, and Alfredo Guisado, who accompanied the project of production of a cultural magazine from an early stage and throughout the lengthy preparatory period leading to its fulfillment. Thus, they establish Guisado as one of the original and leading actors of the making of *Orpheu* and of its reputation. [...] These documents also help to reconstitute the extent of Guisado's intervention in the reception of *Orpheu* abroad, which he facilitated through his contacts in the Spanish press, earned through the merits of his previously published works, thus also clarifying a misconception that Guisado as a minor writer of the *Orpheu* group at the time: [...] he was one of the first Portuguese modernists to establish himself as a poet.

(SILVA, 2017: 330-331)

O que dizer dos «new findings» de 2017? Ou melhor, que mais dizer? Fica aberta a discussão.

## Bibliografia

- BLANCO, José (2008). *Pessoana*; vol. I, bibliografia passiva, selectiva e temática (referida a 31 de Dezembro de 2004); vol. II, índices. Lisboa: Assírio & Alvim.
- BNP (2015). «BNP integra, por doação, novo autógrafa de Fernando Pessoa». Notícia, 30-11-2015 [[http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1109:noticia-bnp-integra-por-doacao-novo-autografo-de-fernando-pessoa-nov-2015&catid=165:2015&Itemid=1129&lang=en](http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1109:noticia-bnp-integra-por-doacao-novo-autografo-de-fernando-pessoa-nov-2015&catid=165:2015&Itemid=1129&lang=en), acesso em 3 Jun. 2018].
- CIRURGIÃO, António (1990). *O «olhar esfíngico» da Mensagem de Pessoa e a Concordância*. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- DIX, Steffen (2017). «O Orpheu ou o “momento histórico” da modernidade / modernização sociocultural em Portugal». *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 11, Primavera, pp. 23-43 [Doi: 10.7301/Z0HQ3X42].
- FERRARI, Patricio (2015). «Bridging Archives: Twenty-Five Unpublished English Poems by Fernando Pessoa». *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 8, Outono, pp. 365-431 [Doi: 10.7301/Z01V5C64].
- \_\_\_\_ (2010). «Anotações» | «Annotations». *Biblioteca Digital de Fernando Pessoa*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa [<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/annotacoes.htm>, acesso em 3 Jun. 2018].
- FERREIRA, Manuel (1988). «Catálogo da preciosa coleção de manuscritos reunida pelo poeta Alberto de Serpa». Porto: s.n. [Catálogo de um leilão que teve lugar em Vila Nova de Gaia].
- FUNDACION JUAN MARCH (1981). *Homenaje a Pessoa*. Madrid, Junho [programa disponível em <https://recursos.march.es/culturales/documentos/conciertos/cc686.pdf?v=96526376>, acesso em 3 Jun. 2018].
- HOURCADE, Pierre (2016). *A Mais Incerta das Certezas – Itinerário Poético de Fernando Pessoa*. Edição e tradução de Fernando Carmino Marques. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»).
- LOURENÇO, Eduardo (2000). *Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente*. Lisboa: Gradiva. [1.ª ed., Porto: Inova, 1973.]
- MARTINHO, Fernando J. B. (1983). *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa (do «Orpheu» a 1960)*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação. Biblioteca Breve, vol. 82 [<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/estudos-literarios-critica-literaria/103-103/file.html>, acesso em 3 de Junho de 2018].
- \_\_\_\_ (1982). «Fernando Pessoa e Alberto Serpa». *Diário de Lisboa*, n.º 20973, suplemento literário *Ler Escrever*, n.º 80, 7 de Out., pp. 1 & 3. [Fundação Mário Soares: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06838.188.29457#!27>, acesso em 3 Jun. 2018].
- MONTEIRO, Adolfo Casais (1953). *Poemas Inéditos Destinados ao n.º 3 de ‘Orpheu’*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- PESSOA, Fernando (2018). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella; colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»).
- \_\_\_\_ (2017). *Teatro Estático*. Edição de Filipa de Freitas e Patricio Ferrari; colaboração de Claudia J. Fischer. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»).
- \_\_\_\_ (2016). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china. 1.ª edição de bolso (col. «Pessoa»).
- \_\_\_\_ (2016). *Alberto Caeiro – Obra Completa*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»).
- \_\_\_\_ (2014). *Álvaro de Campos – Obra Completa*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»).
- \_\_\_\_ (2006). *Poesia 1931-1935 e Não Datada*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.



- \_\_\_\_ (2005a). *Poemas 1915-1920*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série «Maior», vol. I, tomo II).
- \_\_\_\_ (2005b). *Poesia 1902-1917*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição e posfácio, Richard Zenith; colaboração, Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2001). *Poemas 1921-1930*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série «Maior», vol. I, tomo III).
- \_\_\_\_ (1998). *A Grande Alma Portuguesa*. A carta ao Conde de Keyserling e outros dois textos inéditos estabelecidos e comentados por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Manuel Lencastre.
- \_\_\_\_ (1993). *Mensagem. Poemas Esotéricos*. Edição crítica, José Augusto Seabra (coord.). Madrid: Archivos, CSIC (Coleção «Archivos», n.º 28).
- \_\_\_\_ (1972). *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: José Aguilar Editôra. 1.ª ed., 1960; 2.ª ed., 1965; 3.ª ed., 1969; 4.ª ed., 1972.
- \_\_\_\_ (1942). *Poesias*. Lisboa: Ática.
- PESSOA, Fernando; VAZ, Ruy [dir.] (1924-1925). *Athena: revista de arte*, vol. 1, n.º1 (Out. 1924) a n.º 5 (Fev. 1925). Lisboa: Imprensa Libanio da Silva [Casa Fernando Pessoa, 0-28MN; <http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/0-28MN>, acesso em 3 Jun. 2018].
- PITTELLA, Carlos (2017). «Juliano Apóstata: um poema em três arquivos». *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 457-488 [Doi: 10.7301/Z0K935RH].
- \_\_\_\_ (2012). *Pequenos infinitos em Pessoa: uma aventura filológico-literária pelos sonetos de Fernando Pessoa*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras. Orientadora: Prof.ª. Cleonice Serôa da Motta Berardinelli. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- PITTELLA, Carlos; PIZARRO, Jerónimo (2017). *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida: primeiras lições*. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»).
- PIZARRO, Jerónimo (2017a). «Álvaro de Campos Revisited». *Estudos Regianos*, n.º 22-23 (número comemorativo), Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, pp. 67-90. Direcção Editorial: Isabel Cadete Novais [vide <http://joseregio-cer.pt/index.php/o-boletim/>, acesso em 3 Jun. 2018].
- \_\_\_\_ (2017b). «Poemas e documentos inéditos: o lote 31 e a Coleção Fernando Távora». *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 333-456 [Doi: 10.7301/Z0FJ2F16].
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa | Fernando Pessoa's Private Library*. Edição bilingue. Alfragide: D. Quixote.
- QUADROS, António (1960). *Fernando Pessoa. A Obra e o Homem*. Lisboa: Editora Arcádia.
- QUEIRÓS, Luís Miguel (2008a). «Conjunto de quase 900 cartas de José Régio vai a leilão no Porto por 75 mil euros». *Público*, 19 de Janeiro [<https://www.publico.pt/2008/01/19/jornal/conjunto-de-quase-900-cartas-de-jose-regio-vai-a-leilao-no-porto-por-75-mil-euros-245631>, acesso em 3 Jun. 2018].
- \_\_\_\_ (2008b). «Cartas». *Público*, 16 de Fevereiro [<https://www.publico.pt/2008/02/16/jornal/cartas-249495>, acesso em 3 Jun. 2018].
- QUEIROZ, Carlos (1936). *Homenagem a Fernando Pessoa, com os excerptos das suas cartas de amor e um retrato por Almada*. Coimbra: Presença.
- RAMALHO, Maria Irene (2003). *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*. Hanover: Dartmouth College; University Press of New England.
- SARAIVA, Arnaldo (2015). «O 'Frustrado' e abençoado ORPHEU». *1915: o ano do Orpheu*. Edição de Steffen Dix. Lisboa: Tinta-da-china, pp. 407-420.
- SERPA, Alberto de (1934). *Varanda: poemas*. Coimbra: Presença [Casa Fernando Pessoa, 8-504; <http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-504>, acesso em 3 Jun. 2018].

- SILVA, Patrícia (2017). «Alfredo Guisado and the Orpheu affair: tracing the magazine's reception and impact through the Távora archive». *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 288-332 [Doi: 10.7301/Z09S1P81].
- SIMÕES, João Gaspar (1959). *História da Poesia Portuguesa do Século Vinte*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- \_\_\_\_ (1950). *Vida e Obra de Fernando Pessoa—História Duma Geração*: vol. 1 (Infância e Adolescência) and vol. 2 (Maturidade e Morte). Amadora: Bertrand.
- VERÍSSIMO, Artur (2000). *Dicionário da Mensagem – Figuras Históricas, Mitos, Símbolos, Conceitos*. Porto: Areal Editores.
- VIZCAÍNO, Fernanda (2018). *Correspondência de Fernando Pessoa Revisitada*. Tese de Doutoramento em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas.